Organizadoras
Nilda Stecanela e Eliana Rela

Obra dedicada à memória de Bernard Charlot

Prefácio de José Dilson Cavalcanti

Balanços da (auto) transformação em pesquisa: a constituição da autoria

EDUCS PESQUISA
UCS PPGEDU
CAPES

Balanços da (auto) transformação em pesquisa:

a constituição da autoria

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Ubiratã Rezler

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Asdrubal Falavigna

Vice-Reitora:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
André Felipe Streck

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côrte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

Alexandre Cortez Fernandes – Presidente do Conselho
André Felipe Streck
Clovis Eduardo Malinverni da Silveira
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Janaina Macke
Márcio Miranda Alves
Marcell Bocchese
Odair Camati
Odilon Giovannini Junior
Pedro Lopes da Cruz
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária
Terciane Ângela Luchese
Vinício Cecconello

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Universitá degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales Praeeminentia Iustitia/ Peru

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/ Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/ Argentina

Nathália Cristine Vieceli
Chalmers University of Technology/ Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



Organizadoras
Nilda Stecanela e Eliana Rela

Obra dedicada à memória
de Bernard Charlot
Prefácio de José Dilson Cavalcanti

Balanços da (auto) transformação em pesquisa: a constituição da autoria

EDUCS PESQUISA
UCS PPGEDU
CAPES

O rigor e a exatidão dos conteúdos publicados nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos(as) seus(suas) autores(as) e organizadores(as).
© das organizadoras
1ª edição: 2026
Preparação de texto: Gimerson Ferreira Alves
Leitura de prova: Helena Vitória Klein
Finalização de Arte: Luana Stela Martini
Editoração e Capa: Igor Rodrigues de Almeida
Ilustração da Capa: Magnific

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

B171 Balanços da (auto)transformação em pesquisa [recurso eletrônico] : a constituição da autoria / org. Nilda Stecanela, Eliana Real. – Caxias do Sul : Educs, 2026.
Dados eletrônicos (1 arquivo).

Obra dedicada à memória de Bernard Charlot.
Vários autores.
Modo de acesso: World Wide Web.
Apresenta bibliografia.
DOI 10.18226/9786558076223
ISBN 9786558076223

1. Pesquisa - Educação. 2. Pesquisadores. 3. Autoria. I. Stecanela, Nilda. II. Real, Eliana.

CDU 2. ed.: 37:001.891

Índice para o catálogo sistemático

1. Pesquisa - Educação	37:001.891
2. Pesquisadores	001.891
3. Autoria	808.1

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:

UCS | EDUCS EDITORA

EDITORA AFILIADA

EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br

Sumário

Apresentação 9
Nilda Stecanela
Eliana Rela

Prefácio – o gesto simbólico de aceitar um prefácio 13
José Dilson Cavalcanti

Aprender, ensinar, transformar: memórias de um mestrado 21
Ana Maria Sampaio dos Santos

Balanços da (trans)formação em pesquisa: epifanias para a autoria 26
Andressa Vieira

Entre silêncios e dobras: o cotidiano como poética do saber 29
Arlene Aparecida Arruda

A pesquisadora que existe além da pesquisa 35
Camille Luzia Grizon Rampon

Origens, raízes, experiências vividas... 38
Cassiane Curtarelli Fernandes

Na encruzilhada de saberes: Autoria como ato de tecer a Educação Física e as ciências da educação 43
Cristian Giacomoni

Espero nunca parar, nunca deixar de curiosear 48
Cristina Benedetti

Doutorado: produzir uma tese – a Tese 51
Diana Lusa

Vivências para a formação pesquisadora 58
Elisângela Cândido da Silva Dewes

Entrelaçamentos entre a vida e a escolha em cursar o mestrado 65
Fabiane Ferretti Munhoz

Percurso de uma pesquisadora: Escolhas, desafios e encantamentos... Minha vivência na pesquisa 72
Fernanda Meneghel Cadore

Entre silêncios, escritas e encontros: uma jornada em (trans)formação 76
Isadora Alves Roncarelli

O filho do pedreiro e da costureira agora é doutor 81
Ivânio Dickmann

(Re)vivendo a pesquisa pelo coração 94
Janaina Dorigo dos Santos

A busca por relações pedagógicas mais justas 102
Jourdan Linder

O emaranhado de minha tecitura pessoal 105
Júlia Duarte Schenkel

Aprendi a respeitar o processo de aprender 112
Marcelo Luis Fardo

Balanços da (trans)formação embalados pela pesquisa 114
Marcia Speguen de Quadros Piccoli

Alpinismo do saber 123
Maria Eduarda Ribeiro da Silva

A minha (des)construção na pesquisa 127
Maria Isabel Silveira Furtado

Mestrado: mais que uma formação, um aprendizado para a vida 131
Marlí De Conto

De mestranda a mestra em educação 133
Melina Sauer Giacomin

Mestrado em educação: um movimento de transformação 138
Patrícia Marchesini

Balanços da jornada: arfadas e adernamentos 144
Pedro Augusto Alves de Inda

Uma fase de muitas descobertas, reflexões e um crescimento imensurável 156
Priscila Ghellere

Um processo profundo de transformação pessoal e acadêmica 160
Rejane Maria Nascimento Kravetz

A tese como processo: saberes, encontros, criações e transformações 162
Samanta Vanz

Nas fases da lua, a transformação de uma professora 167
Schayla Letyelle Costa Pissetti

O que me move... 173
Simone Maria Spanhol

Entre leituras e escritas: fragmentos de uma trans-formação em 176
Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju

Baptizei esses textos de balanços de saber, mas, pensando bem, são de facto balanços da aprendizagem. Eu guardarei, contudo, a expressão "balanço de saber" já que o instrumento está agora identificado com este nome, que além disso é menos palavroso; entretanto, não se pode esquecer que é de facto a aprendizagem que é explorada nesses balanços e não o saber num sentido restrito.

Bernard Charlot *in memoriam* (2009, p. 18-19).

Apresentação

As palavras abrigadas nas páginas deste livro integram as Políticas de Autoavaliação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu – UCS), nomeadamente no tocante ao acompanhamento dos seus egressos (Rela e Stecanela, 2024)[1].

Para além de instrumentos de monitoramento do destino dos egressos, comumente adotados e representados por formulários eletrônicos com questões abertas e ausência das identidades dos sujeitos participantes, os "Balanços de (auto)transformação em pesquisa: a constituição da autoria" assumem sentidos plurais e, ao mesmo tempo, singulares. Singulares porque as palavras evocadas para expressar os desdobramentos dos percursos formativos e investigativos decorrentes da conclusão da pós-graduação *stricto sensu* ecoam os múltiplos sentidos que cada autor e autora escolheu trazer para o seu texto. Plurais porque cada balanço escrito e publicizado comunica sentidos atribuídos às trajetórias acadêmicas e profissionais e ecoam uma identidade formativa que perpassa o Programa de Pós-Graduação no âmbito do qual constituíram-se pesquisadores e pesquisadoras em Educação, revelando também parte de sua identidade ou vocação.

[1] RELA, Eliana; STECANELA, Nilda (org.). Caderno de políticas de autoavaliação [do] Programa de Pós-Graduação em Educação [da] Universidade de Caxias do Sul. 1. ed. Caxias do Sul: PPGEdu-UCS, 2024. v. 1. 108p.

Trata-se de um rico instrumento de pesquisa, de catarse e, por assim dizer, de avaliação. São considerações, adaptadas dos balanços de saber contidos no enunciado clássico do saudoso professor Bernard Charlot, a quem lembraremos com muito afeto, tanto pela sua imperiosa contribuição com a área da Educação quanto em razão de suas andanças pelo nosso Programa, seja presencialmente, seja por videoconferência, seja pela participação em bancas, coorientação e diálogos afeto-cognitivos.

Assim, como forma de contextualizar o convite feito aos egressos para refletirem sobre seus percursos nos cursos de mestrado e doutorado, transcrevemos a seguir o convite enviado aos concluintes do PPGEdu-UCS entre os anos de 2021 e 2024. De um total de 150 titulados no quadriênio, obtivemos a adesão de 37 egressos, dos quais 30 encaminharam o Termo de Cessão de Direitos Autorais, concordando em participar desta obra.

Prezado(a) egresso(a)!

Se você está recebendo esta mensagem é porque passa a integrar o corpo discente de egressos do PPGEdu-UCS, com a ressalva de que se entende por egresso e concluinte o(a) pós-graduando(a) que entrega a versão final da tese ou dissertação em até 90 dias após a banca de defesa. Portanto, se ainda não entregou, fique atento(a) aos prazos.

O nosso contato é para fazer um convite e que você se sinta motivado(a) e se mobilize a escrever os seus "Balanços da trans-formação em pesquisa", considerando o período de formação durante o mestrado e/ou o doutorado.

Trata-se de um instrumento inspirado nos Balanços de Saber que Bernard Charlot formulou em sua pesquisa com jovens franceses desenvolvida nos anos 90 do Século passado. O enunciado original utilizado pelo autor previa a seguinte formulação: "Desde que nasci, aprendi muitas coisas, em casa, na rua, na escola e em outros lugares... O quê? Com quem? O que é importante para mim nisso tudo? E agora, o que

eu espero?" (Charlot, 2001, p. 37)[2]*. Vários(as) pesquisadores(as) fizeram adaptações a partir desse instrumento e as utilizam em suas pesquisas como instrumento de construção de dados.*

Feita essa contextualização, reiteramos que sua contribuição será muito importante para o Programa e esperamos sua adesão ao proposto, interagindo e dando continuidade à seguinte problematização, na forma de um texto narrativo e reflexivo:

Balanços da (trans)formação em pesquisa: olhares para a autoria

> ***Desde que iniciei o curso de mestrado ou doutorado, me (trans) formei: nos seminários; nas seções de orientação; no grupo de estudos e pesquisa; nos eventos; nas leituras; nas apresentações públicas; nos encontros; nos desencontros; nas dificuldades; nas superações; nos diálogos; nos silêncios; nos dilemas; nos olhares e nas escutas atenciosas. O que me atravessa e permanece, e o que dos outros ficou em mim? E agora, o que eu espero e o que me move?***

Sublinhamos que esse enunciado foi adaptado e construído por estudantes de doutorado, em momento de prática de pesquisa no âmbito do Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação, ministrado pela professora Nilda Stecanela, no segundo semestre de 2023. Participaram os seguintes discentes: Alcione Moraes Jacques; João Carlos Cavalheiro; Júlia Pereira Damasceno de Moraes; Liliane Melo do Amaral; Tânia Mara Theodorovicz Trecino.

Algumas orientações são importantes. O formato de sua escrita poderá conter: no máximo entre 3 e 8 páginas; folha A4, Fonte Calibri tamanho 11, espaçamento entre as linhas de 1,5 cm; margens superior e esquerda de 3 cm, inferior e direita de 2 cm. Salve seu arquivo da seguinte forma: AnoDefesa\Balancos_Fulano(a)_Mestrado\Doutorado\orientador. Não esqueça de assinar e de atribuir um título ao seu texto; escolha um lugar agradável para deixar fluir sua escrita.

Desejamos ótimas reflexões.

Comissão de Autoavaliação.

Finalizamos esta apresentação destacando nossa surpresa e alegria ao receber e ler os balanços, que, com a esperança de que essas escritas possam inspirar o olhar para as múl-

[2] CHARLOT, Bernard. Os jovens e o saber: perspectivas mundiais. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

tiplas dimensões de impacto que escapam aos indicadores mensuráveis abarcados nas fichas de avaliação e nos processos regulatórios da qualidade da pós-graduação *stricto sensu*, nos mobilizaram a organizar este livro. Desejamos que as palavras dos autores e autoras materializadas nas páginas desta obra produzam muitos ecos.

Nilda Stecanela[3] *e Eliana Rela*[4] *– organizadoras*

[3] Professora responsável pelo Seminário de Metodologia de Pesquisa em Educação e pelo Seminário de Tese I. Doutora e mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação e Coordenadora do Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul. Membro da Rede Internacional de Investigadores da Relação ao Saber (RIRSA).

[4] Coordenadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Prefácio – o gesto simbólico de aceitar um prefácio

Ser pesquisador é estar em permanente processo de aprendizagens e de aquisição de experiências e, portanto, em múltiplas relações – com o mundo, com os outros e consigo mesmo. De fato, em nossa trajetória como pesquisadores, vamos, pouco a pouco, aprendendo a nos relacionar com as diferentes formas de atividade e com a participação na vida acadêmica. No início, apesar dos receios e inseguranças, nos entusiasmamos escrevendo comunicações em eventos, submetendo artigos a revistas, participando de bancas, emitindo pareceres, organizando dossiês, coordenando grupos, assumindo responsabilidades institucionais, escrevendo livros, organizando coletâneas, orientando pesquisas, formando pessoas. Cada gesto traz consigo uma aprendizagem, uma forma de reconhecimento e certa responsabilidade diante do campo a que pertencemos.

Há convites, no entanto, que deslocam e implicam o sujeito em camadas mais densas, não apenas porque acrescentam uma nova tarefa à agenda já saturada da vida universitária, nem apenas porque inscrevem aquele que é convidado em uma cena institucional de reconhecimento, o que compreendo como dimensão socioinstitucional do convite. Sendo assim, trata-se também de uma interpelação subjetiva na qual o convite instala uma dimensão psíquica mais profunda, colocando o prefaciador na posição daquele a quem se supõe atribui um saber. Obviamente, não um saber absoluto, mas

o de uma palavra autorizada, que possa ousar mediar o encontro entre uma obra e uma comunidade possível de leitores. Prefaciar, nesse sentido, é assumir a palavra como mediação diante de um texto que se apresenta ao mundo.

Escrever um prefácio não é apenas escrever um texto antes do livro. É estabelecer, desde o início, uma certa relação ao saber: uma disposição de leitura, de escuta e de implicação que permita sentir a obra, compreender a experiência formativa que ela envolve e dizer algo sobre ela sem a pretensão de encerrá-la. Prefaciar, nesse sentido, é reconhecer a potência de um livro sem reduzir sua abertura.

Ao receber de Nilda Stecanela o convite para prefaciar esta obra, organizada em parceria com Eliana Rela, experimentei concretamente essa dupla dimensão. De um lado, a honra própria de uma cena de reconhecimento socioinstitucional, sobretudo por vir de uma pesquisadora cuja trajetória expressa densidade intelectual, maturidade acadêmica e compromisso ético com a formação humana. De outro, um certo travamento produzido pela dimensão psíquica do convite, já que prefaciar uma obra como esta exige mais do que apresentar suas virtudes; exige encontrar uma forma justa de aproximação, uma palavra que não pese demais sobre o texto, mas que também não se furte à responsabilidade de situá-lo.

Foi nesse ponto que me veio à memória uma provocação de Bernard Charlot. Em outro contexto, ao prefaciar um livro que organizei recentemente com uma colega argentina e um colega francês, Charlot observou que há livros que não precisam de prefácio. Não porque lhes falte algo, mas exatamente pelo contrário: porque são suficientemente fortes

para se sustentarem por si mesmos. Um prefácio, nesses casos, não deve funcionar como certificado de valor, nem como chancela externa, nem como ornamento protocolar. Deve operar como gesto de acolhimento, reconhecimento e convite ao diálogo.

Talvez, portanto, a verdadeira questão não seja por que escrever um prefácio para esta obra, mas o que significa aceitar escrevê-lo. Aceitar este prefácio significou, para mim, entrar em relação com um livro que não depende de uma palavra introdutória para afirmar sua relevância, mas que permite, justamente por sua força, uma interlocução fecunda. Este texto nasce, assim, menos como apresentação e mais como exercício de relação: relação com a pesquisadora que me convidou, com os capítulos que compõem a obra, com o campo da formação, com as narrativas que nos constituem e com os saberes que se produzem quando sujeitos se autorizam a narrar, interpretar e compreender suas próprias trajetórias.

É justamente a partir dessa compreensão do prefácio como gesto de relação que me aproximo desta obra organizada por Nilda Stecanela e Eliana Rela. O livro reúne textos de egressos e egressas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, convidados a revisitar, por meio da escrita, os percursos vividos no mestrado e no doutorado. Trata-se, portanto, de uma coletânea que não se organiza apenas em torno de temas de pesquisa, objetos investigativos ou resultados acadêmicos, mas em torno das marcas formativas deixadas pela experiência da pós-graduação *stricto sensu*. Cada capítulo dá a ver, a seu modo, os sentidos atribuídos às trajetórias acadêmicas e

profissionais, fazendo emergir traços da identidade formativa do Programa e dos sujeitos que nele se constituíram pesquisadores e pesquisadoras em Educação.

Uma das marcas mais fecundas da obra está na inovação metodológica de conceber o acompanhamento de egressos para além dos instrumentos habituais de monitoramento, frequentemente reduzidos a formulários, indicadores e registros de destino profissional. Ao propor os *Balanços da (auto)transformação em pesquisa: a constituição da autoria*, inspirados nos balanços do saber de Bernard Charlot, as organizadoras deslocam a avaliação dos egressos para um plano mais narrativo, reflexivo e formativo. Nessa perspectiva, a obra realiza o objetivo anunciado por Nilda Stecanela e Eliana Rela: inspirar o olhar para as múltiplas dimensões de impacto que escapam aos indicadores mensuráveis dos processos avaliativos da pós-graduação *stricto sensu*. Assim, o livro se inscreve no campo da autoavaliação, mas o ultrapassa ao mostrar que o impacto de um Programa também se revela nas narrativas, nas memórias e nas transformações produzidas nos sujeitos que por ele passaram.

Quando as palavras revelam o coração da obra: uma arquitetura de sentido

Em algumas situações, quando participo de bancas, leio dissertações ou teses, examino relatórios de pesquisa ou me aproximo de uma obra acadêmica, costumo tentar compreender sua arquitetura interna a partir das palavras que aparecem com mais força. Durante muito tempo, fiz isso de modo quase artesanal, observando recorrências, aproximações e insistências vocabulares que me ajudavam a

perceber o movimento de um texto. O que me interessava, no entanto, nunca foi o número pelo número, mas aquilo que certas recorrências poderiam sugerir sobre a arquitetura de sentido de uma obra. Não se trata, evidentemente, de reduzir uma obra à frequência de seus termos, mas de perceber que algumas palavras insistem, retornam, atravessam capítulos, organizam sentidos e revelam algo do movimento intelectual, formativo e subjetivo que sustenta uma produção.

Foi também por esse caminho que me aproximei deste livro. Em meio à pluralidade das narrativas, das experiências e dos percursos formativos aqui reunidos, algumas palavras parecem revelar o seu coração: "formação", "pesquisa", "transformação", "narrativa", "experiência", "sentido", "trajetória", "memória", "saber", "permanência", "atravessamento" e "movimento". Mais do que vocabulário recorrente, elas compõem uma constelação de sentidos que ajuda a compreender a força da obra. Trata-se de um livro sobre egressos, mas não apenas sobre seus destinos acadêmicos ou profissionais; é, sobretudo, uma obra sobre os efeitos da formação *stricto sensu* na constituição de sujeitos que, ao narrarem seus percursos, tornam visíveis as marcas deixadas pela experiência da pesquisa.

Quando essas palavras são lidas em conjunto, o que se evidencia é uma arquitetura de sentido organizada em torno da relação entre narrativa, autotransformação e formação humana. A narrativa não aparece aqui como recurso metodológico superficial, nem como simples estratégia de sensibilização. Ela funciona como mediação pela qual a experiência vivida é retomada, interpretada e significada. Ao dar voz aos egressos e egressas, o livro permite compreender

que a formação não se reduz ao cumprimento de créditos, à defesa de uma dissertação ou tese, à produção de indicadores ou à obtenção de um título. Ela se realiza também nos deslocamentos subjetivos, nos saberes incorporados, nos atravessamentos produzidos, naquilo que dos outros permanece em cada sujeito e naquilo que continua a movê-lo depois da conclusão do mestrado ou do doutorado.

Talvez esteja aí uma das grandes virtudes da obra organizada por Nilda Stecanela e Eliana Rela: devolver espessura à experiência formativa. Em tempos nos quais a educação é frequentemente capturada por métricas, protocolos e discursos de eficiência, esta obra insiste em algo fundamental: o fato de que a formação humana não se mede apenas pelo que é entregue, performado ou certificado. Ela também se compreende em função do que se transforma na relação do sujeito consigo mesmo, com os outros, com o tempo, com a memória, com a pesquisa e com os saberes. Nesse sentido, a narrativa não é uma fuga da racionalidade avaliativa. É uma outra forma de produzir inteligibilidade sobre aquilo que os números, sozinhos, não conseguem alcançar.

Avaliar o que os indicadores não alcançam

Uma das contribuições importantes desta obra está em tensionar, com delicadeza e firmeza, os modos como a pós-graduação costuma avaliar seus próprios efeitos. Falo isso também a partir de uma experiência institucional concreta, pois durante quatro anos estive à frente da coordenação de um Programa de Pós-Graduação e pude acompanhar, por dentro, as exigências, os limites e as inquietações que atravessam os processos de avaliação.

Em geral, quando se fala em acompanhamento de egressos, tende-se a buscar informações sobre inserção profissional, produção acadêmica, continuidade da carreira, participação em redes, publicações e indicadores capazes de compor relatórios institucionais. Tudo isso importa, evidentemente. No entanto, a obra organizada por Nilda Stecanela e Eliana Rela nos lembra que há efeitos da formação que não se deixam apreender apenas por registros objetivos. Há marcas que aparecem nas trajetórias, nas memórias, nas escolhas, nos deslocamentos subjetivos e nos modos como cada egresso passa a compreender sua própria relação com a pesquisa, com a Educação e consigo mesmo.

É nesse ponto que a adaptação dos balanços do saber de Bernard Charlot se mostra especialmente fecunda. Ao convidar os egressos a escreverem seus balanços de autotransformação em pesquisa, a obra transforma o acompanhamento institucional em uma experiência narrativa e reflexiva. A avaliação deixa de ser apenas coleta de dados sobre o destino dos formados e passa a ser escuta dos sentidos produzidos pela formação. O que se acompanha, então, não é somente onde estão os egressos, mas o que permaneceu neles, o que os atravessou, o que dos outros ficou em suas trajetórias e o que continua a movê-los depois da conclusão do mestrado ou do doutorado.

Ao concluir a leitura, permaneceu em mim também o desejo de retomar esta obra em outro momento, com mais vagar, para aprofundar diálogos que ela suscita com questões que venho investigando, juntamente com meu grupo de pesquisa, no campo da relação ao saber. Refiro-me, entre outras, às noções de mobilização, desejo, sentido, atividade

intelectual, *rapport* ao saber do pesquisador e fatores de codeterminação desse *rapport*. Evidentemente que não foi objetivo da obra abordar todas essas questões. Não obstante, talvez resida aí uma de suas potências: além de cumprir sua função no âmbito da autoavaliação e do acompanhamento de egressos, ela oferece ao campo um material fértil para novas leituras, novas problematizações e novas interlocuções.

Por isso, este prefácio não pretende antecipar a experiência do leitor, nem substituir o encontro direto com a obra. Pretende apenas indicar algumas entradas possíveis: o gesto simbólico de acolher um livro que se sustenta por sua própria força; a inovação metodológica de transformar o acompanhamento de egressos em experiência narrativa e reflexiva; a arquitetura de sentido que emerge das palavras que atravessam os capítulos; e a contribuição da obra para pensarmos a formação para além dos protocolos, indicadores e métricas. Que cada leitor possa atravessar estas páginas reconhecendo nelas não apenas trajetórias de egressos e egressas, mas também modos de compreender o que a pesquisa, a memória, a narrativa e a formação produzem nos sujeitos que se deixam transformar pela experiência de saber. Afinal, formar-se é também aprender a narrar, escutar e ressignificar a própria história.

Professor José Dilson Cavalcanti[5]

[5] Mestre e Doutor em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Diretor do Campus do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Coordenador do Núcleo de Pesquisa da Relação ao Saber (NUPERES). Membro da Rede Internacional de Investigadores da Relação ao Saber (RIRSA).

Aprender, ensinar, transformar: memórias de um mestrado

Ana Maria Sampaio dos Santos[6]

Caríssimos(as) leitores(as),

É com imensa satisfação que venho aqui apresentar um pouco da minha transformação desde que iniciei o Mestrado em Educação. Eu sou a Ana Sampaio, filha de Ipueiras, uma cidade do interior do Ceará que fica localizada a 300 km da capital, Fortaleza. A Ana que escreve esse balanço é uma pessoa bem diferente da acadêmica que ingressou no mestrado da Universidade de Caxias do Sul, UCS, em 2021. E o que levou a essa mudança foram os aprendizados construídos junto ao grupo de professores e professoras que me acolheu de forma tão humana que me senti pertencente à Universidade logo no primeiro seminário.

Desde que iniciei o curso de mestrado, novos horizontes se abriram para mim, tanto na vida pessoal quanto na profissional, mas principalmente na vida acadêmica. O desejo de continuar a formação sempre esteve presente. Confesso que, com o mestrado, me (trans)formei: nos seminários, tive

[6] Data da Defesa: 09/10/2023. Título da Dissertação: "Formação Continuada e Pandemia da Covid-19: um Estudo a partir da Experiência Docente no Ensino Fundamental de Ipueiras-CE". Orientadora: Nilda Stecanela. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação esteve vinculada: Trajetórias formativas entrelaçadas: do cotidiano da Educação Superior ao cotidiano da Educação Básica. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/b57a73fc-6d09-4416-a868-79b0d00994fa

a oportunidade de viver novas aventuras, navegando pelas leituras apresentadas. Tenho convicção de que a experiência no mestrado foi minha primeira formação, sem dúvida.

Ainda posso sentir a emoção ao receber o e-mail que informava a minha aprovação. Após aquela data, dois dias depois, aconteceria a "entrevista", que hoje descrevo como uma boa roda de conversa em que sotaques nordestinos e gaúchos se entrelaçavam. Foi um momento de nervosismo e expectativa, mas também de imensa satisfação.

No decorrer do mestrado, participei de várias seções de orientação, nos grupos de estudo e pesquisa, nos eventos acadêmicos, nas leituras intensas e nas apresentações públicas. Cada um desses momentos foi essencial para o meu desenvolvimento. Nos encontros e desencontros, nas dificuldades e superações, nos diálogos e nos silêncios, enfrentei dilemas e aprendi a escutar atentamente. A cada passo, questionava o que me atravessava e permanecia em mim e o que eu levava dos outros.

As sessões de orientação foram cruciais, já que proporcionaram momentos de aprendizado intenso e troca de conhecimentos. No grupo de estudos e pesquisa, encontrei apoio e inspiração. Os eventos acadêmicos me possibilitaram expandir minha rede de contatos e conhecer novas perspectivas. Nas leituras, mergulhei em mundos desconhecidos que enriqueceram meu entendimento sobre diversos assuntos.

As apresentações públicas, por sua vez, foram momentos de grande desafio, mas também de crescimento pessoal e profissional. Enfrentei dificuldades que me fortaleceram e superações que me motivaram a continuar. Os diálogos estabelecidos, tanto nas sessões de orientação quanto nos

encontros informais, foram ricos em ensinamentos e em trocas de experiências. Os silêncios, muitas vezes, falaram mais do que as palavras. Olhares atentos e escutas atenciosas marcaram esse percurso.

Nesse sentido, me questiono: E agora, o que espero e o que me move? A resposta a essa pergunta está na continuidade da minha trajetória acadêmica. O desejo de contribuir para a educação e para a formação de novos profissionais é o que me impulsiona. Espero continuar aprendendo e compartilhando conhecimentos, sempre em busca de novas descobertas e avanços.

O mestrado não foi apenas uma etapa acadêmica; foi uma jornada de autoconhecimento e crescimento pessoal. A cada dificuldade superada, a cada novo aprendizado, fortaleci minha convicção da importância da educação e da pesquisa. Espero que essa trajetória inspire outros a seguirem seus sonhos e a acreditarem no poder transformador do conhecimento. Porém, acredito que não consegui aquietar os anseios e os desejos que me acompanhavam antes do mestrado, pois ser professora é alimentar-se a cada dia. E posso dizer que tenho fome de conhecimento, tenho desejos de buscar novas perspectivas, novas aventuras, novos aprendizados e trazer para a minha cidade, Ipueiras-CE, a inspiração do quão valioso é estar em formação.

Escrevendo, rememoro o quanto o processo, tanto das disciplinas obrigatórias quanto dos seminários ofertados para quem desejasse participar deles, foi significativo. Não deixei passar desapercebido nenhum momento. Participei da escrita de boletins da Universidade, que acontece a cada semestre e dos seminários extras "Tópicos Especiais Cultura

de Paz: Processos Educacionais e Convivência" e "Modos de Ser Criança Ontem e Hoje". Além disso, participei de encontros como o Congresso de Educação (CEDU), dos seminários promovidos pela Universidade e, especialmente, dos Fóruns de Estudos: Leituras de Paulo Freire, que incluem a redação de uma Carta Pedagógica – uma experiência que já vivencio há três anos, consecutivamente. Destaco também que participei da escrita do Observatório de Educação – Informativo, em 2022, com o texto intitulado "Desafios Docentes Durante e Após a Pandemia da Covid-19".

Muitos foram os encontros, pois, visto que iniciei o mestrado no período da pandemia, o desejo de conhecer e abraçar os colegas e professores se fazia muito presente. A ida à Universidade de Caxias do Sul – UCS precisou ser reagendada em virtude da segunda onda da Covid-19, mas, em março de 2023, esse encontro foi possível. Conhecer o espaço físico, os professores, os colegas, os diferentes sotaques dos vários "Brasis" se misturando foi uma experiência única e enriquecedora.

Após o cumprimento das disciplinas obrigatórias, o processo tornou-se mais solitário, cada acadêmico(a) e seu(a) orientador(a) seguiram sua trajetória na escrita das suas dissertações. Todos seguiam dando o seu melhor e contribuindo com a pesquisa científica; esse foi o momento de silenciar e dialogar apenas com os autores que influenciaram a escrita.

Minha dissertação focou na formação de professores e, como tudo foi intenso por conta da pandemia, a Covid-19 também esteve presente nesta escrita, intitulada "Formação Continuada e Pandemia da Covid-19: Um Estudo a partir da

Experiência Docente no Ensino Fundamental de Ipueiras – CE". Por meio dela, foi possível trazer a realidade da minha Ipueiras para essa escrita que pode ser visitada pelo mundo. Trazer as vozes das professoras, seus anseios, medos, dilemas e superações sobre como foi ser professora nesse período tão atípico da humanidade foi de grande valia. Ouvir essas professoras sobre como era, como é e o que se deseja sobre "a formação de professores" no interior do Ceará foi maravilhoso e inédito.

A escuta das professoras me tocou profundamente, pois aquelas angústias e superações tinham um pouco da minha vivência como professora. Mas o que realmente marcou foi o brilho no olhar de cada uma que, apesar de todas as dificuldades, continuaram firmes e fortes com a linda missão de ensinar. Por mais devastadora que tenha sido a pandemia, não foi capaz de apagar o sonho e a missão de ser professora.

Assim, o que espero é poder seguir com o doutorado, buscando novas possibilidades e novos conhecimentos. O mestrado me instigou a querer mais, e é um querer mais para o bem, um querer mais que não é só para mim; é coletivo. É o desejo de buscar mais e mais que me move a cada despertar, e essa certeza de poder contribuir com a educação me motiva dia após dia.

Balanços da (trans)formação em pesquisa: epifanias para a autoria

Andressa Vieira[7]

O ano era 2017. Para dar conta dos atravessamentos da vida adulta, eu precisava de experimentações que subsidiassem minhas escolhas, as quais traçariam meu percurso profissional. Foi assim que, entre o mestrado acadêmico em administração e o mestrado acadêmico em educação, optei por este. Foi assim que me (trans)formei. Ingressei no Programa de Pós-graduação em Educação da UCS como aluna não regular, e, no Seminário Avançado em Filosofia, conheci, por meio dos professores doutores, Sônia Regina da Luz Matos, Gilles Deleuze e Félix Guattari, que me seduziram com o seu devir; e Vanderlei Carbonara, Hans George Gadamer, com a sua hermenêutica. Constituí-me, certamente, com os encontros nos demais Seminários, bem como com professores e colegas, mas as paixões alegres, ou seja, o que mobilizou a minha potência de agir no mundo, foram os fluxos que se deram a partir das relações no Seminário e dos nomes supracitados, os quais carrego comigo como tatuagens assim como os textos criados, inventados e lidos. Carrego porque quero, porque é um desejo.

[7] Data da Defesa: 17/12/2021. Título da Dissertação: Cartovagar na Dante Alighieri: epifanias de uma praça em Caxias do Sul. Orientadora: Dra. Sônia Regina da Luz Matos. Linha de pesquisa: História, Filosofia e Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Projeto Pedagogia da Diferença. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/6a2611bb-5b6b-41cc-8958-35f17ad6ab7b

Foi assim que me (trans)formei em um Seminário, com encontros. O ano era 2018. Para dar conta dos atravessamentos da vida adulta, eu precisava de experimentações que subsidiassem minhas escolhas, e havia chegado o momento do Projeto de Pesquisa. Já não tinha dúvidas sobre o meu desejo de percorrer a Educação sob as nuances da Filosofia da Diferença, que, no meio do caminho, e sobretudo durante os encontros do grupo de estudos coordenado por Sônia – Difxrxnça –, ganharam intensidade e movimento: seja na Praça Dante Alighieri, seja em outros lugares da cidade. Foi, aliás, em um desses encontros, agora em um conhecido café da cidade – Arco da Velha – que conheci Fernand Deligny. Foi a partir de Deligny que o mapa do meu projeto foi traçado, ainda que não finalizado. Foi quando encontrei o Projeto não pensado. A aranha. A teia. A parede. O aracniano.

Foi assim que me (trans)formei, nos dilemas, nas diferenças. O ano ainda era 2018, eu já era aluna regular. Junto com a minha orientadora, Sônia, traçava o caminho da minha pesquisa, que se formava à medida que acontecia, sempre em via de se fazer, pela cidade de Caxias do Sul, na Praça Dante Alighieri. Assim também foi em 2019, 2020. Eventos, escritas, leituras, apresentações... ao passo que aconteciam, um desvio, um acidente de percurso, um atalho se formava. Tensionamentos da linguagem emergiram, fazendo vir à tona as verdades absolutas, as representações. Quantos olhares e vozes de reprovação por eu ter desejado pesquisar a cartografia da vagabundagem de uma praça! "Que relevância há, para a Educação, em pesquisar isso"? "Um outro modo de existir", eu respondia. A pandemia que o diga! Um tal de coronavírus refutou muita teoria. Inclusive de Educação.

Aliás – diga-se de passagem –, enquanto para o mundo o isolamento social causado pela pandemia provocou sofrimento, para mim, promoveu alívio, cura. Precisei ficar isolada, após o abandono da minha mãe, em 2019, para encontrar, nos desencontros e nos silêncios, as presenças e as vozes necessárias para a escrita da minha dissertação. Então nasceu Alice, tal qual um devir. Uma epifania. Uma *flâneuse* da Praça e da cidade de Caxias do Sul. Sempre à espreita dos encontros, tal qual a aranha que aguarda a presa tocar em sua teia.

E foi assim que me (trans)formei em pesquisadora da linguagem – escrita e leitura –, por meio da perspectiva da Filosofia da Diferença. E foi a partir das tatuagens traçadas com as experiências dessa (trans)formação que me constituí coordenadora pedagógica, em 2021, em uma escola da rede estadual, onde todos os dias, no exercício dessa função, tensiono a representação, defendendo um outro modo – único – de aprender de ensinar. Publicamos a dissertação no espaço: Cartovagar: epifanias de uma *flâneuse* de praça em Caxias do Sul.[8]

[8] Disponível em: https://www.ucs.br/educs/arquivo/ebook/estudos-e-horizontes-de-pesquisa-em-educacao-vol-12/

Entre silêncios e dobras: o cotidiano como poética do saber

Arlene Aparecida Arruda[9]

O que me move é o desejo pela pesquisa, pelo ensino e pela extensão, mas ancorados na poesia e na sensibilidade do olhar, do afetar e de outras formas de viver e de anunciar o direito à educação, sob o viés da amorosidade freireana.

Desde o início do doutorado, fui profundamente inspirada por inúmeras experiências que não só ampliaram meus conhecimentos acadêmicos, mas também transformaram minha forma de enxergar o mundo e a educação. A trajetória acadêmica foi marcada por encontros, diálogos e silêncios que se entrelaçaram de maneira indissociável a minha formação pessoal e profissional como pesquisadora e docente. Cada seminário, orientação, evento ou momento de estudo foi uma oportunidade para questionar e refletir sobre os caminhos da educação e o papel da/do docente, da/do pesquisadora/pesquisador e da/do aprendiz.

Ao longo dessa jornada, compreendi que a educação é uma construção humana, um encontro afetivo entre aque-

[9] Data da Defesa: 04/12/2023. Título da Tese: Jovens e ensino médio em tempo integral: sentidos atribuídos ao macrocomponente curricular núcleo articulador. Linha de pesquisa: História, Filosofia e Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Trajetórias formativas entrelaçadas: do cotidiano da Educação Superior ao cotidiano da Educação Básica. Financiamento: FUMDES/SC. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/52880e62-1cf5-4265-be64-d24886a98df1

les que ensinam e aqueles que aprendem. Essa perspectiva foi enriquecida por autores e autoras que compreendem a educação sob a ótica da sociologia do cotidiano, especialmente pelas contribuições de Nilda Stecanela e de Carla Beatris Valentini, cujas ideias se distanciam de uma educação limitada aos conteúdos curriculares. Para Stecanela e Valentini, a educação precisa ser sensível, dialógica e, acima de tudo, amorosa. Elas sugerem que a educação seja um ato de inspiração, de travessias e possibilidades, mas também de reconhecimento das diferentes juventudes. Essa visão me ajudou a perceber que, como pesquisadora, a busca por respostas é menos importante do que a escuta atenta e respeitosa dos sujeitos e contextos que se apresentam.

Nas discussões nos seminários e durante as orientações, muitas vezes os temas se expandiam para além da pesquisa, envolvendo aspectos da vida cotidiana, das emoções e das relações humanas no âmbito acadêmico. Nessas ocasiões, aprendi que o conhecimento não é algo isolado, mas algo que se constrói nas trocas e nas relações humanas. A educação é, antes de tudo, um espaço de acolhimento, de escuta, de olhar atento para o cotidiano, no qual as interações interpessoais se tornam pontos de reflexão e de problematização, exigindo um olhar minucioso e cuidadoso na busca pelos detalhes.

Dessa forma, minha formação se ancorou nos pressupostos da Educação Integral e nos percursos formativos, que se consolidam em práticas de escuta sensível e amorosa, capazes de reconhecer as diversas dimensões da experiência humana.

As leituras feitas durante o doutorado ampliaram meu entendimento sobre a educação e sobre o papel da pesquisa nesse campo. Nilda Stecanela e Carla Valentini, em particular, defendem uma pedagogia da escuta e do afeto, que desafia os modelos tradicionais de ensino, frequentemente desconectados da subjetividade dos estudantes. Essa proposta não apenas me tocou como doutoranda, mas também como docente, mulher, mãe e avó. Ao perceber que a educação se constrói a partir de um "olhar amoroso" voltado ao outro, compreendi que minha prática pedagógica não poderia ser dissociada da dimensão afetiva e das emoções que emergem nesse processo.

A ideia de que a educação vai além do cognitivo e é também uma experiência emocional foi se consolidando em minha trajetória, especialmente ao participar de eventos e de encontros que buscavam resgatar a dimensão humana da educação. Nessa trajetória, os diálogos consolidaram uma prática educativa que valoriza as subjetividades e que, de alguma forma, resgata a força dos afetos e do compromisso com o propósito educacional que aponta a pesquisa como prática do olhar, da denúncia e do anúncio.

Agora, ao refletir sobre o que vivi durante o doutorado, tenho a certeza de que a pesquisa é, acima de tudo, um exercício de olhar sensível para os detalhes. É olhar para o mundo com uma lente crítica e, ao mesmo tempo, afetiva. Para mim, a pesquisa não é apenas uma busca por respostas, mas um ato de amorosidade. Isso se reflete na escolha de temas de pesquisa que dialogam com realidades sociais e educacionais que mais me tocam, como a educação para as

diferentes juventudes e o anúncio de um sistema educacional mais justo e igualitário.

A pesquisa no campo educacional não pode ser dissociada do contexto em que está inserida. Ao longo dessa jornada, aprendi que a pesquisa deve ser uma prática de escuta ativa. Stecanela, ao destacar a importância da escuta na prática educativa, me inspirou nos estudos da sociologia do cotidiano. Como pesquisadora, meu objetivo é anunciar outras configurações que permitam o exercício do direito à educação básica.

Ao concluir o doutorado, o que mais me motiva é a possibilidade de continuar esse processo de transformação, tanto pessoal quanto acadêmico. O desejo de seguir pesquisando, com denúncias e anúncios na configuração da última etapa da educação. O que espero agora é dar continuidade a essa trajetória, com base na pedagogia do afeto das orientadoras, que afetou profundamente minha formação e que reforça a importância de uma educação que considere o ser humano em sua totalidade, com todas as suas potencialidades, fragilidades e sonhos.

Refletindo sobre tudo o que vivi até aqui, percebo que minha formação foi construída não apenas a partir do conteúdo aprendido, mas das trocas afetivas, das experiências vividas, das escutas e das emoções compartilhadas nos grupos de pesquisa, seminários, orientações e eventos. Esses momentos foram fundamentais para minha transformação como pesquisadora e como pessoa. O que me move agora é a busca por contribuir para uma educação que respeite as diversidades e que se baseie no amor, na ética do cuidado e na escuta ativa, tal como Nilda e Carla sempre defenderam.

Para mim, a educação é tanto um exercício acadêmico quanto um caminho de transformação contínua, que exige coragem para ouvir, para transformar e para se deixar transformar.

Assim, esta jornada foi imersa em poesia, e, diante da grandiosidade das experiências vividas e das obras de Stecanela, sinto-me inspirada a traduzi-las em versos.

O Saber nas Dobras[10] do Cotidiano
O saber se encontra nas dobras,
não nas linhas retas dos livros,
mas nas curvas do cotidiano,
onde cada gesto, cada olhar,
tece uma rede invisível de saberes.

José Machado Pais nos ensina,
que a sociologia nasce nas práticas diárias,
nas trocas silenciosas,
nos rituais simples que configuram o social.
É nas pequenas ações, nos encontros fugazes,
que se revela o grande, o coletivo,
que se transforma o individual em universal.

Nilda e Carla, por sua vez,
nos falam da educação do afeto,
onde o saber não é só razão,
mas é também escuta, emoção,
um olhar sensível sobre o outro,
um acolhimento da subjetividade.

O saber não está distante,
ele respira nas dobras do cotidiano,
no cuidado, na escuta,
nas relações que se constroem nos detalhes
É na atenção ao outro,
na troca afetiva,
que se revela o que antes estava oculto.

Assim, o saber se refaz,
não em respostas prontas,
mas em inúmeras problematizações que se ampliam,
em olhares que se aprofundam,
em práticas que se repetem,

[10] Termo inspirado nas obras de Nilda Stecanela.

mas que nunca são as mesmas.

Nas dobras, o saber é movimento,
não é fixo, não é estático,
mas se faz e se refaz,
nas relações de cuidado e afeto,
onde o social se constrói,
e a educação é, acima de tudo,
um espaço de acolhimento, de transformação
e de novas travessias

(Arlene Aparecida de Arruda).

A pesquisadora que existe além da pesquisa

Camille Luzia Grizon Rampon[11]

Desde que iniciei o curso de mestrado, fui moldada por uma série de experiências e (trans)formações que expandiram minha visão sobre a educação e a pesquisa. Nos seminários, forjei, junto aos colegas e aos professores, uma nova forma de ver o cotidiano e os atravessamentos da academia sobre ele. Percebi que, na educação, a troca de saberes é tão, ou mais, importante que as leituras e as teorias acadêmicas. As discussões em sala abriram espaço para outras perspectivas, mostrando que o conhecimento não é algo isolado, mas construído em interação com o outro.

Nas sessões de orientação, encontrei apoio e um olhar de perspectiva crítica constante, o que foi fundamental para o aprimoramento da minha pesquisa. Esse processo de orientação foi particularmente importante em momentos em que precisei conciliar as demandas acadêmicas com as da minha vida pessoal, como a licença-maternidade e as frequentes questões de saúde. A orientação tornou-se, assim, um ponto de apoio, ajudando-me a enfrentar os desafios que

[11] Data da Defesa: 30/07/2024. Título da Dissertação: Ler com e escrever com o educador F. D.: delyneando circunstâncias. Orientadora: Sônia Regina da Luz Matos. Linha de pesquisa: História, Filosofia e Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Pedagogia da Diferença. Financiamento: Subsídio financeiro da Universidade de Caxias do Sul (desconto de funcionário/professor). Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/c34a377b-bced-48a5-8b83-81f351396948

surgiram durante o percurso e garantindo que, apesar das adversidades, eu continuasse a avançar.

O grupo de estudos e pesquisa revelou-se um espaço inestimável de trocas. Mais do que um ambiente acadêmico, tornou-se o melhor *networking* que eu poderia imaginar. Nele, compartilhei anseios, dificuldades e *insights* com colegas que, muitas vezes, enfrentam os mesmos desafios — tanto na profissão de professor quanto na vida pessoal, especialmente no que se refere às renúncias que a pesquisa impõe aos compromissos familiares e sociais. Esse grupo foi fundamental no apoio à escrita, à releitura e à reescrita do trabalho, além de incentivar minha participação em eventos. No grupo de estudos da Diferença, como mestranda e professora, encontrei acolhimento, força e apoio para enfrentar as questões que permeiam a vida de estudante, de trabalhadora, de cidadã e de mãe. Fui respeitada como um todo, e essa acolhida me deu a energia necessária para continuar.

Ao olhar para trás, pergunto-me: o que me atravessa e permanece? E o que dos outros ficou em mim? Permanece, sem dúvida, a vontade de seguir pesquisando. Sinto-me atravessada pelos desejos e pelos percalços do cotidiano e vejo na pesquisa uma forma de compreender e aprofundar o que me afeta na vida educacional. O que ficou dos outros em mim é a força das trocas, o respeito pelas múltiplas vozes e a certeza de que a educação é uma construção coletiva, vivida em conjunto com os desafios diários.

E, agora, o que eu espero? O que me move? O que me move é o desejo de continuar aprendendo, de estar com a educação, de fazer parte dessa construção coletiva que, a cada dia, se revela mais desafiadora e, ao mesmo tempo,

mais instigante. Espero continuar investigando, buscando, também, novas perguntas, sempre conectada à realidade que me cerca e aos afetos que dela surgem. A pesquisa, para mim, é um caminho de autodescoberta, e seguir nesse percurso é o que me inspira a continuar.

Origens, raízes, experiências vividas...

Cassiane Curtarelli Fernandes[12]

> *Alguns elementos que conformam nossa memória permanecem estáveis em boa medida, porém muitos dos conteúdos arquivados se deformam, vez por outra, no complexo caleidoscópio dos jogos de espelhos a que se veem submetidos. Talvez por isso, os rios, quando querem orientar, ou melhor, reorientar o seu sentido, se acalmam e sossegam no contínuo devir de suas águas e, inclusive, às vezes correm para trás, para suas fontes (assim pensou o poeta), em busca de suas origens, nas quais podem reencontrar as raízes primordiais da experiência vivida, essenciais para continuar de forma coerente o rumo traçado.*
> (Agustín Escolano Benito, 2017, p. 185).

Há três anos, aproximadamente nesta época, eu defendia minha Tese, concluindo um período importante da minha trajetória acadêmica. Depois de quatro anos de leituras, análises e escritas, eu terminava o Doutorado em Educação, uma experiência enriquecedora, mas também trabalhosa, solitária e feita de muitas ausências da "vida real", afinal, foi preciso um tempo precioso de imersão para que a

[12] Data da Defesa: 22/11/2021. Título da Tese: História dos grupos escolares em Garibaldi e Farroupilha: matizes de práticas pedagógicas e escolares (Rio Grande do Sul, 1926-1949). Orientador(a): Terciane Ângela Luchese. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: História das culturas escolares em perspectiva transnacional: sujeitos, saberes, materialidades e práticas educativas entre Brasil e Itália (1875 - 1945). Financiamento: CNPq. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/c5624cdc-4068-41e9-be1e-3510c9d1a74c

pesquisa pudesse acontecer e frutificar. Assim, ao receber o convite que dá origem a esta escrita, fui tomada pela nostalgia de uma época feliz e também pelas muitas memórias que constituem "as raízes primordiais da experiência vivida, essenciais para continuar de forma coerente o rumo traçado", como me inspira a pensar Escolano Benito (2017, p. 185) ao tratar da memória escolar e da identidade.

Bem, o cenário desta escrita não é a escola; é a Universidade de Caxias do Sul (UCS), em especial, o Programa de Pós-Graduação em Educação, o nosso querido PPGEdu, no qual se encontram algumas das minhas "origens" como professora e pesquisadora. No entanto, ele só foi possível porque eu vivera outras experiências. Em 2013, tornei-me pedagoga e, junto com a formatura, ecoaram outros planos e sonhos. Neles, sempre o desejo de continuar crescendo, aprendendo, estudando. Importa dizer que, ainda na época da graduação, me encantei pela História da Educação e pela pesquisa, quando tive o privilégio de ser aluna das professoras Terciane Ângela Luchese e Simone Côrte Real Barbieri, que seguem me inspirando.

Após a formatura, tive a oportunidade de continuar na UCS, porém trabalhando na secretaria do bloco das licenciaturas em Bento Gonçalves/RS. Lá, eu decidi que iria continuar os estudos, e o Mestrado emergiu como uma possibilidade viável. Naquele momento, tive a ajuda preciosa e generosa da Professora Terciane na organização do projeto de pesquisa. Por orientação dela, cursei como aluna não regular a disciplina de História da Educação no Brasil, ministrada pelo Professor Lúcio Kreutz. Que honra! Após a seleção, tive novamente o privilégio de ser orientada pela Profe Terci e

de ser bolsista com dedicação exclusiva. Foram dois anos muito especiais e trabalhosos, em que eu realmente vivi a pesquisa e a escrita da minha dissertação. Precisei, sim, de um bom tempo para entender e me apropriar do referencial teórico e metodológico do meu estudo, pois tudo ainda era novidade. Os momentos de estudo em grupo, as aulas, as leituras, o apoio da Terci e as participações nos diferentes eventos foram fundamentais naquele tempo.

Finalizei o mestrado em 2015 e fui lecionar. Queria ter a experiência da sala de aula. Nesse meio tempo, realizei outros estudos até decidir retomar a pesquisa e cursar o Doutorado em Educação. A vontade de prosseguir com os estudos acerca dos grupos escolares locais foi uma motivação a mais para esse retorno. Penso que o caminho da pesquisa é encantador e, quando pegamos gosto por ele, é difícil permanecer distante por muito tempo. Assim, montei o projeto contando novamente com o olhar generoso da Terci e iniciei a seleção rumo ao doutorado. Em função da classificação adquiri uma das bolsas, mas continuei trabalhando meio turno. Conforme os dias foram transcorrendo, fui me reinventando e aprendendo a conciliar o estudo com o trabalho, diferentemente da época do mestrado. Confesso que não foi fácil, mas penso ter concluído minha tese com êxito.

Enquanto escrevia este texto, abri o arquivo do meu trabalho e fiz uma leitura rápida passando pela beleza da capa com fotos dos sujeitos que deram vida às escolas da minha pesquisa, depois pelo sumário... Li os agradecimentos, a introdução e fui passando pelos capítulos. Senti um orgulho imenso e um sentimento de dever cumprido. Em cada linha escrita, há muito do que foi aprendido, ressignificado e viven-

ciado nos últimos anos. Menciono que, ao concluir a tese, pude percebê-la, simbolicamente, como uma pintura que ganhou forma, com o passar do tempo, a partir da imersão na teoria e do manuseio/seleção dos diferentes documentos. O tempo, mesmo que por diversas vezes insuficiente, permitiu-me compor uma bela narrativa, matizando cores, palavras, memórias, fotografias, papéis e escritos diversos.

Neste contexto, penso ser importante mencionar o apoio financeiro da Capes, pois sem ele eu não poderia ter continuado os meus estudos. Foram quatro anos bem vividos no PPGEdu, em que pude aprofundar os estudos realizados anteriormente com mais autonomia. Os conhecimentos adquiridos no mestrado e o prolongamento do tempo para a escrita da tese tornaram mais leve o processo de doutoramento. Tive aulas excelentes e uma turma de doutorado que deixou saudades.

Eu não poderia deixar de citar a importância do Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM) do qual faço parte, pois por meio dele me mantenho em contato com os fazeres acadêmicos e com a pesquisa, mesmo distante fisicamente da Universidade. Por meio do GRUPHEIM pude apresentar minha pesquisa em outros espaços, ouvir outros colegas, discutir textos, metodologias. Pude participar da organização de eventos e de livros, bem como da escrita de diversos capítulos. Aos professores que conduzem o nosso grupo de pesquisa, sou grata pela parceria, pela partilha e pela generosidade.

Destaco também a importância das relações que são tecidas na vida e na pesquisa. Relações estas que extrapolam os muros da Universidade e fazem com que possamos estar

juntos(as) nos melhores e nos piores momentos. Independentemente dos dias que insistem em passar depressa, os afetos permanecem e perduram. Estamos, mesmo que longe, na torcida uns pelos outros, celebrando o artigo publicado, o *e-book* produzido por muitas mãos, o evento organizado, a presidência da Sociedade Brasileira de História da Educação, ou então o nascimento de um filho, o novo emprego, a nova residência. Eu, particularmente, gosto de acompanhar as conquistas e as trajetórias daqueles(as) que fazem ou fizeram parte da minha vida pessoal e acadêmica, em especial, dos amigos(as), colegas e professores(as) do PPGEdu.

Por fim, ao produzir este texto, percebo o quanto fui privilegiada por ter a oportunidade de continuar os estudos e de experienciar o trabalho com a pesquisa. Um pouco mais de dez anos se passaram desde o ingresso no Mestrado em Educação, e posso dizer que já não sou mais a mesma. O contato com o referencial da História Cultural, a responsabilidade ao produzir um conhecimento sério e viável, a convivência com os professores e os colegas, as exigências da escrita acadêmica, os eventos, o dia a dia na Universidade e os encontros do GRUPHEIM me fizeram crescer como pessoa, como professora e como pesquisadora. Mudei o jeito de escrever, de pensar, de olhar para algumas questões do cotidiano. Sigo o meu caminho aprendendo, somando, dividindo. Levo um pouco daqueles(as) com quem tive o privilégio de conviver e de tudo o que aprendi nestes anos que se passaram.

Referências

ESCOLANO BENITO, A. *A escola como cultura*: experiência, memória e arqueologia. Tradução e revisão técnica Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lúcia Gaspar da Silva. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

Na encruzilhada de saberes: Autoria como ato de tecer a Educação Física e as ciências da educação

Cristian Giacomoni[13]

Minha pesquisa de doutorado investigou o ensino de Educação Física nas Escolas Normais Duque de Caxias e São José de Caxias do Sul/RS, entre 1947 e 1961. O estudo, orientado pelo professor Dr. José Edimar de Souza, foi um mergulho histórico-cultural que visou entrelaçar as metodologias de História Oral e de análise documental para compreender como esses processos formativos transformaram o desenvolvimento físico e intelectual das professoras e das alunas, bem como influenciou a constituição de práticas, culturas escolares e identidades profissionais.

Destaco, num primeiro momento, a importância dos seminários ofertados pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) na constituição do meu doutorado,

[13] Data da Defesa: 13/12/2021. Título da Tese: Histórias e memórias do ensino de educação física nas escolas normais Duque de Caxias e São José de Caxias do Sul/RS (1947-1961). Orientador(a): José Edimar de Souza. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Instituições escolares no Vale do Rio dos Sinos e na Serra Gaúcha: Práticas e processos de escolarização na primeira metade do Século XX. Financiamento: Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/4e500e86-7ce0-4b3c-949c-3abb5b31fa4f

pois essas aulas alicerçaram o desenvolvimento teórico e metodológico do estudo. Os seminários, lecionados por diferentes professores, proporcionaram um espaço dinâmico para discussão e reflexão de conceitos centrais que embasaram a minha investigação histórica sobre a Educação Física. Esses encontros fomentaram debates interdisciplinares, permitindo que eu conhecesse diversas correntes teóricas e metodológicas, ampliando minha visão sobre as práticas educacionais, as culturas e a sociedade.

Além disso, as discussões sobre as fontes, a documentação e a relevância da memória como objeto de estudo auxiliaram na moldagem do percurso investigativo, guiando a análise das entrevistas com as professoras e as normalistas, bem como o uso de documentos históricos. Considero que esta formação ofertada pelos seminários foi fundamental para consolidar a utilização de fontes orais e documentais, tendo em vista que o PPGEdu proporcionou um ambiente de crescimento intelectual que ampliou minhas perspectivas de pesquisa.

Contudo, compreendo que as seções semanais e mensais de orientação (individuais e coletivas) com o professor José Edimar de Souza foram a base que consolidou a minha investigação, pois ele realizou um acompanhamento crítico ao longo de todas as fases do processo de pesquisa. José Edimar, com sua vasta experiência na área de História da Educação, soube me conduzir na escolha dos recortes teóricos e metodológicos, sempre com seu olhar atento às nuances e às especificidades do campo estudado. As orientações não forneceram apenas direcionamentos técnicos, pois eram momentos de trocas intelectuais, quando discutimos dúvidas,

exploramos novas ideias e nos quais eu absorvia críticas que ajudaram a aprimorar cada etapa do trabalho. Ainda, as discussões sobre os desafios enfrentados no campo, como a organização e a interpretação das fontes, foram enriquecidas pelas sugestões do orientador, que sempre estimulou o pensamento crítico e a autonomia do pesquisador.

Outro aspecto importante foi a minha participação no Grupo de Pesquisa História da Educação, Imigração e Memória (GRUPHEIM), em eventos e apresentações públicas, que se constituíram como espaços complementares aos seminários e orientações. Esses encontros, compostos por pesquisadores com interesses semelhantes, também ofereceram diferentes oportunidades de imersão em discussões sobre a História da Educação. A interação com outros pesquisadores possibilitou fortalecer a argumentação teórica, bem como o compartilhamento de minhas descobertas e desafios. As trocas de conhecimentos e experiências nestes espaços ampliou a minha visão sobre a complexidade dos processos históricos abordados. As leituras coletivas com meus colegas e as análises críticas de outros trabalhos geraram muitos debates que influenciaram a estrutura e o desenvolvimento da minha tese. O grupo de pesquisa também ajudou a identificar lacunas e possibilidades teóricas e metodológicas que resultaram em um trabalho alinhado às tendências contemporâneas da historiografia da Educação.

Em síntese, a constituição da minha tese foi um reflexo das contribuições do PPGEdu, dos seminários, das orientações do professor José Edimar de Souza e do grupo de estudos. Cada um desses espaços desempenhou um papel importante, teórico, metodológico e prático ao pesquisador,

pois os achados da minha pesquisa não contribuíram apenas para o campo da História da Educação, mas para um entendimento mais amplo sobre a formação docente em Educação Física no contexto das escolas normais de Caxias do Sul. Agora, após essa longa jornada de pesquisa, o que me move é o desejo de continuar contribuindo para o campo da Educação Física e suas intersecções com a História da Educação. Ao longo do meu percurso, percebi o quanto o ensino de Educação Física está intrinsecamente ligado aos processos culturais, sociais e históricos, e como isso impacta a formação de indivíduos e professores.

Desejo continuar explorando como as práticas de Educação Física evoluíram ao longo do tempo e como podemos utilizar essas lições para aprimorar os métodos de ensino e de formação docente. O que me motiva é a possibilidade de conectar minha paixão pela Educação Física com a História da Educação de maneira a revelar aspectos pouco explorados, como fiz na minha tese. O fato de trazer histórias, memórias e vozes de professoras e normalistas demonstra o quanto posso aprender com o passado. Sinto que existe muito a ser descoberto e documentado, principalmente em relação ao papel que a Educação Física desempenhou e ainda pode desempenhar na formação dos professores e no desenvolvimento social e cultural dos indivíduos.

Nesse sentido, minha busca por conhecimento e a vontade de inspirar outros educadores a observarem a Educação Física como um campo fértil de transformação não apenas corporal, mas intelectual, social e histórico, é o que me move. Quero continuar desenvolvendo pesquisas que não apenas ampliem o entendimento acadêmico, mas que tam-

bém gerem impacto no cotidiano das práticas pedagógicas. A História da Educação me ensinou que, ao olhar para o passado, consigo construir novos caminhos para o futuro, e me incentiva a deixar algum legado que ajude a transformar a maneira como educamos e formamos cidadãos mais conscientes de suas histórias e de suas potencialidades.

Espero nunca parar, nunca deixar de curiosear

Cristina Benedetti[14]

Desde o início da minha trajetória acadêmica, aprendi muitas coisas, em diversos espaços e com diferentes pessoas. Durante o período de formação no Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul, sob a orientação da Professora Dra. Nilda Stecanela, passei por experiências transformadoras que impactaram minha visão sobre pesquisa, sobre conhecimento e sobre o papel que desejo desempenhar como professora-pesquisadora e, quiçá, como pesquisadora-professora.

Ao longo desses anos, convivi com colegas, professores(as) e orientadores(as), cada um contribuindo de maneira única para a construção do meu saber. Aprendi com os professores o quanto sou capaz de ir além, o quanto posso me desafiar, porque, sim, "darei conta". Aprendi que sou capaz de ler muito mais do que imaginava e que isso me faz bem. Aprendi com os colegas o quão rico é o trabalho em

[14] Data da Defesa: 13/12/2024. Título da Dissertação: Da curiosidade à cultura científica: um movimento de autonomia para a vida por meio da pesquisa como princípio educativo. Orientadora: Nilda Stecanela. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Experiências Formativas Entrelaçadas: do cotidiano da Educação Superior ao cotidiano da Educação Básica. Financiamento: Subsídio financeiro da Universidade de Caxias do Sul (desconto de funcionário/professor). Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/14221;jsessionid=B70460A6A0F9F9D9174000BEBA904BA2

rede de pesquisa, o quão essencial são os momentos para trocas, discussões, desabafos coletivos, a irmandade, o apoio genuíno de quem nem seu amigo é, mas lhe oferece seu tempo precioso para explicar algo que é novo para você, e que outrora já foi para ele também. Enfim, aprendi que há beleza na tempestade, pois ao final da jornada, que muitas vezes é repleta de ansiedades e angústias, existe uma satisfação inigualável de olhar para trás, respirar o agora e dizer: "*Eu consegui*, *Nós conseguimos*".

Uma das aprendizagens mais marcantes foi, sem dúvida, o estágio de docência, algo que enriqueceu minha compreensão sobre o que significa evoluir. Percebi que essa experiência foi como mudar de fase, me ajudou a transicionar de eterna aluna da graduação a professora da graduação. Lembro-me de comentar com a orientadora que me senti muito estranha nas primeiras aulas, pois os graduandos me chamavam de profe e pediam ajuda, orientação... e eu simplesmente não conseguia internalizar que estava do outro lado, pois para mim era como se eu ainda fosse só a colega deles. Não relato isso com prepotência, pois não é essa a razão do meu sentimento. A razão é que precisei aceitar que a vida é feita de fases e, em mais uma delas, eu estava em transição. Esse momento foi importante para mim, principalmente porque essas vivências me ajudaram a desenvolver não só uma visão mais ampla e crítica acerca de minha atuação profissional, como também sobre meu campo de estudo, pois percebi que a responsabilidade em minhas mãos ao ser pesquisadora é ímpar, uma vez que futuramente aquilo que hoje eu pesquiso, outros podem estar ensinando em sala de aula. E isso é tão assustador quanto divino.

Nesse processo, enfrentei diversos desafios, mas o maior com certeza foi o tempo. Lutar contra ele às vezes é necessário; às vezes, inútil. É necessário quando os prazos apertam, quando as demandas aumentam e quando é preciso cumprir com as responsabilidades acordadas no ato da escolha pelo enfrentamento do desafio chamado mestrado. É inútil quando as ideias acabam, quando o cansaço aperta, quando a exaustão te abraça e quando tudo que você precisa fazer é dar um tempo, o chamado "tempo de gaveta", que aprendi com a maravilhosa Professora Gisele Dal Corno Mantovani quando fui bolsista CNPq na graduação. Nesse caso, é preciso dar tempo ao tempo.

Tudo isso me ensinou a importância de estar aberta ao novo, sem pré-conceitos, pois tudo pode surpreender. A cada nova fase, fui descobrindo não apenas mais sobre o tema de minha pesquisa, mas também sobre mim mesma como alguém que busca contribuir para o avanço do saber científico e para a transformação da educação.

Hoje, olhando para trás, percebo que essa trajetória foi essencial para moldar as expectativas que tenho para o futuro. Agora, espero nunca parar, nunca deixar de curiosear. Ao concluir este balanço, sinto-me grata por todas as etapas que me trouxe até aqui, pelas pessoas incríveis que me guiaram nesse percurso e pelo aprendizado contínuo que a jornada acadêmica me proporcionou.

Doutorado: produzir uma tese – a Tese

Diana Lusa[15]

Do percurso recente vivido no doutorado, gostaria de escrever sobre o que mais me atravessou: escrever a tese. Escrever a tese não é somente "escrever a tese", envolve o contexto interno e externo de nossa existência, envolve o que somos e no que nos transformamos, envolve os estudos realizados nos anos em que estamos no programa, envolve reorganização da vida pessoal – ou desorganização, em alguns momentos –, envolve receber mudanças que poderão ser permanentes – mais uma vez, internas e externas.

Uma tese é um texto produzido, resultado de uma pesquisa realizada em um curso de doutorado. Um dos pré-requisitos para ser doutor é escrever a tese. Construir, viver, pensar, sentir a tese. Escrever a tese – essa escrita envolve pesquisa, cansaço, possível insônia, alegrias, medos, angústias, satisfação – não se trata simplesmente de sentar e escrevê-la. É uma construção que pode ser – e é – demorada. É preciso ler. Ler muito. Realizar anotações. Perceber ligações (pontes) entre autores, teorias e objeto de pesquisa. É um processo.

[15] Data da Defesa: 05/08/2024. Título da Tese: Tornar-se leitora: percurso de professoras. Orientadora: Flávia Brocchetto Ramos. Linha de Pesquisa: Processos educacionais, linguagem, tecnologia e inclusão. Projeto de Pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Leitura na Contemporaneidade: Práticas Educativas. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/13714

Um amadurecimento. Um caminho que envolve paixão e ansiedade. Um tempo em que se transpira a tese e em que é possível sonhar com leituras, telas – em tempos pandêmicos e remotos –, professores, apresentações, autores, citações e até com algumas frases que falamos ou pensamos em falar.

Fazer uma tese envolve o medo de pensar na impossibilidade de fazê-la. Sinto isso ao ler uma tese pronta. Uma tese pronta envolve a existência de um objeto de pesquisa, um problema que se transformará em objetivos e objetivos que se transformarão em capítulos da tese. Também é necessário ter um método ou metodologia para dar conta da produção a que o doutorando se propõe. Pensá-la, num primeiro momento, parece simples. Parece simples construí-la. Mas o medo de não ser capaz de concluí-la parece permanente. Medo da quantidade de referenciais teóricos, da necessidade de recorte do objeto, da construção do problema da melhor forma possível, da opção pela metodologia mais adequada. Trata-se de uma bagunça, inicialmente mental, que precisa ser organizada para que ocorra uma escrita organizada, ainda que não seja necessariamente linear e formatada, mas que se dê a entender, que diga algo relevante, que perpasse as identidades de quem está dizendo e que consiga fazer sentido no conjunto, sendo argumentativamente fundamentada, percorrendo caminhos metodológicos coerentes com a proposta, com os objetivos, com a tese proposta. A pesquisadora – ou o pesquisador – está em sua escrita, e a sua voz, por meio da palavra escrita, precisa falar nesta escrita especial e significativa que é a tese de doutorado.

Além da produção da tese, um dos primeiros desafios posto aos doutorandos é a proficiência em duas línguas

estrangeiras. Também é necessário cursar um número mínimo de créditos nas disciplinas do programa no qual está matriculado, assim como realizar publicações de seus estudos em eventos ou através da escrita de artigos – de preferência na desejada revista A1. Ainda, é preciso produzir a tese, como dito anteriormente; para isso, passar pelo processo de qualificação de seu projeto e, ao final do curso, pela defesa pública do trabalho desenvolvido. É preciso.

A bagunça pode ser emocional, física, interna, externa. É provável que ela se manifeste em todas as suas formas até o final deste caminho. Aqui e agora, estou acompanhada de tantas pilhas de livros que meus braços ficam espremidos para que eu consiga escrever no computador.

Construir dados, seja qual for a metodologia escolhida ou o tema, para que se tenha o que dizer. Sobre o que dizer. É relevante não ser um "filósofo da banalidade", saindo do senso comum e do campo da opinião.

Além destes desafios práticos pelos quais todos os doutorandos passam, é preciso seguir a vida, dar comida ao gato, ao cachorro, escovar os dentes do filho – além de dar banho, alimentar, colocar para dormir. Claro que nem todos os doutorandos têm em casa uma criança de dois anos e meio, mas certamente têm outros vínculos familiares que exigem presença e entrega. Ainda, muitos de nós, doutorandos, seguem com sua vida profissional e têm compromissos com o trabalho, ao mesmo tempo em que cursam o doutorado, com todas as suas exigências. Todos os doutorandos deveriam fazer o doutorado em dedicação exclusiva ao curso. Quando falo isso, não estou culpando doutorandos, estou me referindo a um sistema que não permite esse tempo.

Que exige cada vez mais, mas que não enxerga as necessidades da pessoa real – comer, dormir, estar com a família, fazer exercícios ao ar livre na medida do possível. Algumas coisas acabam sendo cortadas da vida de uma pessoa por um tempo, quando precisa estudar e trabalhar ao mesmo tempo. Geralmente o que acaba sendo cortado é a base, a sustentação, o que não poderia ser deixado para depois.

Acredito que somos seres únicos e com muitas facetas, muitas capacidades, muitas possibilidades. Nossa vida – pessoal, profissional, acadêmica – vai se complementando, se transformando, nos constituindo. A integração que nos constitui, mesmo que sejamos diferentes atores em cada situação, é necessária para que vejamos sentido naquilo que acreditamos, buscamos, escolhemos para nós em todas as esperas de nossa vida. Assim, se acredito nas ações afirmativas, se me desperta as questões de gênero, se gosto muito de literatura, vou buscar uma integração destes pontos. Em meu trabalho, posso pensar em ações que contemplem esses aspectos. Em minha vida pessoal, posso buscar um relacionamento equitativo e criar meu filho cercado de leituras e incentivando a valorização e o respeito a todos os modos de ser e a todas as pessoas. Assim, me constituo pesquisadora, buscando integrar o que sei, o que gosto, o que admiro, àquilo que ainda preciso descobrir, estudar e aprofundar.

Penso que a tese seja um estudo para este momento. Um estudo profundo, marcante, que será a tese, o doutorado. A tese de doutorado é uma marca na vida de todas as pessoas, pois marca um caminho de estudos que continuarão ao longo de uma vida profissional e acadêmica. Uma pesquisa para o doutorado, como me disse minha orientadora, é diferente da

pesquisa da vida, uma vez que no doutorado será necessário um recorte, mas na vida haverá uma pesquisa mais ampla, da qual o doutorado fará parte. Isso foi uma fala muito tocante para mim, que sou uma pessoa bastante curiosa e com vontade de abrir a pesquisa, olhar para diversos pontos, aspectos e tempos ao mesmo tempo. A pesquisa da vida é e será mais ampla, ainda que o objeto do doutorado possa nos acompanhar por muito tempo. Neste momento, a delimitação é bem-vinda. E ainda que se fale em delimitação, algo é certo: é necessário escrever, e escrever todos os dias. Escrever pensamentos, ideias, fichar leituras, registrar possíveis citações e, na medida do possível, compartilhar o que é escrito. Não utilizaremos tudo o que for escrito em nossa tese, mas tendo o hábito de sistematizar e registrar essa travessia que é o doutorado, a escrita da tese será mais completa de momentos, percepções e leituras, pois não será relegada à reta final do curso apenas, mas será um percurso de escrita.

Não costumo ler a bíblia, mas hoje, por acaso, encontrei um bilhete que uma amiga me escreveu há mais de 10 anos. Em um trecho ela cita uma passagem: "Senhor, ensina-nos a contar nossos dias, para que tenhamos coração sensato (Salmo 90, 12)". Pareceu-me um sábio conselho! Vale para a vida, para que despertemos nossa consciência de finitude e analisemos o que nos é relevante para o tempo que temos. Vale para o doutorado também, para que consigamos "contar nossos dias" nestes quatro anos que temos a fim de planejar o que faremos e como o faremos. Quando faremos as disciplinas, quando qualificaremos, quando teremos publicados os nossos artigos... Nesse processo, quantos livros e artigos pre-

cisaremos ler e quanto precisaremos escrever? Conhecendo nosso funcionamento, o tempo que demandamos para ler e escrever, tendo contados os dias, precisamos dividir o que fazer em cada um deles para que, ao final de todos os dias, ao final dos quatro anos, consigamos ter concluído disciplinas, publicações e, claro, ela: a tese.

Fazer um doutorado e, necessariamente, produzir uma tese, nos exige consciência de que precisaremos nos entregar a esse processo e que o ele pode durar quatro anos. É um processo de grande exigência intelectual, de desprendimento, de investimento – financeiro, temporal, emocional. É um período que precisa ser planejado dentro das possibilidades de cada um, para que seja possível concluí-lo com sucesso, realizando todas as exigências necessárias e chegar ao final sentindo orgulho do trabalho produzido, do amadurecimento da pesquisa e do pesquisador, das parcerias feitas, do caminho caminhado.

Escrever a tese
Emocionar-se com a ideia do percurso.
Encontrar um problema de pesquisa em mim.
Caminhar. Refletir. Pensar.
Escrever a tese.
Encher-se de inspiração.
Escrever a tese.
Chorar.
Escrever a tese.
Fingir não ouvir os ruídos de casa.
Escrever a tese.
Fazer carinho na gata.
Escrever a tese.
Concluir disciplinas.
Escrever a tese.
Fazer prova de proficiência.
Escrever a tese.
Tomar café da manhã com o filho.
Escrever a tese.

Ler.
Escrever a tese.
Publicar artigos e trabalhos.
Escrever a tese.
Dar comida para o cachorro.
Escrever a tese.
Brincar.
Escrever a tese.
Fazer uma poção mágica.
Escrever a tese.
Caminhar ao ar livre para ruminar os dados.
Escrever a tese.
Responder a uma – a mil – chamadas de casa.
Escrever a tese.
Ler. Ler. Ler.
Escrever a tese.
Respirar.
Escrever.
A.
Tese.
Fingir que acabou.
(Diana Lusa)

Datas das escritas (importante constar para a reflexão de que a escrita é construção contínua, ela dança dentro de nosso ser, não é linear, pode se adaptar, mudar de lugar no texto, mudar de lugar em nossas prioridades etc.):

Preto: Escrita inicial – 28 de abril de 2021.
Azul: 06 de maio de 2021.
Vermelho: 28 de maio de 2021.
Roxo: 15 de junho de 2021.
Marrom: 21 de junho de 2021.
Poema "Escrever a Tese": maio de 2024.
Verde: 22 de novembro de 2024.

Vivências para a formação pesquisadora

Elisângela Cândido da Silva Dewes[16]

Iniciei os estudos no doutorado em educação no ano de 2022, foi um período desafiador, mas muito gratificante. Cursei o primeiro ano como bolsista integral; o segundo e este terceiro, como bolsista taxa, vinculação possibilitou experiências até então não vivenciadas e o estreitamento do relacionamento com egressos, docentes e discentes em diferentes etapas formativas. Este último ano, ainda, ampliei a minha atuação profissional no segmento da pesquisa – a indústria audiovisual, atuando na produção cultural e na criação de roteiros para filmes corporativos, comerciais, publicitários e documentais.

Em relação à pesquisa, esse novo empreendimento junto ao PPGEdu foi a oportunidade de articular outros percursos metodológicos, caminhos ainda não percorridos na pesquisa, como o da História Oral, cotejado com o de Análise Documental, o que implicou o reconhecimento de

[16] Data da Defesa: 13/02/2025. Título da Tese ou Dissertação: O cinema educativo: material da cultura escolar para a renovação da educação no meio rural de Caxias do Sul-RS (1947 -1960). Orientador: José Edimar de Souza. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Grupo escolar no Vale do Sinos e na Serra Gaúcha no século XX: histórias, culturas e práticas – FAPERGS e Grupo Escolar no Rio Grande do Sul no século XX: culturas e práticas em perspectiva regional – CNPq. Financiamento: Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/server/api/core/bitstreams/f2d084e7-611e-48c8-85b1-e3bdda95ab73/conten.

fundamentações teóricas, suporte em outros estudos e o desenvolvimento de capacitações técnicas que não haviam sido exigidas durante o mestrado. O contato com os sujeitos-fonte para a pesquisa, permitiu acessar novas perspectivas e o meu desenvolvimento como pesquisadora, e para além disso, como pessoa. O meu projeto de pesquisa de tese tem como título *O cinema educativo: material da cultura escolar para a renovação da educação no meio rural de Caxias do Sul-RS (1947 -1960)* e, como proposta de retorno à sociedade, a valorização e preservação das memórias dos sujeitos que viveram a experiência do Cinema Educativo junto a instituições de ensino desta região, por meio da entrega de um documentário que possa, ainda, servir como instrumento de pesquisa para outros investigadores da região. Além disso, por ser uma investigação que se desenvolve em torno de uma temática pouco explorada no estado do Rio Grande do Sul, o estudo apresenta certo grau de inovação, e acredita-se, a partir disso, que contribuirá para fazer emergir novas perspectivas de análise acerca da educação e para instigar outros estudos em razão das profícuas possibilidades que o objeto oferece.

Vivências para a formação pesquisadora

Esse tempo de estudo e de formação como pesquisadora também foi de parcerias bastante profícuas no desenvolvimento de estudos que ganharam visibilidade a partir da participação em eventos e da submissão em revistas do campo da educação. As experiências na organização de obras que reuniram contribuições de diferentes discentes e pesquisadores da área igualmente foram representativas para

o meu desenvolvimento e para uma maior aproximação a outros cenários na pesquisa. Em relação a essas produções, destaco as seguintes contribuições junto ao PPGEdu:

No ano de 2024:foram diferentes contribuições, mas a mais significativa para a minha formação e que de certo modo deixa marcas para a comunidade foi a minha participação como Avaliadora da Mostra Científico-cultural de Flores da Cunha, uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Flores da Cunha e o PPGEdu.

No ano de 2023: desenvolvi, em parceria com o orientador e com o egresso Cristian Giacomoni, um estudo intitulado "Ester Troian Benvenutti: pela educação e cultura nas áreas rurais de Caxias do Sul – RS (1947-1954)", artigo publicado na *Revista Brasileira de História da Educação* (UEM); trata-se de uma contribuição para visibilizar a trajetória da professora Ester Troian Benvenutti, a primeira mulher, na cidade de Caxias do Sul, a assumir o cargo mais alto junto ao órgão público de ensino; e é a primeira publicação em periódico que destaca a atuação da docente para o campo da educação na Serra Gaúcha. Outro estudo foi o artigo publicado na *Revista Linhas*, com o título: "Jornal Despertar: vestígios de ações em prol do civismo na educação rural", de autoria de Elisângela Dewes e em coautoria com o orientador, essa publicação se destaca pela singularidade na escolha do objeto de estudo – o jornal Despertar –, além de somar contribuição a um número restrito de estudos cujo foco recai sobre a imprensa pedagógica na região.

Outra importante contribuição foi a atuação na organização do *e-book* e na edição impressa da obra *Feito à mão: percursos, narrativas e memórias de pesquisadoras (es)*",

publicada pela Educs. Na mesma obra, o artigo "O lado bom da vida", além da colaboração, no texto de apresentação. Destaco porque foi uma oportunidade de ampliar os conhecimentos na organização de publicação em formato de livro; além de ser uma obra que dá visibilidade para o Programa de Pós-Graduação em Educação, colaborando para incentivar outros sujeitos a investirem no mestrado/doutorado a partir da narrativa dos discentes do programa sobre os seus percursos como pesquisadores em formação.

Também trago como uma rica experiência a organização da 3ª edição do *E-book* do GRUPHEIM, intitulado *Caleidoscopio da história da educação: escolarização e sujeitos escolares*, com participação no texto de apresentação e em um dos capítulos, escrito em parceria com o orientador e com o egresso Cristian Giacomoni. Essa foi uma contribuição que julgo importante para fortalecer e dar evidência ao GRUPHEIM PPGEdu/UCS, bem como para estabelecer vínculos entre os integrantes do grupo e demais alunos/docentes de outros grupos de pesquisa e instituições, fomentando as investigações na linha da história da educação.

Mais um trabalho significativo foi o capítulo para o *E-book Escola primária no Rio Grande do Sul no século XX: os Grupos Escolares*, organizado por José Edimar de Souza, com o título "Grupos escolares de São Marcos, RS: influência do movimento de renovação pedagógica (1920-1960)". A publicação é relevante porque integra a obra vinculada ao projeto de pesquisa do orientador de representatividade junto a área da educação, pela participação de diferentes colaboradores/pesquisadores de variadas localidades do Estado; e possíveis ressonâncias desta obra em diferentes

estudos de pesquisadores gaúchos na linha da história da educação.

Em relação a eventos, destaco, no ano de 2023, as seguintes contribuições:

Integrante na Comissão Organizadora do VIII CEDU e I CINED, que aconteceu na UCS, além da participação na Comissão Científica e na organização dos anais, apresentação oral e publicação de resumo expandido, que é um desdobramento da pesquisa, e foi intitulado: "O cinema educativo na perspectiva de pesquisadores brasileiros: possíveis cenários para pesquisa no RS". Destaco o evento em razão da possibilidade de aprendizagem em diferentes frentes no que tange à organização e em razão da relevância do evento para o programa e para a Universidade de Caxias do Sul, mobilizando não somente participantes situados em instituições de caráter estadual, uma vez que se visava uma repercussão internacional.

Outro evento representativo foi a participação com um trabalho de apresentação oral e a publicação de resumo expandido no "2° Congreso Maestro Miguel Soler", da Sociedad Uruguya de Historia de la Educación, uma participação em parceria com o orientador e com a pesquisadora Samanta Vanz, além de uma importante oportunidade de realizar intercâmbio de conhecimentos e imersão na cultura escolar de diferentes países da América Latina em função da rica possibilidade de aprendizagem na visita aos acervos e aos espaços destinados às atividades do evento, que aconteceu no Uruguai.

Outro evento que trouxe importantes contribuições foi o 27° Encontro da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisa-

dores em História da Educação, que aconteceu na UCS, em que fui integrante da Comissão Organizadora e da Comissão Científica, além de realizar a apresentação oral de trabalho, que foi publicado nos anais do evento, outra parceria com a pesquisadora Samanta Vanz. Faço esse destaque em função da representatividade da Associação entre os pesquisadores do Rio Grande do Sul; se participar do evento realizando um diálogo com pesquisadores de diferentes regiões do estado já é uma oportunidade ímpar para um pesquisador, fazer parte dele como integrante da comissão organizadora é a possibilidade de estreitar os laços com investigadores que são referência para as nossas pesquisas, além de contribuir para dar visibilidade ao nosso programa e para a Universidade de Caxias do Sul por meio da acolhida do evento na instituição.

No ano de 2022: foi um período de dedicação integral à investigação e às atividades como pesquisadora, de mobilização, participação em eventos, escritas de artigos para livros e periódicos. Preciso, porém, destacar duas atividades, particularmente por entender que foram ações em prol do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS, a fim de dar visibilidade às linhas de pesquisa e às pesquisas desenvolvidas, de estimular a inserção de novos pesquisadores e de fortalecer os investigadores/egressos vinculados ao Programa, além de criar possibilidades de diálogos com outros programas, com outros pesquisadores e com a comunidade por meio da coordenação, da edição e da apresentação da série de conteúdos em audiovisual para o canal *Diálogos em Educação*, do PPGEdu da UCS no YouTube. Em parceria com a discente Amanda Zucco, com a participação de egressos do Programa de Pós Graduação em Educação das

duas linhas de estudo, durante um ano foram produzidos o total de 17 vídeos para o canal.

Também estive envolvida com a coordenação, com a produção e com a edição do *Boletim do PPGEdu UCS*, também em parceria com Amanda Zucco, além das discentes Andressa Silva, Ana Patrícia Martins e Betânia Lins. Durante uma gestão, foram produzidas 5 edições do periódico.

Essa é uma seleção das atividades nas quais me envolvi desde a minha vinculação ao programa como discente e pesquisadora do PPGEdu da UCS.Foram experiências ricas que somaram tanto para a minha experiência como pesquisadora quanto para a consolidação do programa, para a linha de pesquisa, para as pesquisas realizadas pela UCS e financiadas pela Capes, bem como para fortalecer os pesquisadores do PPGEdu UCS e criar conexões e intercâmbios representativos que contribuíssem para o desenvolvimento da atual pesquisa e de futuras investigações.

Entrelaçamentos entre a vida e a escolha em cursar o mestrado

Fabiane Ferretti Munhoz[17]

Meu desejo por viver o mestrado foi reflexo das escolhas e vivências que fiz no decorrer da minha trajetória. Acredito que toda história tenha seus começos, e a minha história em relação ao campo da educação começa ainda na infância.

Ao longo da minha vida acadêmica, procurei ser dedicada e responsável com os estudos, pois sempre valorizei e fui apaixonada por estudar. Esse gosto está atrelado às minhas experiências na primeira infância, principalmente naquelas que envolveram a figura da minha mãe e do meu avô. Com grande orgulho, posso dizer que escolhi ser professora e que, desde o momento da tomada dessa decisão, reconheci o meu compromisso com a sociedade, com as crianças e com suas famílias.

Dito isso, acredito que o caminho que percorri até aqui me fez crescer tanto pessoalmente quanto profissionalmente. Ao finalizar a Especialização em Educação Infantil (Unisinos), em 2017, desejei muito ingressar em um curso de mestrado.

[17] Data da Defesa: 28/09/2023. Título da Dissertação: Formação docente em contexto na Educação Infantil na perspectiva da Pedagogia da Escuta. Orientadora: Andréia Morés. Linha de pesquisa: Processos educacionais, linguagem, tecnologia e inclusão. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Inovações pedagógicas e tecnológicas e suas articulações com os espaços educacionais – InovaEdu. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/11338/12875

Dessa forma, assim que houve uma oportunidade de ingressar no Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul que me permitisse conciliá-lo com meus horários de trabalho formal, arrisquei participar do processo seletivo. E não é que fui selecionada?! Quanta alegria invadiu meu corpo quando soube da aprovação!

Assim, a despeito de eu me ver ansiosa para o início da realização de um dos meus sonhos (cursar e viver o Mestrado), iniciou-se a pandemia da Covid-19 (2020), e as aulas iniciaram de maneira totalmente on-line, via Google Meet. Pensei que nesta modalidade de ensino não seria possível construir laços afetivos nem com os colegas, nem com os professores, visto que estávamos distantes, cada um em seu espaço físico de segurança. Essa foi minha perspectiva inicial, mas que, com o passar dos encontros, foi se desmitificando. Nosso grupo, nossa turma, com o auxílio e expertise dos professores, conseguiu construir estratégias de aproximação que contribuíram para que pudéssemos nos apoiar, nos fortalecer e colaborar com os percursos que cada um estava vivenciando.

Hoje consigo enxergar com maior clareza o quanto este grupo de apoio foi importante para que eu continuasse em frente, pois, em alguns momentos, eu me sentia sozinha no contexto de pesquisa. Cada vez que um colega começava a se tornar "distante" do grupo, procurávamos chamá-lo, apoiá-lo, conversar, relembrar que ele não estava sozinho e propor formas de ajudá-lo. Essas iniciativas foram muito importantes para que não desistíssemos dos nossos objetivos. Contribuiu para que nos mantivéssemos estáveis e nos deu energia para seguir em frente!

Penso que o mestrado, para além das aprendizagens sobre conteúdos, aprofundamento de temáticas, realização de debates, elaboração de trabalhos, foi uma potente forma de percebermos que a motivação é fundamental para que a aprendizagem ocorra. O incentivo, a confiança e a seriedade com os quais acreditamos que podemos contribuir para a sociedade, para uma educação melhor, fez e faz toda a diferença na nossa profissão.

Aprendi na prática a potência de um grupo, o quanto ele contribui para que possamos nos fortalecer e ampliar os nossos conhecimentos, respeitando os saberes e as histórias de vida que cada um carrega. Os professores foram os grandes orquestradores da criação destes vínculos. Mesmo neste contexto de pandemia, eles souberam exatamente como nos orientar, como nos provocar, nos questionar, nos fazer refletir e aguçar ainda mais a nossa curiosidade e o desejo de aprender no decorrer do percurso.

Nossos encontros foram intensos! Discutimos, refletimos, partilhamos sobre assuntos variados. Aprendemos a desaprender alguns conceitos que estavam enraizados em nossa prática. Criamos, conversamos, tivemos ideias, recebemos ideias, demos e recebemos sugestões, criamos confiança para partilhar nossas descobertas, nossos "achismos", nossas dificuldades! Este foi o maior aprendizado que considero que tive. Como diz Fátima Freire, "quem educa marca o corpo do outro" (Dowbor, 2008, p. 31). Quem educa verdadeiramente, está presente por inteiro no momento que estamos juntos. Estar presente, mesmo mediante as telas dos notebooks/computadores, em um mundo onde o acesso à informação e à distração estão presentes o tempo inteiro, é um desafio.

Foram dois anos mergulhada nos estudos e em tudo aquilo que eu estava aprendendo e conhecendo, vivenciando os espaços acadêmicos de outra forma (distante, mas perto), participando do Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul, realizando cursos, participando de seminários, enquanto procurava definir meu foco de investigação e alçar voos pelo universo da pesquisa.

Ao finalizar os seminários que compunham o currículo do Mestrado em Educação (UCS) e defender meu projeto de pesquisa, iniciei o processo de construção da minha dissertação. Muitas vezes, me senti solitária nesse trajeto: uma solidão necessária para organizar ideias, focar-se e refletir sobre o contexto da pesquisa. Ao mesmo tempo, a solidão não permanecia, pois a presença dos professores e dos colegas deram força e energia para que eu continuasse em frente.

Em vista disso, após muitas trocas, diálogos, discussões, questionamentos, o foco da minha pesquisa foi definido e, a partir dele, pude contribuir um pouco para ampliar e dar subsídio às práticas dos professores, meus colegas de profissão. Um tema que considero de extrema importância é a formação dos educadores em contexto. Essa questão tem sido central em minhas pesquisas, pois discutir a formação docente, especialmente daqueles que atuam na Educação Infantil, permite evidenciar como nos constituímos professores no cotidiano escolar por meio das relações que construímos e das experiências que vivenciamos ao longo da nossa trajetória.

O desejo de aprofundar esse tema surgiu a partir das minhas inquietações como pesquisadora, impulsionadas pela

vontade de mobilizar os professores para uma formação contínua e permanente dentro das próprias escolas, levando em consideração seus saberes e histórias de vida. A escola pode ser percebida como um espaço que tem a possibilidade de contribuir para a prática e para o aprendizado dos professores por meio da formação em contexto, promovendo uma (trans)formação na prática pedagógica, considerando-se para isso que a escuta desses professores se faça presente no cotidiano. Defendo uma formação integrada e constante, e, por isso, acredito que as formações realizadas no próprio ambiente escolar são grandes aliadas nessa busca permanente por conhecimento. É essencial que esses momentos de troca estejam alinhados à realidade e às particularidades de cada instituição.

Seguindo a premissa de que a formação em contexto é importante para a construção da identidade docente, é necessário planejar e promover momentos formativos que sensibilizem os profissionais, ampliando e enriquecendo o olhar de cada professor. Dessa forma, é possível cultivar um cotidiano mais respeitoso com as crianças. A estratégia da Pedagogia da Escuta, idealizada por Loris Malaguzzi (Rinaldi, 2012), contribui para desenvolver um olhar mais sensível sobre as experiências vividas com as crianças, favorecendo práticas pedagógicas que reconheçam a potência da infância.

É a partir destas convicções que reconheço que as aprendizagens que adquiri no decorrer do mestrado colaboraram para que meu entendimento sobre a formação de professores fosse ampliada e assim surgisse esta investigação.

Em diferentes momentos, recebi dos colegas e dos professores indicações de leituras, sugestões de vídeos, de livros

e de *podcasts* que poderiam expandir meus entendimentos e meus conceitos acerca da minha temática de pesquisa. Essa troca foi fundamental, pois ao mesmo tempo que esses recursos colaboraram para o meu processo de elaboração e de escrita da dissertação, pude contribuir com eles da mesma forma, alguns mais, outros menos.

É por este viés que acredito que o aprender acontece dando e recebendo! Ninguém sabe mais que o outro; sabemos coisas diferentes. É preciso nos colocarmos em posição de escuta para aprendermos a ver o outro e entendermos suas necessidades, que são expressas de múltiplas formas, não somente pela oralidade. Fátima Freire diz que nas escolas e nas relações que estabelecemos precisamos desconstruir o "império da fala" e construir o "império dos sentidos", dando a devida importância à escuta ativa, prática que se faz com todo o corpo, com todos os sentidos (Dowbor, 2008, p. 37).

No meu modo de ver e de sentir, acredito que este é o caminho no qual os espaços acadêmicos devem se inspirar. Precisamos de práticas mais humanizadoras, que foquem para além do currículo, que teçam e entrelacem o que precisa ser aprendido (currículo) ao que precisamos para nos fortalecer (afetividade, escuta).

Ao refletir sobre o que me espera e o que me move, tenho a convicção que preciso me manter em movimento. Meu próximo desejo é ingressar no Programa de Doutorado da Universidade de Caxias do Sul e dar continuidade aos meus interesses de pesquisa. Não me vejo distante da vida acadêmica e entendo que tudo o que me propuser a fazer precisa ser feito com dedicação, responsabilidade, ética e afetividade. Agradeço imensamente a oportunidade

de aprender tanto, neste tempo em que estou inserida no Programa. Que venham os próximos desafios!

Referências

DOWBOR, F. F. *Quem educa marca o corpo*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

RINALDI, C. *Diálogos com Reggio Emilia*: escutar, investigar, aprender. Trad. Vania Cury. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

MUNHOZ, F. F. *Formação docente em contexto na Educação Infantil na perspectiva da Pedagogia da Escuta*. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS, 2023.

Percurso de uma pesquisadora: Escolhas, desafios e encantamentos... Minha vivência na pesquisa

Fernanda Meneghel Cadore[18]

Refletir sobre memórias, experiências e vivências acadêmicas e profissionais é um exercício profundo e significativo. Revisitar o passado nos oferece uma valiosa oportunidade de nos compreendermos, mostrando a trajetória que trilhamos, as lições que aprendemos, nosso momento presente e nossas aspirações futuras. Com frequência, não nos permitimos valorizar nosso percurso, que é, sem dúvida, notável e, acima de tudo, singular. É nosso!

É com base na relação entre o passado e o presente, visando o futuro, que escrevo este texto.

Na minha infância, sonhava ser professora; mais tarde, passei a desejar ser psicóloga...

Iniciei minha trajetória acadêmica estudando Administração de Empresas e me especializei em Recursos Humanos, atuando nessa área por duas décadas. Com o tempo, decidi

[18] Data da defesa: 29/11/2022. Título da dissertação: Contribuições dos pais para a aprendizagem de crianças diagnosticadas com TDAH: uma análise a partir da teoria de Vigotski. Orientadora: Cláudia Alquati Bisol. Linha de pesquisa: Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão. Projeto vinculado: ProIncluir 3 – Processos inclusivos: a deficiência e a normalidade em questão. Financiamento: Prosuc-Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/11338/11457

realizar um antigo desejo: estudar Psicologia. Meu interesse pela Psicologia se intensificou desde a primeira aula e, próximo da conclusão do curso, comecei uma especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional na UCS. No entanto, senti a necessidade de aprofundar meu conhecimento em Educação e, no ano seguinte, decidi seguir mais um sonho: o mestrado. A opção pela Educação foi uma escolha natural, pois me permitiu integrar a pesquisa educacional com minha prática clínica, considerando sempre a relação entre a criança, a família e a escola.

A pesquisa que desenvolvi durante o mestrado teve como objetivo compreender a contribuição dos pais de crianças diagnosticadas com TDAH para a aprendizagem de seus filhos durante a pandemia de Covid-19. Analisar esse tema representou uma valiosa oportunidade para um aprofundamento crítico e teórico sobre esse diagnóstico, que atualmente é amplamente discutido e gera controvérsias, especialmente no contexto escolar. A experiência de integrar a prática clínica à investigação tem se mostrado extremamente relevante.

É importante ressaltar que o primeiro ano do mestrado apresentou diversos desafios, especialmente no que diz respeito à compreensão da profundidade da pesquisa e aos limites do pesquisador. Após a qualificação, me senti mais segura para avançar. Tornar-me pesquisadora, principalmente nesse início, não foi uma tarefa simples. A orientação do professor é fundamental, pois ele nos guia, provoca reflexões e nos oferece acolhimento. A identificação com o orientador e a admiração por esse profissional, que muitas vezes nos escuta durante momentos de angústia e ansiedade, são aspectos que influenciam nossas conquistas.

Falando sobre o PPGEdu...

Minha experiência como bolsista e representante estudantil intensificou meu envolvimento no meio acadêmico, levando-me a considerar a continuidade dos estudos em um doutorado, pesquisando temáticas relacionando à educação e à psicologia. Além disso, enfatizo a importância das vivências adquiridas, como eventos, palestras e participação em comitês de avaliação, pois são essenciais para a formação de pesquisadores e para a contribuição prestada à sociedade, o que conferiu um significado mais profundo à minha trajetória acadêmica.

Os seminários no mestrado e doutorado proporcionam valiosas oportunidades para interações e reflexões entre colegas e professores, integrando saberes à nossa investigação.

E, para concluir...

Ao elaborar a dissertação, e agora a tese, minha intenção é criar um texto que entrelace diferentes falas, capturando momentos, expressões, o dito, o não dito, além de memórias afetivas. Com esses elementos, o trabalho ganhará uma estrutura, formada por sujeitos singulares. Cada narrativa que eu tiver o privilégio de conhecer, certamente me impactará de forma única.

Por último, é fundamental reconhecer a importância da colaboração! Sua necessidade se torna evidente: "Hoje, mais do que nunca, o trabalho científico necessita de uma dimensão coletiva, colaborativa" (Nóvoa, 2015, p. 16). Não adquirimos o conhecimento de forma isolada; formamos nossa identidade a partir das interações com os outros – primeiramente, dentro de nossa família, e na academia não

é diferente –, incluindo o nosso orientador, os professores nos seminários, os amigos que fazemos, nossos colegas de turma, além de pesquisadores e teóricos que fundamentam nossas ideias, assim como aqueles que nos antecederam e deixaram suas contribuições em suas respectivas áreas de estudo.

Assim, o que desejo para nós, pesquisadores, é vida, é sabedoria!

Referências

NÓVOA, António Manuel Seixas Sampaio da. Carta a um jovem investigador em educação. *Revista Investigar em Educação*, v. 2, n. 3, p. 13-21, 2015.

Entre silêncios, escritas e encontros: uma jornada em (trans)formação

Isadora Alves Roncarelli[19]

Desde que iniciei o curso de Doutorado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul, diversos aspectos da minha vida acadêmica, pessoal e profissional se (trans)formaram. O doutorado abriu portas para novas oportunidades de entendimento das concepções relacionadas à educação e do desenvolvimento profissional, além de proporcionar novas perspectivas de contemplar e viver a vida.

Nos seminários que realizei, pude trocar experiências com os colegas e com os professores, realizar leituras dirigidas (e outras espontâneas, motivadas pelas temáticas abordadas nas aulas), percebendo a necessidade de profundidade para que as discussões pudessem ocorrer de forma a gerar novos conhecimentos. Me (trans)formei como pesquisadora em formação, aprendendo a dar espaço para outras leituras, para além da temática da minha pesquisa, ampliando meus horizontes para a educação, percebendo a importância de

[19] Data da Defesa: 02/07/2024. Título da Tese: O cotidiano da escola na pandemia da Covid-19: uma docência em movimento pela voz dos professores. Orientador(a): Nilda Stecanela. Linha de pesquisa: História e filosofia da educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Trajetórias formativas entrelaçadas: do cotidiano da Educação Superior ao Cotidiano da Educação Básica. Financiamento: Prosuc-Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/90af254d-8d34-4d27-9c59-b8efa14880dc

estudar diferentes autores e diversas perspectivas teóricas em um curso que (trans)forma "doutores em educação", de forma generalista, porém não superficial. Compreendi que apesar de trabalharem com temáticas de pesquisa diferentes, os docentes do PPGEdu da UCS organizam os seminários de forma a valorizar as contribuições de todos os integrantes da turma, propondo aproximações e afastamentos entre os diferentes autores estudados, a fim de ampliar a base teórica dos mestrandos e dos doutorandos.

Me (trans)formei nas seções de orientação por meio da reflexão crítica instigada pelos questionamentos de minha orientadora, que sempre impulsionou meus estudos ao me incentivar a ampliá-los, a publicá-los e a dar visibilidade àquilo que produzíamos. Também, como nos ensinou Paulo Freire, aprendi a *ser gente*, na medida em que fui tratada com amorosidade, com compromisso e ética por uma docente/orientadora que, mesmo com diversas demandas da pesquisa, dos orientandos, das aulas da graduação e da pós-graduação, de sua vida pessoal e familiar, mostrou-se constantemente interessada em minha pesquisa, disposta a dialogar e, mais do que isso, presente ao longo de minha trajetória de doutoramento. Mais do que as aprendizagens acadêmicas, a postura da docente/orientadora serviu-me de exemplo para minha própria atuação profissional no âmbito das orientações de Trabalho de Conclusão de Curso em que atuo.

No grupo de estudos e pesquisa *Observa* e no Observatório de Educação da UCS, me (trans)formei no que diz respeito à forma de compreender o outro, à solidariedade e à capacidade reflexiva necessária para sustentar as discussões

teóricas realizadas. Aprendi a importância de constituir grupos de pesquisa que refletem e agem acerca das temáticas que estudam, afinal o pesquisador da educação se motiva pela práxis, não somente pela reflexão teórica. A realização de ações, a escrita em conjunto e a comunicação em diversas esferas fazem com que a pesquisa passe a ter sentido para a comunidade, e não exclusivamente para o pesquisador que a desenvolve.

Nos eventos e apresentações públicas, me (trans)formei por meio da escuta do outro e da escuta das minhas próprias palavras e reflexões. Descobri que, apesar do "frio na barriga", tenho reflexões, percepções, experiências e estudos a partilhar com outros pesquisadores da educação, com docentes da Educação Básica e do Ensino Superior, com acadêmicos de diversos níveis e com aqueles que me motivam a seguir estudando constantemente: os estudantes. Descobri, mediante apresentações públicas, que a formação (permanente) de professores é algo que me cativa e que me instiga a aprender. Passei a atuar profissionalmente como docente de Ensino Superior durante o doutoramento, em uma IES particular de Caxias do Sul, além de poder transitar, a convite da UCS, presencial e remotamente, por diversas cidades do Rio Grande do Sul atuando na formação continuada de docentes da Educação Básica. Hoje, me percebo uma professora-pesquisadora de Educação Básica e de Ensino Superior que consegue articular ideias e reflexões nas falas públicas que necessito fazer graças às experiências que pude vivenciar ao longo dos meus estudos no Programa de Pós-graduação da UCS, tanto no âmbito do mestrado quanto no do doutorado.

Me (trans)formei também por meio das leituras que realizei ao longo dos anos de pesquisa, pois fui, a partir delas, construindo uma base teórica que me acompanha em minhas escolhas profissionais diárias, bem como nas minhas escritas e reflexões acadêmicas. Para além de ler, pude discutir o que li, a ponto de que, hoje, compreendo isso como processo fundamental para que a aprendizagem tenha se efetivado, pois, ao discutir com os pares as leituras feitas, ampliei minha visão sobre os textos e sobre os autores, o que possibilitou a construção do conhecimento.

Quanto aos encontros e desencontros que o período de doutoramento me proporcionou, poderia dizer que foram muitos. Diversas vezes me encontrei comigo mesma, me desencontrei de familiares e amigos, deixei de participar de eventos ao escolher estudar. Afinal, os períodos de silêncio e de solidão também são importantes na escrita de uma tese, e, nesse contexto, precisei fazer escolhas. Esses também foram alguns dos dilemas vividos; para além dos dilemas teóricos, da escolha do método ou do desenvolvimento da pesquisa, os que mais me atravessaram foram os da gestão entre vida pessoal, profissional e acadêmica, pois sempre precisei trabalhar e estudar, o que fez com que o tempo livre fosse escasso, e, quando me permitia "fazer nada", era travessada pela culpa. Hoje, após a conclusão do doutorado em educação, posso afirmar que me (trans)formei também no "âmbito da culpa", pois a reta final do doutorado me fez compreender que é preciso escolher o equilíbrio. Não há como ser feliz com a pesquisa sem ser feliz com a vida. Não há como ser realizada profissionalmente sem ter com quem dividir as conquistas.

Posso afirmar que me (trans)formei como *gente* ao longo do doutoramento, pois aprendi a escutar mais meus anseios, a perceber meus limites, a respeitar a necessidade de parada do corpo e da mente. Também me (trans)formei como *docente*, pois aprendi a desenvolver uma observação atenta, uma escuta ativa e uma postura ética, que facilita a construção das aulas *com* os estudantes, por meio do diálogo. Me (trans) formei como *pesquisadora*, pois aprendi a importância da partilha entre os pares em detrimento da competição desenfreada pelas publicações. A produção de conhecimento científico não é individual; ela pode partir de um sujeito solitário, mas não se concretiza na solidão, uma vez que depende dos pares para ser validada, e é isso que a faz ser completa: a comunhão, a partilha, a discussão.

Esses aprendizados me movem cotidianamente e me auxiliam a projetar o futuro. Não projeto mais em linhas retas, em trajetórias sempre ascendentes ou em caráter irredutível. Aprendi, com a pesquisa, que tudo é maleável, é modificável, é passível de dúvida. Espero poder seguir me aventurando na educação, na carreira acadêmica e no chão da escola; também na assessoria pedagógica e na formação de professores; na pesquisa e nas práticas de extensão junto aos movimentos sociais. Projeto um futuro em que eu possa dividir os tempos entre o trabalho, a pesquisa e a vida pessoal de forma harmônica, fazendo o que amo, sem esquecer de viver com aqueles que caminham comigo. Projeto um futuro em movimento.

O filho do pedreiro e da costureira agora é doutor

Ivânio Dickmann[20]

Desde o início da jornada do doutorado, minha trajetória foi marcada por transformações profundas e contínuas, moldadas pelas experiências em seminários, nas orientações e nos grupos de pesquisa. Cada uma dessas instâncias trouxe tanto desafios quanto superações, compondo um percurso acadêmico que ampliou meu conhecimento teórico, redefiniu minha visão de mundo e fortaleceu meu compromisso com a Educação Popular e com a liderança nos movimentos sociais.

Contudo, esse percurso se deu em um contexto excepcional: fui aluno de doutorado na primeira turma impactada pela pandemia da Covid-19 na Universidade de Caxias do Sul, o que transformou radicalmente a forma como eu e meus colegas nos relacionamos com os processos de estudo, leitura, diálogo e produção acadêmica.

Com as restrições impostas pela pandemia, o cotidiano acadêmico foi completamente alterado. As interações, que

[20] Data da Defesa: 29/04/2024.Título da Tese: A pedagogia da liderança popular nas experiências e processos de formação de líderes populares. Orientador: Danilo Romeu Streck. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Estudo comparado de concepções e práticas internacionais de educação para a cidadania global. Financiamento: Prosuc-Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/e263ff53-d7a2-4934-97de-6dbf7fd7da10

tradicionalmente se davam em encontros presenciais – seminários, estudos em grupo e pausas para café –, passaram a acontecer em plataformas digitais, desafiando-nos a adaptar as dinâmicas de aprendizado e troca de saberes a uma nova dinâmica virtual. Esse contexto exigiu um esforço redobrado de autonomia e disciplina, pois, embora conectados, cada um de nós enfrentava o isolamento físico e a distância de nossos pares e orientadores. As leituras, antes debatidas em conversas informais e grupos de estudo presenciais, tornaram-se um exercício solitário e, por vezes, silencioso, demandando que reestruturássemos nossas práticas de reflexão e de compartilhamento para dar conta das limitações impostas pelo cenário de crise sanitária.

Essa experiência foi especialmente desafiadora para mim, dado o caráter coletivo e dialogado que sempre valorizei em minha prática acadêmica e no próprio tema de minha pesquisa, ancorado na Educação Popular e na Liderança Popular. A ausência do contato físico e das interações presenciais nos encontros acadêmicos foi uma ruptura difícil, especialmente para um pesquisador cuja formação se construiu sobre o diálogo e sobre a troca vivencial com os outros. No entanto, essa adversidade também revelou novos caminhos: a partir dessa experiência, desenvolvi formas alternativas de diálogo e colaboração, utilizando as ferramentas digitais para criar espaços de escuta e partilha que, embora virtuais, preservaram a essência da educação dialógica.

Em meio a essas transformações, a relação com o meu orientador e com os colegas também precisou ser ressignificada. A impossibilidade dos encontros presenciais exigiu que aprimorássemos nossas habilidades de comunicação e,

ao mesmo tempo, desenvolvêssemos uma sensibilidade mais aguçada para lidar com as barreiras da comunicação digital. Com a orientação a distância, aprendi a cultivar uma escuta mais atenta e uma organização mais rigorosa das ideias. Esse processo, embora árduo, trouxe uma profundidade renovada à pesquisa, pois cada interação se tornou mais reflexiva e intencional, desafiando-nos a ir além das limitações físicas para consolidar o sentido coletivo do saber construído.

Assim, o percurso de doutorado durante a pandemia foi marcado por uma dualidade: ao mesmo tempo em que evidenciou as dificuldades e o isolamento, reforçou o meu compromisso com o papel social da educação e com a necessidade de construir pontes entre o saber acadêmico e as práticas populares. Essa experiência, apesar das limitações e dos desafios, tornou-se uma etapa fundamental na minha formação, solidificando em mim a convicção de que o diálogo, mesmo em tempos de distanciamento físico, é uma ferramenta poderosa de transformação pessoal e coletiva.

Os seminários

Os seminários ao longo do doutorado representaram um verdadeiro laboratório prático da reflexão, no qual a pesquisa se moldava e se expandia a partir das trocas constantes de ideias e das críticas construtivas. Esses encontros se configuraram como espaços de imersão, desafiando minhas ideias iniciais e proporcionando uma base teórica e metodológica que ia se consolidando progressivamente.

Cada seminário era uma oportunidade de revisitar minhas suposições, de questionar os fundamentos de minha pesquisa e de considerar novas possibilidades interpretativas que

surgiam no calor dos debates, à medida que meus colegas e professores traziam suas perspectivas, críticas e indagações ao que eu apresentava. Assim, o seminário não apenas esclarecia, mas ampliava a pesquisa, permitindo uma construção colaborativa da tese.

Além do suporte teórico e metodológico que essas sessões proporcionavam, os seminários também alargavam o horizonte crítico da pesquisa. Os apontamentos e questionamentos feitos pelos colegas instigavam novas direções e refinavam o foco da investigação, contribuindo para a depuração e para o aprimoramento dos rumos de minha pesquisa. As críticas recebidas eram valiosas, pois revelavam aspectos que, de outra forma, talvez passassem despercebidos, permitindo que o trabalho ganhasse profundidade e rigor.

Dessa forma, os seminários mostraram-se fundamentais não apenas como espaços de diálogo, mas como locais de criação de um conhecimento verdadeiramente coletivo. Cada encontro me rememorava da importância do estudo constante, do contato com novos referenciais teóricos e da abertura para revisitar e aprimorar as metodologias de pesquisa. Afinal, pesquisar sem explorar novas ideias, teorias e métodos seria, no fundo, apenas reproduzir o que já foi dito. Nesse sentido, os seminários me ensinaram que a originalidade de uma pesquisa não nasce isoladamente; ela vem do diálogo ativo com as contribuições e críticas que se revelam no coletivo.

A prática de expor meus avanços e escutar atentamente as contribuições alheias ajudou a formar uma estrutura de pensamento crítico e dialógico. O desafio de comunicar minhas ideias sobre liderança popular e, ao mesmo tempo, acolher

as percepções dos colegas exigiu de mim uma postura de humildade intelectual e de abertura para a construção conjunta do conhecimento. Cada apresentação nos seminários era uma oportunidade de aprendizado em que o foco não estava apenas em defender uma tese, mas em compreendê-la de forma mais ampla, considerando as lacunas apontadas pelos demais. Assim, o seminário era um refino em que a pesquisa se tornava mais sólida e fundamentada.

Essa experiência coletiva fortaleceu em mim a convicção de que o saber acadêmico, para ser transformador, precisa estar em constante diálogo com outras perspectivas, outras vozes e outros saberes. A participação ativa nos seminários permitiu que a minha pesquisa ganhasse contornos mais complexos e inclusivos, refletindo um compromisso com a construção de um conhecimento que, além de rigoroso, é enriquecido pela pluralidade e pela crítica.

Grupos de pesquisa e Cátedra Unesco

A participação no CELAPED – Centro de Estudos Latino-americanos em Pesquisa e Educação – foi uma experiência marcante em minha trajetória acadêmica e ofereceu-me um espaço que ultrapassava a simples troca de saberes. Nesse grupo, dedicado ao estudo e à valorização dos saberes latino-americanos na educação, encontrei uma comunidade que compartilhava o compromisso com a transformação social e que trazia à tona vozes históricas e contemporâneas da América Latina. O Celaped se tornou, para mim, um espaço de reencontro com minhas próprias raízes, onde o conhecimento acadêmico estava profundamente ligado aos

contextos e às lutas populares, refletindo as especificidades e os desafios dos nossos povos latino-americanos.

Essa experiência no Celaped ampliou minha visão sobre a educação popular e sobre o papel da pesquisa na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse grupo, a colaboração e a troca não eram meras formalidades acadêmicas; ao contrário, cada discussão trazia consigo a urgência de entender e de responder às demandas e resistências sociais da nossa região geográfica. Nesse ambiente colaborativo também ecoava os princípios de Paulo Freire, de acordo com os quais o saber partilhado, enraizado na realidade concreta dos povos, é visto não como um fim em si, mas como um meio de emancipação e de conscientização coletiva. Para mim, o Celaped foi uma reafirmação da importância de uma educação comprometida com a realidade social, econômica e política de nossa América Latina.

Posteriormente, o convite para participar da Cátedra Unesco coordenada pelo meu orientador, Danilo Streck, ampliou ainda mais essa experiência e trouxe novas camadas de complexidade à minha formação. A Cátedra, com seu caráter dialógico, reunia vozes de toda a América Latina e de diferentes lugares do Brasil, criando um espaço de pensamento transnacional e interdisciplinar. Nela, pesquisadores e pesquisadoras se dedicavam a temas como internacionalização e leitura crítica do pensamento latino-americano, explorando questões que dialogam profundamente com as necessidades e os desafios regionais.

A presença de pesquisadores de diferentes universidades, como Unisinos e Unisantos, que compartilhavam suas experiências e reflexões, oriundos de diferentes contex-

tos brasileiros e com olhares plurais sobre as questões da educação e da sociedade, fortaleceu minha convicção na importância do diálogo entre saberes e culturas.

Ainda preciso ressaltar os dois simpósios que a Cátedra realizou, um em Caxias do Sul e outro em São Leopoldo, reunindo pesquisadores e pesquisadoras para dialogar em seus 3 eixos de interesse, gerando uma rede de trocas entre mestrandos(as) e doutorandos(as) de diferentes espaços acadêmicos. Para mim, que cursei os primeiros anos do doutorado em plena pandemia, encontros presenciais são momentos de renovação do fôlego das pesquisas que revigoram os laços e os afetos.

Encontros e desencontros

A jornada de quatro anos no doutorado não foi apenas uma jornada intelectual, ela foi também uma caminhada de afetos e relações que moldaram minha experiência de maneira profunda e duradoura. Convivendo com colegas, orientadores e lideranças populares, formei laços que transcenderam o campo acadêmico, tornando-se, integralmente, parte de minha história. Cada encontro, cada olhar e cada conversa carregava em si uma troca, um afeto que criava um vínculo com cada pessoa que cruzava meu caminho, tornando a pesquisa uma experiência verdadeiramente humana e partilhada.

Esses encontros e desencontros, marcados por desafios e descobertas, foram momentos de crescimento, não apenas como pesquisador, mas como ser humano. Em meio às intensas reflexões e questionamentos, sempre havia um colega, um(a) professor(a) disposto(a) a compartilhar seu saber, a

escutar com atenção e a oferecer uma palavra de incentivo. A convivência se transformava, então, em um espaço de acolhimento e fortalecimento mútuo, no qual cada voz enriquecia a minha jornada e me ajudava a reencontrar o sentido do trabalho acadêmico: a produção coletiva de conhecimento.

Ao olhar para trás, sou imensamente grato pelas vivências e a cada pessoa que fez parte desse caminho, deixando em mim um pouco de si. Levo comigo o aprendizado acadêmico, mas também a recordação dos olhares atentos, das risadas compartilhadas e das palavras que me guiaram nos momentos de dúvida. Esses afetos e essas relações são o que dá sentido ao percurso, revelando que o doutorado é uma construção coletiva cujos encontros transformam e enriquecem, permitindo que o conhecimento floresça em terreno fértil, onde a gratidão e o respeito são as bases da verdadeira aprendizagem.

Dificuldades e superações

As dificuldades encontradas ao longo do doutorado foram desafios que transcenderam o campo acadêmico, tocando esferas pessoais e familiares e exigindo uma resiliência que, muitas vezes, parecia ir além das minhas forças. Durante o período da pandemia, a impossibilidade de contatar diretamente as lideranças populares, núcleo essencial da minha pesquisa, trouxe uma barreira inesperada e significativa. Em um contexto no qual o contato humano e as trocas presenciais eram essenciais para captar as nuances e os sentimentos dessas lideranças, o distanciamento imposto pela crise sanitária nos obrigou a buscar novas formas de comunicação. Apesar de recorrermos a encontros virtuais,

a riqueza e a profundidade das trocas nunca alcançavam o mesmo nível de proximidade e confiança que um encontro físico proporciona. Esse isolamento tornou o trabalho de campo mais árduo e solitário, exigindo um esforço contínuo para manter o espírito do estudo vivo e alinhado ao propósito inicial.

No âmbito pessoal, as dificuldades se multiplicavam. Estudar isolado, sem o apoio diário e presencial de colegas e professores, desafiou meu senso de disciplina e organização. Além disso, conciliar as demandas acadêmicas com a vida familiar foi uma tarefa que exigiu grande dedicação e equilíbrio. Minha esposa e minha filha pequena foram minha fonte de alegria e de renovação de forças, mas, ao mesmo tempo, elas precisavam do meu apoio e da minha presença. Havia ainda o cuidado constante com minha mãe, idosa, cuja saúde era uma preocupação sempre presente em meio ao cenário incerto da pandemia. A necessidade de dividir o tempo e a atenção entre o rigor acadêmico e as responsabilidades familiares foi, sem dúvida, uma das maiores provas dessa jornada. Foram muitas as noites em que o cansaço parecia um obstáculo insuperável, mas a cada dificuldade surgia também uma oportunidade de crescimento e de reafirmação do meu compromisso com a pesquisa.

Superar essas barreiras tornou-se uma questão de honra e de perseverança. Ver o texto ganhando forma, cada conceito se entrelaçando e se estruturando, era uma conquista que renovava meu ânimo e trazia um sentido maior ao esforço diário. Aos poucos, mesmo com as limitações, a "Pedagogia da Liderança Popular" começou a se delinear como uma proposta concreta e palpável, não mais como uma ideia

abstrata, mas como um corpo teórico e metodológico que poderia, de fato, contribuir para a formação prática das lideranças populares. A cada avanço no texto, a pesquisa se tornava mais sólida, e a sensação de que, finalmente, eu estava conseguindo expressar de maneira responsável e séria o compromisso com a educação popular era uma vitória pessoal e acadêmica.

Esse processo de superação foi também uma forma de ressignificar a minha própria relação com o trabalho acadêmico. A responsabilidade de entregar um texto coerente, fundamentado e comprometido com os ideais freirianos reforçou em mim o valor da seriedade e da dedicação que o campo da educação popular exige. O resultado não era apenas um produto acadêmico, era a materialização de anos de esforço, de sacrifícios familiares e de uma persistência inabalável.

Hoje, ao olhar para o trabalho final, sinto que cada dificuldade enfrentada foi um tijolo na construção desse compromisso. O texto entregue não é só um reflexo de meu percurso intelectual, mas também de uma caminhada de vida, marcada por desafios que forjaram minha resiliência e aprofundaram minha convicção nos valores que sempre guiaram minha trajetória. A entrega desse trabalho representa, para além da conclusão de uma etapa, a continuidade de um compromisso com a educação popular e com a luta pela transformação social; um compromisso que, espero, possa reverberar além das páginas escritas, impactando os processos e as experiências formativas.

O que me atravessa, o que permanece e o que dos outros ficou em mim?

A jornada até aqui foi marcada por uma série de aprendizados que me atravessaram e moldaram a trajetória de minha formação acadêmica. Esses aprendizados não residem apenas nas teorias ou nos conceitos formalizados nos textos, mas no próprio modo como cada experiência vivida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade de Caxias do Sul (UCS), contribuiu para consolidar o meu compromisso com uma educação que impulsiona a transformação social.

O que permanece é a convicção de que a universidade ocupa um papel vital na construção de uma sociedade mais crítica, justa e solidária, na qual a pesquisa não apenas produz conhecimento; ela age como um motor para o desenvolvimento de um olhar mais crítico e atento às desigualdades e desafios contemporâneos. O PPGEdu da UCS, com sua estrutura e rigor acadêmico, foi um espaço onde pude explorar e expandir a reflexão sobre a educação popular e o cooperativismo, sempre em diálogo com os desafios sociais e culturais de nossa sociedade.

As pesquisas desenvolvidas no programa são um compromisso com a construção de saberes que ultrapassam o ambiente universitário, impactando diretamente os contextos e os(as) pesquisadores(as) que os inspiram. Para mim, o PPGEdu não forma apenas pesquisadores(as), mas cidadãos(ãs) engajados(as), capazes de transformar a realidade em que atuam. Essa perspectiva é, sem dúvida, uma das marcas que o programa nos deixa, um legado que nos compromete a

dar continuidade a esses esforços em nossas futuras práticas profissionais.

Parte do que me atravessa são também os valores e a seriedade dos professores que compõem o PPGEdu. A dedicação e a responsabilidade com que tratam cada aluno(a) e cada etapa do processo formativo são notórias. Esses professores não apenas compartilham conhecimento, eles têm um compromisso ético com o desenvolvimento dos estudantes e com a própria educação. Em cada orientação cuidadosa e em cada encontro, a presença atenta e o suporte contínuo dos docentes reforçaram em mim a importância da seriedade e do comprometimento com o trabalho acadêmico. Essa disposição para ajudar, esse "estar junto" no processo, é um traço que, sem dúvida, levarei comigo como exemplo.

Além disso, o PPGEdu se destaca pela valorização do diálogo e da diversidade de perspectivas, refletindo um ambiente de pesquisa que reconhece a pluralidade de saberes como uma riqueza essencial. Ao longo da minha trajetória no programa, fui atravessado pela multiplicidade de olhares e de abordagens que convergiam no debate acadêmico, possibilitando uma compreensão mais ampla e aprofundada das questões que movem a educação em nosso contexto.

O que permanece em mim é a certeza de que a universidade, ao promover essa formação crítica e dialógica, cumpre um papel indispensável em nossa sociedade. A UCS, por meio do PPGEdu, não apenas prepara pesquisadores para o mercado; ela forma sujeitos comprometidos com a realidade social, dispostos a enfrentar os desafios educacionais e a contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

O que eu espero e o que me move?

Ao chegar ao final do doutorado, o que me move é a profunda vontade de contribuir para a formação de novas lideranças populares, capazes de agir com criticidade e consciência nas lutas sociais. Minha trajetória é marcada pela resiliência e pelo compromisso com uma educação transformadora. Como filho de um pedreiro e de uma costureira, que sonhavam com um futuro melhor para seus filhos, trilhei um caminho repleto de desafios, guiado pelo valor que minha família sempre atribuiu ao estudo e ao trabalho. Foi esse incentivo, aliado ao apoio fundamental da bolsa de estudo, financiada pela Capes, que me permitiu alcançar o título de Doutor em Educação.

O que espero, a partir dessa formação, é que meu trabalho acadêmico reverbere para além dos muros da universidade, chegando às comunidades, aos movimentos populares e às lideranças em formação. Anseio que o conhecimento construído ao longo desses anos, inspirado pelos ensinamentos de Paulo Freire, possa retornar ao povo em um movimento de reciprocidade no qual a academia se aproxime das realidades e dos desafios do campo popular.

Guiado por essa missão, sigo adiante com o desejo de construir uma pedagogia da liderança popular. A experiência e o apoio que recebi reforçam em mim a responsabilidade de compartilhar o conhecimento com a sociedade, construindo pontes entre a educação formal e as práticas populares. A certeza de que a educação e a organização popular são caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária é o que me motiva a continuar esta jornada.

(Re)vivendo a pesquisa pelo coração

Janaina Dorigo dos Santos[21]

Por estas linhas vou tentando recordar um pouco as experiências vividas nos dois anos que fui mestranda em Educação no PPGEdu da Universidade de Caxias do Sul. A palavra *recordar*, que tem origem no latim *re-cordis*, significa "voltar a passar no coração". Quando parei para pensar no que escrever a partir do que tentei relembrar, essa palavra fez muito sentido para mim, principalmente quando me proponho a fazer um balanço da (trans)formação em pesquisa. Acredito que, ainda antes de iniciar o curso de mestrado, venho me transformando a partir da pesquisa, e sei que isso só acontece porque as vivências da pesquisa, e para além dela, são impregnadas de emoções. Assim, sei que vou recordando partes da minha experiencia acadêmica a partir do que foi me tocando emocionalmente no percurso, sendo que ele iniciou antes mesmo do ingresso no mestrado.

Por meio da linha imaginária que faço para recordar, percebo que às vezes me perco no tempo quando tento

[21] Data da Defesa: 19/11/2021. Título da Dissertação: Educação em Saúde Mental: Encontros com educação popular. Orientadora: Claudia Alquati Bisol. Coorientador: Sandro de Castro Pitano. Linha de pesquisa: Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: ProIncluir 3 – Processos inclusivos: a deficiência e a normalidade em questão. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/4fe8d72d-b2e6-4264-b23c-40856ffab626

rememorar como foi o período em que estive mestranda. Não acho que seja uma sensação só minha essa atemporalidade, mas de todos que vivenciaram e que têm consciência, principalmente, dos anos de 2020 e 2021. É muito claro para mim a recordação de como foi antes de ingressar na pós-graduação. De quando estava em dúvida e tomei a decisão de fazer o mestrado; das conversas com a família para tomar a decisão de entrar; do encorajamento de uma amiga, que recentemente finalizava seu percurso acadêmico, para que eu me inscrevesse. Também recordo bem de ver meu nome na seleção e de como me imaginava entrando na sala, conhecendo meus colegas, interagindo e escutando os professores. Recordo de como sorria esperançosa com tantas imaginações, que já me colocavam dentro do mestrado e seguindo o caminho da minha pesquisa. Entretanto, no início do ano de 2020, o mundo girou 180 graus não só para mim, mas para todos.

Já não tenho tanta recordação de como fui assimilando a ideia de que o mestrado seria virtual, sem sala de aula concreta, sem interação nos corredores, sem cafezinho no intervalo com os colegas, sem chegar atrasada por causa do trânsito, sem marcar algo depois da aula com a galera. A pandemia da Covid-19 invadiu nossas vidas em março de 2020, e fomos nos adaptando, sobrevivendo e continuando. Tudo acontecendo meio junto: uma subida vertiginosa de pessoas morrendo em decorrência da Covid-19; pessoas próximas internadas e intubadas; pessoas queridas falecendo; a sensação de medo constante tomando conta do nosso dia a dia; incertezas; uma parcela da população em isolamento em casa; outra parte sendo serviço essencial e trabalhando

(me incluo nessa parcela); e a turma do mestrado se adaptando ao que era novidade para nós, a pós-graduação na modalidade *on-line*. Opa! Nos adaptando? Hoje não sei não se o verbo é adaptar. Acho que fomos nos experienciando e vivendo o novo (na pesquisa e na vida) e, quando vimos, passaram-se os dois anos do mestrado e de pesquisas em meio a uma pandemia.

Em relação à turma de mestrado, iniciamos os encontros dos seminários de forma híbrida e com curiosidade. Quem éramos? Como éramos? Eu lembro que durante os encontros o meu pensamento voava e eu ficava imaginando como seria todos nós juntos e se a professora era mais alta ou mais baixa que eu. Nos conhecemos somente no virtual e, para quem não era muito acostumado com essa modalidade de encontros, foi necessário um tempo para a construção de vínculos entre nós. Acredito que a dificuldade se ancorava na sensação de não se sentir pertencente ao mestrado. A falta de concretude, de um lugar do mestrado, de estar na sala de aula, de ver as pessoas que eram nossos pares acadêmicos contribuía para a ausência do sentimento de pertencimento à pós-graduação. Sem a possibilidade de estarmos próximos de forma concreta, percebi em mim uma dificuldade de criar a própria identidade de estudante-pesquisadora. Pelo menos para mim havia essa sensação.

Eu sabia ser estudante e ser parte de uma turma de graduação, de uma turma de especialização, mas era diferente entrar no mundo da pesquisa como alguém que não apenas espera que o saber do professor seja exposto, mas explora e constrói o conhecimento. A pós-graduação é um novo mundo que se abre, com diferentes engrenagens que

o movem, e a nossa turma do mestrado teve que mergulhar neste mundo desconhecido de forma individual, como se cada um fosse um mergulhador com seu aparelho próprio de respiração. Não tivemos a oportunidade de entrarmos juntos em um submarino.

O que imagino hoje é que a dificuldade de se sentir pertencente fez com que a cobrança de ser produtiva fosse tomando conta, afinal, já que não havia mais deslocamento, havia espaço para mais leituras; já que não havia mais intervalos para cafezinhos, havia espaço para mais produções escritas. A maioria de nós encontrava-se em isolamento, fazendo o mestrado na sua casa, muitas vezes na sua cama, o que deu a sensação de que havia mais disponibilidade para fazer coisas acadêmicas. A facilidade de sair de uma sala virtual e entrar em outra fez com que os compromissos também fossem mais frenéticos. Assim, o intervalo da aula abria espaço para falar rapidamente com o orientador; o tempo de espera entre uma aula e outra, para uma palestra virtual. O mundo virtual nos engoliu e a vida foi ficando cada vez mais acelerada; os compromissos, se. Apesar dos empecilhos para os encontros presenciais, os virtuais existiram, fazendo com que os compromissos em sequência um do outro fossem inevitáveis: acordar, tomar café, não precisar tirar o pijama e estar imerso no mundo da pós-graduação síncrona, nos seminários, nas palestras, nas orientações. E assim, cheios de compromissos e de necessidades de estudos, ao mesmo tempo era necessário que assimilássemos o fato de estarmos experienciando uma pandemia jamais vivida por nenhum de nós.

Apesar disso, penso que uma marca que ficou para mim foi o quanto fomos aprendendo a nos escutar e a nos cuidar antes de iniciar as aulas e em encontros virtuais que organizávamos. Isso se deu porque todos passavam pela inquietude de fazer algo novo. Tanto em relação à vida isolada e distante quanto em razão do fato de sermos estudantes-pesquisadores, de estamos cursando um mestrando em isolamento do coletivo, fisicamente longe da turma de mestrado. Precisávamos falar sobre o que estávamos passando e sobre as estranhezas que sentíamos, e ter momentos de desabafo fez o percurso acadêmico ser mais leve. Aliás, não sei se em uma situação de "normalidade" teríamos sido tão acolhedores e empáticos uns com os outros.

Neste momento, escrevendo, parece-me tão desconexo o fato de, naquele tempo, haver estranhado a modalidade *on-line* das aulas; atualmente, porém, ela é uma parte "normalizada" do cotidiano. Justamente por isso, muitos leitores desta escrita talvez não compreendam a estranheza que sentimos ao assistir às aulas de mestrado a distância. Há meros cinco anos! De fato, ainda é difícil assimilar o tempo que passou.

Com essa contextualização que fiz do período em que fui mestranda, é possível perceber que o percurso da pesquisa foi permeado por constantes modificações, afinal, eu havia construído um projeto de pesquisa para entrar no mestrado, mas colocá-lo em prática não era mais uma opção, uma vez que quando ele foi elaborado eu não imaginava que uma pandemia e suas limitações se atravessariam em toda a pesquisa. Assim, o período pandêmico tornou necessário que se repensassem os participantes, o método, os instrumentos;

enfim, que fosse refeita a pesquisa. Não me senti só, já que todos nós da turma recebêramos essa incumbência, e aí morava um tanto da necessidade que tínhamos de desabafar a respeito. Hoje penso que talvez seja parte da vivência acadêmica da maioria dos pesquisadores que não passaram pela situação de pandemia a necessidade de modificação da pesquisa, independentemente da situação em que eles se encontrem. Mas o encargo pandêmico não nos deu opção de continuar com as pesquisas tal qual havíamos idealizado. Não tivemos escolhas de, por exemplo, continuar com métodos de pesquisa que exigissem a presença de um coletivo. Acho que ficou uma sensação de perda que se potencializou com a partir do que estávamos vivendo.

Ainda que a vivência pandêmica estivesse à flor da pele, compreendo que a dificuldade de pertencimento foi diminuindo à medida que nos acolhemos e que aceitamos a realidade posta. A vida seguia!

Ávidos por nossas pesquisas, fomos dando contorno à identidade de pesquisadores virtuais. Assim, do isolamento social à abertura para o novo mundo de conhecimento, foi na nossa humanidade que transgredimos a dureza das telas dos computadores e impregnamos de afeto os nossos fazeres de pesquisa.

Apesar de você, pandemia, carrego lembranças boas de cada seminário, de cada encontro, de cada colega e de cada professor. E acredito ter sido uma boniteza aconchegante nos propormos a um encontro presencial quando terminou o mestrado; para surpresa de todos, essa reunião nos mostrou não sermos como nos imaginávamos. Realmente os retângulos das telas dos computadores abriam espaço para

que nos colocássemos juntos, nos imaginando em altura, em vestimenta e em comportamento. Mais uma vez, porém, transgredimos a dureza das telas e soubemos ser um grupo, ser um coletivo virtual com presença.

A possibilidade de ser flexível fez com que a pesquisa, que inicialmente parecia padecer, (re)vivesse, como o fluxo de um rio que, apesar da seca, volta a fluir após a chuva e vai se encontrando com obstáculos, seguindo modificado, em maior ou menor velocidade, mais estreito ou mais largo, mas seguindo. Como o rio cada vez mais cheio, a pesquisa seguiu viva e pulsante, com a pesquisadora (eu) se descobrindo pesquisadora-educadora-psicóloga. Sim! Foi no percurso do mestrado que, aos poucos, me descobri pesquisadora e compreendi mais sobre minhas identidades profissionais: a educadora social e a psicóloga. Essa compreensão foi o meu divisor de águas para o trabalho que executo até hoje, e é nessa compreensão que mora a transformação mais pulsante que há em mim e que levo no cotidiano do trabalho que executo, na Política de Assistência Social e nas vivências pessoais. O aprofundamento na pesquisa transformou minha forma de ver o mundo e de me relacionar com as pessoas que encontro no cotidiano de trabalho. Percebo que somos constantes encontros de vidas com saberes genuínos. A partir dos encontros desses saberes e abertura para o diálogo, a possibilidade de construção de nossas perspectivas e transformação.

Ao caminhar pela pesquisa e perceber a permanente (trans)formação em mim, concluo que talvez seja uma tarefa muito árdua, ou mesmo impossível, não se apaixonar pelo que se está pesquisando. Nesse enamoramento, há um mer-

gulho genuíno na pesquisa que faz com que em ambos (na pesquisa e no pesquisador) fique um pouco de um no outro. Sei que há partes da pesquisa em mim porque, sempre que fico muito tempo sem ler o resultado, a dissertação, ao me aproximar novamente dele, consigo perceber que está tudo em mim, no meu pensamento, no meu ser e na minha práxis. No momento não estou mais no caminho da pesquisa, mas no cotidiano do trabalho, junto aos usuários do serviço no qual atuo; ainda assim, é possível perceber como parte da pesquisa se aflora na reflexão crítica em grupo, na inquietude de tentar modificar o mundo e no pertencimento ao coletivo, pulsante de conhecimento, tanto de trabalhadores como de usuários que, a partir dos encontros vão construindo outras formas de pensar e de ser no mundo.

E assim me movo! Ainda não sei ao certo se retorno para o mundo da pesquisa, pois o caminho que sigo promove algumas mudanças que me encantam e me fazem continuar. Porém, pra mim é certo: em mim há um mundo novo por causa mestranda que fui e um mundo há descobrir por causa da eterna pesquisadora do mundo que, agora, sou.

A busca por relações pedagógicas mais justas

Jourdan Linder[22]

O tão sonhado ingresso no doutorado foi possível devido à parceria entre a Universidade em que trabalho (Uniplac) e a UCS. Não fosse assim, seria inviável para este jovem pesquisador da serra catarinense cursar o doutorado. Após o percurso de doutoramento ter sido iniciado, algo que me chamou a atenção foi a forma como os docentes do programa se referiam uns aos outros. Era latente que as relações no PPGEdu da UCS são perpassadas por ética, respeito e, sobretudo, afetividade.

Esse clima provocava os melhores sentimentos entre as(os) colegas de nossa pequena turma. Nossas aulas aconteciam às sextas-feiras nos períodos vespertino e noturno e aos sábados pela manhã. Para mim, esses eram os dias mais esperados da semana. Poder ir para a Uniplac, mais uma vez, na condição de estudante, era mágico.

Era muito prazeroso podermos receber os professores em nossa terra, para longos diálogos acerca do campo

[22] Data da Defesa: 04/12/2023. Título da Tese: Experiência escolar juvenil em periferia urbana: sentimentos de injustiça e processos de reconhecimento. Orientador(a): Nilda Stecanela. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Experiências formativas entrelaçadas: do cotidiano da Educação Superior à Educação Básica. Financiamento: Apoio Prefeitura de Lages/SC. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/10c6cdbb-d446-42f8-ae56-6907f289aa65

educacional. Até mesmo os momentos de intervalo para o café, no centro de convivência da Universidade, eram significativos. Foram tardes, noites e manhãs agradáveis de muito aprendizado.

Entretando, no início de 2020, fomos assaltados pela pandemia do Covid-19. E, com ela, o isolamento social se estabeleceu. Rapidamente as(os) professoras(es) buscaram adaptar suas metodologias ao ensino remoto, e o fizeram com maestria. Lembro-me, com carinho, dos diálogos tecidos durante o Seminário Especial "Educação e cotidiano: pressupostos teóricos e metodológicos". Fomos desafiadas(os), mediante uma carta de aula, a construirmos um relato de cotidiano e a partilharmos com a turma, em nosso encontro remoto. Quanta boniteza foi experienciada naquela manhã de sábado.

Se, por um lado, lamentávamos o fato de não podermos mais receber as(os) professoras(es) da UCS, presencialmente, na Uniplac, por outro, nos alimentávamos daqueles encontros remotos em um momento tão delicado de isolamento social. Assim concluímos os créditos, de forma remota.

Posteriormente, foi a hora de me aventurar a desbravar o cotidiano escolar, a olhar suas rotinas e rupturas, a perscrutar suas dobras. Antes de me lançar ao campo, as *preparações* envolveram construir dois Estados do Conhecimento, um acerca da "Experiência Escolar Juvenil" e outro sobre "Sentimento de Injustiça e Escola". Estes foram momentos de me debruçar sobre a leitura de outros pesquisadores que vieram antes de mim e de sistematizar os achados por meio da escrita.

Esse período, que chamo aqui de *preparação*, foi muito importante para ajustar as lentes e a bússola em direção à escola periférica na qual jovens estudantes vivenciavam sua experiência escolar.

Talvez a parte que mais me trouxe empolgação, no processo de pesquisa, foi o contato com as(os) jovens estudantes nos grupos focais realizados. Escutar a respeito de seus sentimentos de injustiça desperta em mim o ímpeto de reconhecer essas vozes e de evidenciá-las tanto nas publicações científicas quanto nos processos de formação docente inicial e continuada nos quais trabalho atualmente.

Mais adiante, foi o momento de passar longas horas na biblioteca da Uniplac analisando os dados construídos no campo e exercendo autoria de novas compreensões decorrentes deles. No início, essa empreitada parecia ser grande demais para ser realizada, mas, com o passar do tempo, as palavras foram sendo pousadas no papel, comunicando os achados desse cotidiano.

A partir da pesquisa desenvolvida, fica em mim o anseio pela construção de escolas mais justas, nas quais a relação pedagógica se dê a partir do reconhecimento mútuo entre os sujeitos, tendo como consequência experiências escolares significativas nas quais as aprendizagens de fato aconteçam.

Assim, me movo com muitas outras ideias investigativas, partilhando com meus pares os conhecimentos que emergiram da pesquisa realizada.

O emaranhado de minha tecitura pessoal

Júlia Duarte Schenkel[23]

Desde que iniciei o curso de mestrado, de fato, me (trans) formei... Essa constatação tem me tocado de forma ímpar nas últimas semanas. Na reta final deste percurso tão intenso, venho pensando sobre como a transformação é necessária e como todas as linhas que encontramos pelo caminho corroboram a constituição do nosso carretel particular e que, ao mesmo tempo, transborda *outros*, é feito de outros. Da transformação pelos/com os encontros, com os outros, nos formamos, nos transformamos. Como uma costura acelerada vejo o processo chegando ao fim, mas sem encerrar, afinal, seguimos reverberando. Reverberar é a palavra que mais tem me tocado ultimamente, reverberando em mim com muitas vozes distintas, com linhas que se estendem dos seminários, das orientações, do grupo de estudos, das apresentações, dos eventos, das escritas, das leituras e das reflexões. Cada reverberação faz algo novo "clarear", que bom quando o novo clareia! Nos transformamos, nos

[23] Data da Defesa: 28/11/2024. Título da Dissertação: Escritecer: leitura e escritura de crianças do ensino fundamental (5° ano). Orientadora: Flávia Brocchetto Ramos. Linha de pesquisa: Educação, linguagem, tecnologia e inclusão. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Dimensões artísticas e educativas do PNLD Literário 2023: formação do leitor. Financiamento: Prosuc-Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/b4e24d64-f9b6-4854-8d2c-00a356debb74

formamos, nos encontramos, clareamos, reverberamos, com novos fios, novas linhas, cores, ideias e vidas!

Aqui reverbero alguns pontos importantes do emaranhando da minha tecitura pessoal, dessa que me constitui, cujas pontas encontrei no decorrer dos últimos dois anos. Ao longo do tecer do mestrado, enquanto a escritura da dissertação foi construída, a educação se consolidou, para mim, como campo de pesquisa, junto aos diferentes modos de pesquisar e de se constituir pesquisador, pesquisadora. Entendi que é preciso que nos compreendamos, que tenhamos conhecimento de nós mesmos, para que possamos nos reconhecer e conhecer como pesquisadores em uma postura que está sempre em construção, em transformação pelas tantas experiências que nos tocam ao longo do caminho. Além disso, compreendi que explorar e conhecer o campo de pesquisa do qual fazemos parte é essencial para isso, para nos constituirmos e entendermos nossos interesses, aptidões, curiosidades, o que nos motiva, para, também, conhecermos a nossa escrita, pela qual existimos, nos fazemos presentes e estendemos nossas linhas para se juntarem a tantas outras. Nesse processo de tecer e juntar linhas realizado no percurso do mestrado, pude desenvolver algumas construções, entre as quais destaco:

- Resenha em periódico QUALIS A2 – ALVES, K. F.; SCHENKEL, J. D. Estéticas dissidentes e educação: potente e sensível. *Revista Desenredo*, *[S. l.]*, v. 19, n. 1, 2023. DOI: 10.5335/rdes.v19i1.14865. Disponível em: https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/14865. (2023).
- Artigo "Cidadania global: tanto por fazer na dimensão poética...", aceito para publicação na Revista de Educação

Pública (Autoras: Flávia Brocchetto Ramos, Júlia Duarte Schenkel, Marli Cristina Tasca Marangoni) (2024).

- Trabalhos completos em evento:
  - "Escola e escritura: encontro possível", no evento VIII CEDU: Colóquio Nacional de Educação Discente e I CINED: Congresso Internacional de Educação: História e Processos Educativos. (2023).
  - "Um sonho feito de linhas: tecendo significados sobre o protagonismo feminino", no evento: X Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (X SLIJ) e VII Seminário Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (VII SELIPRAM): Viver espaços e tempos de mediação. (2024).
  - "Mudanças epistemológicas no campo da educação especial no Brasil com foco na perspectiva da educação inclusiva", no evento: IX Colóquio Nacional de Educação Discente (CEDU) e I Encontro de IX Colóquio Nacional de Educação Discente (CEDU) e I Encontro de Egressos do PPGEdu (Autores: Júlia Duarte Schenkel e Érisson Teixeira Emer) (2024).
- Resumo expandido em eventos:
  - "Escritura de crianças do Ensino Fundamental (5º ano)", no evento: VIII CEDU: Colóquio Nacional de Educação Discente e I CINED: Congresso Internacional de Educação: História e Processos Educativos. (2023).
- Resumo em eventos:
  - "Um sonho feito de linhas: tecendo significados sobre o protagonismo feminino", no evento: X Seminário de Literatura Infantil e Juvenil (X SLIJ) e do VII Seminário

Internacional de Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Mediação Literária (VII SELIPRAM): Viver espaços e tempos de mediação. (2024).

Participei de eventos propostos pelo PPGEdu, como palestras e simpósios, bem como acompanhei bancas de qualificação e defesa de mestrado e doutorado do programa. Em especial, ao longo do primeiro e do segundo semestres de 2023, participei de seminários ofertados pelo Programa e aprendi muito com cada encontro. Durante esse percurso, pude auxiliar o PPGEdu no processo de levantamento de dados relacionados às produções discentes para o preenchimento da plataforma Sucupira, necessário à avaliação do programa, o que me possibilitou que ter um ponto de vista distinto relacionado à pesquisa e à produção acadêmica. Também estive envolvida na organização do CEDU – Colóquio Nacional de Educação Discente em duas edições, 2023 e 2024, participando da comissão organizadora e da apresentação de trabalhos. A participação em eventos e ações foi essencial para a (trans)formação ao longo do caminho do mestrado, sendo esses espaços de encontros, conhecimento, ampliação e reverberação, destinados a clarear ideias e a entrelaçar linhas.

Entre essas experiências, destaco a participação nos encontros quinzenais do grupo de pesquisa Observatório de Leitura e Literatura (OLLI), que foram extremamente valiosas para mim e para a tessitura da investigação, afinal, por meio da reverberação de cada uma e dos encontros com diferentes linhas e cores, me constitui. As intersecções do grupo de pesquisa foram fundamentais para o desenvolvimento da investigação ao longo do mestrado, possibilitando encon-

tros com estudos desenvolvidos e em desenvolvimento, tendo como base discussões teóricas e nutrições estéticas que foram (são) inspirações e deleite em cada encontro. A Missão acadêmica cultural à Inhotim, realizada no primeiro semestre de 2023, também gerou bordados essenciais que têm espaço especial de memória afetiva, de modo que, na oportunidade, fui atravessada por experiências estéticas que inspiraram, humanizaram. Essa viagem foi uma experiência cultural valiosa, compartilhada com professoras e estudantes da área de humanidades, com a arte e a literatura, e que reverberou ao longo de todo o tecer da pós-graduação, e segue reverberando.

Entre as aprendizagens ao longo do mestrado também realizei o estágio de docência, o que me proporcionou aprendizagens significativas sobre uma nova perspectiva da experiência docente e sobre a construção coletiva do conhecimento. Nesse processo, por meio da observação e do auxílio à estruturação das propostas didáticas, junto ao acompanhamento do grupo de alunos e a partir de interações no ambiente virtual, tive a oportunidade de refletir sobre a importância da organização didática e da orientação para a sua realização. De forma positiva, pude observar como dinâmicas distintas podem funcionar em um ambiente virtual, ampliando meu entendimento sobre as estruturas do ensino a distância e compreendendo a importância da orientação para o seu bom funcionamento. A realização do estágio contribuiu para minha formação como profissional, em uma perspectiva docente distinta, e como aluna e pesquisadora, a partir do desenvolvimento de um novo ponto de vista sobre a aprendizagem e os seus caminhos.

Ao longo do trajeto, estive comprometida com o desenvolvimento da dissertação, experienciando a organização de material para o Comitê de Ética da Universidade e todo o processo de submissão e avaliação da pesquisa, realizando a qualificação do projeto no segundo semestre de 2023, a empiria, no mesmo ano, por meio do desenvolvimento de projeto de mediação docente intitulado "Escritecendo: leitura e escritura" e a sua escrita, sua tessitura, ao longo de todo o percurso como mestranda. A organização dos dados construídos, bem como sua análise e discussão com base nos objetivos propostos à investigação, foi realizada ao longo do primeiro semestre de 2024, e a escrita da pesquisa, "finalizada" no mês de outubro. A entrega às professoras arguidoras aconteceu no início do mês de novembro. A banca de defesa ocorreu no dia 28 de novembro, às 9h, e foi finalizada com a aprovação da dissertação e as indicações de publicações da pesquisa, de modo que, como forma de reverberá-lo, pretendemos divulgar o estudo em eventos, periódicos e no formato de livro.

Ao percorrer caminho da tessitura da pesquisa, que não é apenas minha, uma vez que foi tecida por muitas mãos e em muitos encontros, confirmei que a linguagem permite ao homem conhecer e ser conhecido (Bordini; Aguiar, 1993) e que, podemos dizer, o poder se faz pela linguagem, se inscrevendo nela e por ela (Barthes, 2007), sendo a literatura uma forma libertária de expandir os horizontes e os conhecimentos de mundos, de modo que pela experiência estética humaniza e, assim, colabora para a formação integral. Além disso, mediante a pesquisa e nas experiências junto ao grupo de estudos, foi possível observarmos interlocuções

de saberes distintos por meio da educação literária e do estudo da literatura infantil, da criança leitora e autora nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O mestrado é um processo repleto de beleza e subjetividade; é transformador e significativo. As linhas de subversão, teatralização, criação de mundos e de encontros com outros, com as quais me clareei ao longo dessa tessitura, seguem reverberando em mim. Sigo me transformando com essas reverberações que me acompanham em novos tecidos e, depois daqui, continuarei desatando e atando novos nós ao longo desse inútil (tão útil) tecer de encontros.

Referências

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. e posfácio Leyla Perrone-Moisés. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura*: a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

Aprendi a respeitar o processo de aprender

Marcelo Luis Fardo[24]

Começo a refletir sobre essa pergunta recebendo-a como uma provocação. Explico: na minha tese, proponho esse mesmo instrumento (balanços do saber) entrelaçado com uma estratégia de gamificação. A proposta era de que os alunos refletissem sobre seu processo de aprendizagem enquanto percorriam uma estratégia gamificada de aprendizagem. Nela, estou do outro lado, de quem lê e avalia essas respostas, identificando nos alunos as dificuldades, as conquistas, as inseguranças, as indiferenças, entre tantos outros sentimentos que transparecem nas respostas dadas por eles.

E agora é minha vez de responder a essa mesma pergunta!

Dois anos se passaram desde que eu defendi minha tese. Não tenho dúvidas de que as aprendizagens construídas tanto no mestrado quanto no doutorado, ambos feitos no mesmo programa de pós-graduação, atravessam meu fazer docente todos os dias. Muitas vezes, eles me ajudam a per-

[24] Data da Defesa: 19/04/2022. Título da Tese: gamificação com foco em narrativa e relações com o saber de estudantes: uma experiência no Ensino Superior. Orientadora: Carla Beatris Valentini. Linha de pesquisa: Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Tecnologia e educação: perspectivas para transformação e potencialização dos processos de ensino e de aprendizagem. Financiamento: UCS. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/544177fd-9e72-4200-a316-03c97413dcb8

ceber movimentos que ocorrem em sala de aula (e fora dela) que me provocam a refletir sobre como se aprende e sobre como se ensina (acho que muito mais sobre como se aprende).

Aprendi a respeitar o processo de aprender, tanto em mim como nos meus alunos. Aliás, aprendi que isso é processo, é movimento, e é constante. Aprendizagem não é um produto final, resultado de um esforço puramente prático ou puramente teórico, mas é o que ocorre no diálogo entre a prática e a teoria, entre indivíduos, entre professor e aluno, entre pares etc. As aprendizagens do mestrado e do doutorado certamente vivem em mim e fazem parte do profissional e do professor que eu sou.

Dessa forma, para o futuro, espero poder contribuir ainda mais para que mais pessoas possam acessar o ensino superior e conseguir realizar seus projetos pessoais e profissionais e para que possam, assim como eu, olhar para trás e ver que o caminho percorrido foi enriquecedor, que a jornada na educação valeu a pena e que a educação pode transformar vidas, apesar de todos os movimentos que enxergamos no mundo exterior à academia que insistem em dizer o contrário. Espero continuar com força e ânimo para combater o bom combate e mostrar para esse mesmo mundo que ele está errado quando afirma que a educação não é importante.

Balanços da (trans)formação embalados pela pesquisa

Marcia Speguen de Quadros Piccoli[25]

No embalo desse balanço deixo fluir a leveza de algumas lembranças, que fazem com que o ar se movimente ora com mais intensidade feito rajada que assobia, ora num compasso manso e sereno feito brisa de verão. E nesses alternados movimentos revelo o balançar da minha vida, a partir da realização do mestrado e do doutorado em educação.

Sempre tive muitas dúvidas sobre fazer ou não a pós-graduação *Stricto Sensu*, pois sabia que era algo exigente e, trabalhando 40 horas mensais, via essa possibilidade muito distante. Porém, uma reorganização de tempo e de finanças possibilitou o ingresso nos cursos citados no parágrafo anterior. Hoje, vejo que a realização desses cursos trouxe para os meus dias um misto de alegria, responsabilidade, consciência crítica, além de novas indagações e perspectivas. Esses sentimentos e comportamentos foram se constituindo à medida que as leituras aconteciam, os encontros se concretizavam, os diálogos se estabeleciam, as aulas eram realizadas e as

[25] Data da Defesa: 16/12/2022. Título da Tese: A popularização da ciência em uma universidade comunitária: as reverberações dos projetos de pesquisa na ótica do pesquisador. Orientadora: Nilda Stecanela. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: O cotidiano da educação superior e o fenômeno da desagregação em uma IES comunitária. Financiamento: Subsídio financeiro da Universidade de Caxias do Sul (desconto de funcionário/professor). Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/11c13597-4d3a-4c6b-a0b1-64dae2e545eb

descobertas não cessavam. Confesso que uma das coisas que mais me encantou nessa vivência foi a oportunidade de conviver com pessoas detentoras de uma sabedoria peculiar: docentes pesquisadores referências em suas áreas com domínio de conhecimento invejável, colegas pós-graduandos exemplares pela sua dedicação e esforço, conhecedores de teorias e de práticas de uma riqueza sem igual. Muitas vezes eu ficava maravilhada ao presenciar, em aula ou em eventos, manifestações em que as pessoas citavam vários autores como argumentos de suas falas. Hoje, reconheço que é necessário muito estudo e dedicação para ter esse comportamento.

A realização do mestrado foi motivada pelo desejo de ser docente no ensino superior e, como isso não aconteceu, muitas vezes pensei em não fazer o doutorado. Algumas vivências pessoais e profissionais, bem como algumas convivências, porém, foram indutoras desse processo. Acredito que a minha formação básica no Ensino Superior voltada para a área de comunicação e a realização do magistério no Ensino Médio também contribuíram para os direcionamentos da tese. Se no mestrado o meu objetivo foi olhar para a relação pedagógica como interação fundamental para a formação de conceitos científicos, no doutorado o foco na popularização da ciência permitiu compreender a relevância da interação entre diferentes saberes. Sendo assim, as minhas lentes de observação, em ambos os cursos, se voltam para as possíveis e importantes relações que se estabelecem com propósito educativo, e a cada dia que se passa tenho mais convicção do quanto precisamos desse comportamento em nosso convívio social. Ao acompanhar os meus filhos na educação básica

e no ensino médio, ao mesmo tempo em que minha rotina de trabalho se dá numa Universidade, percebo a relevância e o diferencial de comportamentos que priorizam o outro como sujeito e não como objeto. Essa prática relacional pode e deve ser aprimorada por meio da relação pedagógica amorosa, pelo respeito aos diferentes saberes, por meio de exemplos comportamentais que motivem a humanização, pelo despertar da curiosidade e pelo envolvimento docente e discente com o processo educativo.

Nesse ínterim, uma pergunta norteia os meus pensamentos quando reflito sobre os sentidos construídos em minha vida, ao transitar pelo *Stricto Sensu*: o que é pesquisar? Recorro a essa questão para falar um pouco das vivências nesse ambiente acadêmico. A pesquisa penetra no modo de ser e de viver daqueles que dela se aproximam, pois ela inspira e provoca comportamentos que sinalizam o quanto amadurecemos e atuamos conscientemente como sujeitos que podem contribuir para o progresso científico. Pesquisar significa ainda ter em mãos a possibilidade de impactar muitas vidas, comunidades e a si próprio, respeitando diferenças, promovendo a empatia e despertando o interesse por esse assunto, que se faz presente em nosso cotidiano. Pesquisar enobrece a alma, enriquece o nosso desenvolvimento, na medida em que conseguimos reorganizar ideias, nos encantar com os resultados e nos desafiar com os novos questionamentos. Trata-se de um fluxo contínuo de atividades que exigem tempo, resiliência, persistência, dedicação, responsabilidade e tolerância. Ao pesquisar, simples situações rotineiras passam a se relacionar com o objeto investigado, e esse entrelaçamento coloca as várias faces em sintonia

várias faces da existência do pesquisador, sem demarcação de território ou limitação de espaço. Sou grata por ter a pesquisa tão presente em minha vida, por conviver com pessoas tão comprometidas com essa realidade que acabam sendo inspirações e profissionais respeitados e reconhecidos em seus temas científicos. Isso nos impulsiona a refletir acerca do fato de que muitas coisas disponíveis para serem adquiridas com recursos financeiros, inclusive a educação particular, não fogem disso. Porém, o conhecimento é algo intangível financeiramente falando, porque não é possível de ser comprado e instantaneamente fazer parte de sua existência. Estamos falando de uma riqueza que necessita ser desejada e conquistada com muita dedicação e desenvolvimento intelectual. Trata-se de uma fortuna que quanto mais você tem, mais valor adquire e mais capital detém para ser compartilhado. Tenho convicção de que estamos falando de um capital que transcende a compreensão monetária determinante de nossa condição capitalista.

Esse envolvimento com o fazer científico, por meio do mestrado e do doutorado, levou para dentro da minha casa a compreensão da pesquisa como algo que impacta no modo de viver, sentir e perceber. Sinto que isso foi um dos melhores resultados obtidos como pós-graduanda, pois vejo o despertar do interesse pela pesquisa na vida escolar dos meus filhos. Penso que tenha ficado com eles uma semente que pode dar muitos frutos, e isso se materializa quando vejo a empolgação deles diante de uma mostra científica da escola, com a elaboração dos diários de estudo, por meio da busca de materiais para evidenciar os temas trabalhados e com os ensaios para apresentação oral no evento. Ouso

interpretar que se eles não tivessem vivido, junto comigo, a experiência do mestrado e do doutorado, esse envolvimento não seria tão intenso, mesmo que essa constatação seja algo subliminar.

Preciso destacar três aspectos que foram potencializados na realização dos cursos de pós-graduação: a percepção de que sempre temos muito a aprender, pois, cada vez que aprendia algo, sentia o quanto eu desconheço o universo em que vivemos, o que exige de nós um comportamento de eternos aprendizes. Paralelamente a isso, está a humildade, capaz de mostrar como somos pequenos diante de tantas informações; a grandiosidade que existe por trás de atitudes simples; a intelectualidade apreendida naqueles que amorosamente compartilham os seus saberes; o empoderamento existente em comportamentos de gentileza, cuidado e atenção à sutileza dos detalhes na organização de afazeres pessoais e profissionais. Juntamente com a infinitude de aprender e a humildade, outro aspecto marcante é a instabilidade dos resultados de uma pesquisa, a partir do dinamismo representado pela evolução dos conceitos e o progresso da ciência. Essa perspectiva de mudança e de compreensão dos fatos sob diferentes ângulos expande a abertura ao novo em detrimento da visão dogmática das coisas.

Ao relembrar os colegas que tive a honra de conhecer nesse percurso, preciso registrar que tivemos encontros acadêmicos nutridos de bons sentimentos uns pelos outros, de reconhecimento e respeito. Carrego comigo o sentimento de amizade por cada um deles, assim como manifesto a minha admiração e gratidão pelos docentes com quem interagi e aprendi *muito*. Essas pessoas foram incentivadoras e

motivadoras dos meus embalos nesse balançar da formação de mestra e doutora, porque essa trajetória tem seus altos e baixos. Podemos, nesse sentido, compará-la ao balanço: quando nos embalamos e subimos no ar, sentimos a alegria de estar no alto; o contraponto desse momento, porém é aquele em que o brinquedo desce, recuando, e nessa hora se faz necessário entender que a oscilação deve existir para que possamos *pegar mais força e ir mais alto*. Foi justamente nos momentos em que sentia o balanço descer que, muitas vezes, achei que não conseguiria pegar impulso para continuar e até ficava em dúvida se queria realmente seguir naquele embalo. A presença de muitas pessoas (colegas, professores e familiares) foi fundamental para o balanço não parar, num ritmo que talvez pudesse ter sido melhor, mas que aconteceu dentro das possibilidades que a minha rotina permitiu. Isso justifica o motivo de eu comemorar cada movimento desse balançar, inclusive brincava que a cada etapa cumprida a alegria se confundia com a conclusão do curso. Foram passos lentos, de um caminho trilhado com atenção e com o cuidado de cumprir uma atividade por vez, olhando para o cronograma estabelecido. Muitas vezes, evitei olhar para o todo, porque era assustador e parecia muito distante de ser concretizado. Tinha uma preocupação constante de "dar conta do recado", queria concluir os cursos em honra a tudo o que estava envolvido nesse processo, inclusive o convívio com a minha família, que muitas vezes ficou reduzido. Penso que esse comportamento me permitiu saborear a missão cumprida de cada momento, dos créditos cursados nas disciplinas às participações em eventos, as publicações efetivadas, as duas proficiências aprovadas, o estágio de

docência desenvolvido, a banca de qualificação realizada, a pesquisa empírica implementada, as transcrições prontas, a metodologia cumprida, o cronograma executado, o projeto aprovado no comitê de ética, os objetivos alcançados, os resultados sistematizados, o trabalho final estruturado, a tese defendida e o *e-book* publicado.

Alguns tensionamentos também marcam essa formação, mas são situações que não carecem de julgamentos e que vejo como indutoras de amadurecimento pessoal e profissional. De coração aberto, desejo encará-las como aprendizados e, delas, guardar aquilo que melhor possa representar essas conquistas em minha vida, as quais não eram um sonho, mas foram se desenhando e aos poucos se tornando realidade. Enfim, a superação de alguns dilemas fortalece o sentido e o propósito da dissertação e da tese defendidas.

O título de mestre e de doutora em educação, embasados pela minha formação em comunicação, potencializaram em mim um desejo, o de ser professora. Espero que, ao ler esse texto futuramente, a docência no Ensino Superior possa ser mais um motivo de gratidão e que esse fazer docente não esteja relacionado apenas ao fato de ter concluído os cursos mencionados, mas, acima de tudo, represente a possibilidade de me colocar a serviço da formação profissional e humana de outras pessoas, contribuindo com a realização dos projetos de vida daqueles que buscam por meio da educação o exercício da cidadania com dignidade, autonomia e consciência crítica. Devo registrar ainda que, embora não esteja atuando como docente no neste momento, reconheço a relevância dos cursos realizados para minha atuação profissional no âmbito da educação superior, o que

evidencia que os cursos de mestrado e de doutorado não são restritos apenas à carreira docente. Eles contribuíram significativamente para a minha postura profissional, e espero ter dinamismo e disposição para ampliar os aprendizados que permanecem dessas formações, disseminando-os, impactando outros estudos e favorecendo a concretização de muitas ações em prol da educação. Além disso, espero que o discernimento, a capacidade de percepção e a sabedoria me acompanhem para seguir popularizando a ciência por meio de uma cultura científica voltada para tal, amparada pela gestão do conhecimento e pela cooperação dos envolvidos nesse processo. Percebo muitos caminhos que podem levar adiante o meu objeto de pesquisa – a popularização da ciência – e espero conseguir conciliá-lo com a minha carreira profissional, pois é um tema em ascensão em vários ambientes institucionais, políticos e sociais. Esse tema, à parte de estar presente em debates contemporâneos, me move por ser uma possibilidade de interação entre diferentes saberes, complementando de modo horizontalizado as relações possíveis entre a academia e o senso comum.

Ao encaminhar esse balanço do saber para as considerações finais, fica a sensação de satisfação e de valorização das experiências vividas na qualidade de pós-graduanda, com a consciência de que preciso ser mais atuante com relação aos resultados das pesquisas desenvolvidas, traçando estratégias e planejando ações para implementar as propostas do estudo.

Registro ainda os meus agradecimentos ao Programa de Pós-graduação e Educação da UCS e, de modo especial, à minha orientadora, a professora Nilda Stecanela, pela

oportunidade de publicação do *e-book Popularização da Ciência: possíveis conexões entre diferentes saberes*, editado e publicado pela Educs. A difusão da tese por meio desse formato de publicação foi um uma experiência que me trouxe muita alegria.

Por fim, preciso compartilhar o quanto foi desafiador a escrita deste balanço do saber, uma vez que não é fácil parar, olhar *para* e falar *de* si mesmo. Resisti por vários momentos iniciar esta escrita, mas, conforme as linhas foram tomando forma, senti como foi importante olhar para o embalo do balanço e colocar esse movimento no papel, enfatizando o viés pedagógico do meu percurso formativo e identificando fatos que, se não fossem registrados, poderiam se perder com o passar do tempo. Agradeço pelo convite e espero contribuir de alguma forma com o compartilhamento das (trans)formações propiciadas pela pesquisa na minha vida.

Referências

PICCOLI, Marcia Speguen de Quadros. *Popularização da ciência*: possíveis conexões entre diferentes saberes. 1. ed. Caxias do Sul. RS: Educs, 2024.

PICCOLI, Marcia Speguen de Quadros; STECANELA, Nilda. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. *Educação e Pesquisa*, v. 49, p. e253818, 2023.

Alpinismo do saber

Maria Eduarda Ribeiro da Silva[26]

Eu nunca subi uma montanha. Se você que lê este relato já subiu, espero ansiosamente que consiga se ver e se sentir dentro dele para, assim, dar força às analogias que aqui constarão. Não é minha primeira escrita testemunhando meu trilhar pedagógico no que tange ao mestrado, uma vez que já o comparei com agulha de tricô (Silva, 2021, p. 30) e com o mar (Silva, 2023, p. 6). A verdade é que olhar minuciosamente para cada elemento que compreende o nosso meio faz com que criemos relações com nossos percursos de vida entrecruzando percursos de saberes, percursos que se tornam marcos, percursos que se cristalizam em nossa memória. E, por falar em memória, é a partir dela que se constituiu e ainda se constitui a minha escrita.

Ao adentrar no curso de Mestrado em Educação – sendo este parte do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PPGEdu-UCS) –, a sensação era de olhar para uma montanha cujo cume se faz invisível, perdido entre as nuvens. O fim do destino parece distante,

[26] Data da Defesa: 13/12/20121. Título da Dissertação: Narrativas de uma mulher educadora/professora negra: constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade. Orientadora: Nilda Stecanela. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Do direito à educação ao direito à existência: sujeitos, culturas e diversidade nas instituições educativas. Financiamento: PROSUC-CAPES. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/a27842ae-6ef4-408f-9f36-9dde429fa3d6

parece inalcançável. Afinal, é tudo novo, é tudo fora do que se conhecia outrora. Julga erroneamente aquele que vê como apenas mais uma graduação a ser feita, ledo engano. Você se torna protagonista de um filme escrito a muitas mãos e a muitos pensares.

Ao escalar essa montanha (que é o mestrado), foi possível ver outros alpinistas, outras pessoas em busca do fim, em busca do topo, em busca da visão que se tem lá de cima. Mas nem tudo ocorre com uma branda linearidade, como em qualquer montanha que se ouse escalar, no caminho se encontram sonhos também abandonados que não conseguiram marcar seus alvos. Olhamos e nos perguntamos se nosso destino também é sucumbir à neve de compromissos que por vezes nos prendem o ar, a habilidade de controlar o diafragma mesmo na mais negativa circunstância (temperatura e estado psíquico). Permanecemos escalando, ainda que nos sentindo solitários frente às vestes que decidimos usar para tal feito (por "vestes", deve ser compreendida a temática escolhida e a ser abordada na pesquisa). A pergunta que ecoa em nossa mente, muito mais que o problema de pesquisa, é: chegarei ao cume tão almejado? Chegarei viva? Meus sonhos e desejos se farão presentes ao término desse escalar?

A transformação nos encontra conforme subimos, o frio, o gelo, a neve se fazem constantes. Mas é por esses caminhos insalubres – com pedras pontiagudas, lugares escorregadios e íngremes – que vamos nos calejando e nos fortalecendo, uma vez que cada espaço traçado e conquistado na enorme montanha não nos deixa apenas cicatrizes; também fazem com que aprendamos: são os seminários em que, na primeira

leitura, o texto parece difícil de se compreender; quanto nos aprofundamos nele, porém, leitor e autor parecem *um*. Apesar de a neblina cobrir os nossos olhos e, assim, impedir muitas vezes de enxergarmos o objetivo, não estamos tão sós quanto imaginamos, afinal, há alguém que já chegou lá em cima e que está segurando a corda para não cairmos: a orientadora. Estamos, afinal, amparados por braços fortes e seguros. Esses braços, porém, também sangraram, e os donos deles também choram, já que muitas vezes fizeram de suas cicatrizes escadas para outros; de suas escritas, um trampolim para os que viriam. No fundo e no fim, percebemos que não estamos tão sozinhos, vemos a corda, mas não as mãos no alto – elas, porém, estão lá.

Continuamos subindo, e o ar parece sumir do peito, parece que não vamos aguentar a pressão (entenda de forma polissêmica). O ar, que deveria ser nossa salvação, se torna nosso inimigo: nos incapacita, nos impede de pensar. Quase lá. Estamos sem fôlego: Escritas iniciadas e não findadas, prazos quebrados, conciliação dos outros eus com o eu pesquisador, um atestado, um leito, uma maca, um resfriado, uma perda na família.

Como continuar a respirar subindo essa montanha se o ar que deveria ser nosso amigo nos comprime e reprime? Se o ar, que deveria nos aliviar, esmaga. Como levantar e prosseguir? Mas levantamos e prosseguimos, ainda que sem alguns equipamentos, que foram deixados pra trás; com experiência, porém, para desbravar outros obstáculos do grande caminho acima.

Enfim, chegamos. Com partes faltando (tanto partes nossas quanto partes do que carregávamos). Olhamos para

os que chegaram junto conosco e percebemos que essa chegada é, na verdade, o começo de uma nova jornada. Nos perguntamos se, de fato, subimos. Ou será que descemos? Pois, às vezes, parece que fomos tão fundo, ao limbo, à inexistência. Mas não... nós subimos, chegamos lá. Junto com a chegada? Conhecimentos adquiridos, saberes compartilhados, companheiros de pesquisa, amizades cultivadas, casamentos feitos e desfeitos. A busca pelo conhecimento é um constante doer, mas é uma dor de quem sabe que ainda está vivo. São como dores de parto (Silva, 2021, p. 32). Dói, mas, após a chegada do nascituro (a dissertação), a certeza de que temos uma criança para educar, incentivar e fazer voar. Ou seja, é só o começo de uma vida de pesquisa.

Referências

SILVA, Maria Eduarda Ribeiro da. *Águas Profundas*. Egressos pelo mundo: Vivências, Reflexões e expectativas. Boletim PPGEdu-UCS – Edição Outono/2023.

SILVA, Maria Eduarda Ribeiro da. *Narrativas de uma mulher educadora/professora negra*: Constituição identitária e a escrita como combate à invisibilidade. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2021.

A minha (des)construção na pesquisa

Maria Isabel Silveira Furtado[27]

Desde que iniciei o curso de mestrado, me (trans)formei: no início tive muito medo. Sou egressa de escola púbica do interior, não tive formação para qualificar minha escrita no Ensino Médio e muito menos na Graduação. Assim que colei grau, iniciei as disciplinas isoladas do Mestrado, hoje, finalizando uma Pós-Graduação em Gestão da Educação, vejo que me faltou maturidade e embasamento para a escrita dos resultados obtidos na parte empírica, talvez iniciar o processo mais tarde houvesse me ajudado a ter resultados melhores.

Simultaneamente, esse tempo me proporcionou vivencias de desenvolvimento emocional para exercer as funções de hoje. Sem a preparação do mestrado eu teria muito mais dificuldade de argumentação e de posicionamento para desenvolver projetos com professores da rede municipal em que atuo.

[27] Data da Defesa: 08/11/2019. Título da Dissertação: O papel mediador de paratextos na leitura literária de estudantes do quarto ano no Ensino Fundamental. Orientadora: Flávia Brocchetto Ramos. Linha de pesquisa: Processos educacionais, linguagem, tecnologia e inclusão. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Mediação de Leitura Literária: análise de instâncias paratextuais em obras selecionadas pelo PNBE. Financiamento: Prosuc-Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/b681f7a5-9f82-4705-8cd7-5bdd7fc0bb33.

Por esses motivos, sempre incentivo as pessoas a ingressarem na pesquisa. Sim, ela nos desmonta, nos faz conhecer sentimentos nunca experienciados e nos reconstrói, para além dos resultados obtidos. Saí do mestrado e fui cursar Letras para aprimorar minha escrita, não posso dizer que aconteceram grandes avanços nesse processo, mas tive caminhos para trilhar, estou finalizando a segunda pós. O ato de conhecer me instiga bastante.

A pesquisa que realizei, com orientação da Professora Flávia Ramos, foi sobre como os paratextos influenciam a leitura de obras literárias do PNLD. Organizei dois grupos focais com estudantes de 4º ano de uma escola pública, com IDEB acima de 6. Essa pesquisa me mostrou que todos os detalhes que compõem a obra são relevantes; observar os paratextos me ensinou que é preciso atenção com o que não está explícito.

Cada momento do mestrado é único e especial para a preparação da defesa final. Os seminários me possibilitaram aprender a falar melhor acerca das leituras realizadas. Esse processo de utilizar a oralidade para compreender e organizar as ideias facilita a escrita, a partir do texto de autores qualificados.

Da mesma forma, a participação nos eventos me encorajou a conhecer outras pesquisas e as diferentes formas de ver o mesmo objeto de estudo. Sim, a pesquisa tem essa perspectiva de mostrar que existem muitas maneiras de analisar a empiria. Assim, a estruturação da Revisão de Literatura possibilitou conhecer outros estudos e resultados. Foi interessante ver a metodologia utilizada por outros autores. Essa prática fortaleceu as decisões que tomei posterior-

mente, para organizar as categorias das falas das crianças, resultadas dos dois grupos focais que organizei.

As orientações me desconstruíram, saí da melhor aluna da Pedagogia do *campus* de Vacaria para a pior das piores, isso me ajudou a buscar superação e força de vontade para escrever a dissertação. Foram inúmeras as vezes em que pensei que não conseguiria finalizar, mas, com a orientação e paciência da professora Flávia, o processo foi acontecendo. Quando eu crescer, quero ter a disciplina dela para atender alunas nas manhãs de domingo.

No início do processo da escrita para ingressar no mestrado, tive ajuda da colega Daniela, doutoranda na mesma linha de pesquisa; depois, ela precisava finalizar o seu processo de escrita, e eu segui desenvolvendo a minha pesquisa com a minha orientadora. Foi muito difícil, mas hoje vejo que a melhor atitude que ela teve como amiga foi me deixar descobrir meu caminho na pesquisa, assim pude crescer e superar algumas das minhas dificuldades, principalmente de insegurança.

Muitas pessoas foram essenciais no processo da pesquisa, a Stela, aluna do terceiro ano do Ensino Médio na época, me auxiliou na organização dos grupos focais, hoje ela é mestranda em história na UFRGS. Ficou encantada com a empiria e se inspirou para buscar esse caminho. Também me mantenho conectada até hoje, por meio das redes sociais, com colegas como a Mariane, a Nelma e a Diose. Não poderia deixar de citar os demais professores do curso, sempre atentos e nos dando suporte para nos desenvolvermos cada vez mais. Naquele tempo, por causa das aulas do professor Vanderlei, passei a gostar da epistemologia: a forma como ele

ensina filosofia encanta e motiva a ver a vida a partir de outras perspectivas. A professora Nilda sempre nos incentivou a buscar e a observar a escola com olhar sensível. Escrevi um texto muito interessante, ao qual pretendo voltar um dia, na disciplina da Professora Andreia, sempre atenciosa e pronta para a escuta. Enfim, todos, colegas, professores, as secretárias do PPGEdu estiveram presentes no desenvolvimento desse processo.

Foi por causa da pesquisa, que me ensinou a sentar e estudar, que vim morar em Antônio Prado – passei duas vezes em primeiro lugar no concurso. Estive dois anos como Diretora do Departamento de Ensino da rede Municipal, quando meu filho nasceu, pedi para sair. Foi o mestrado que me encorajou a me exonerar 20h para ficar mais tempo com meu bem mais precioso, o olhar da pesquisa requer atenção, e hoje o que posso fazer por meu filho é dar o meu tempo para ele. Em fevereiro de 2025, volto para a Secretaria com 20h, mas tudo isso só é possível por causa do meu processo de desenvolvimento no mestrado.

A pesquisa tem isso, ela nos abraça e encanta. Não é aquele caminho estático, previamente definido, nos possibilita criar laços para nos fortalecer como humanos, nos tornando melhores, para nós mesmos e para os outros.

Mestrado: mais que uma formação, um aprendizado para a vida

Marlí De Conto[28]

Eram meados dos anos 90, numa cidade do interior do estado, localizada na região da serra. Lá vivia uma garota, então com seus treze ou quatorze anos, sentada em uma sala de aula de escola pública, ouvindo a professora explicar sobre a linha de estudos, ela escrevia na lousa e a aluna divagava, cursava o Ensino Fundamental, com outra nomenclatura na época, situou seus estudos, mas a professora continuou a fala e escreveu a palavra "mestrado" – ser mestre! Aquele som ecoou em sua cabeça, naquele momento ela soube: seria mestre!

O tempo passa e a garota se torna mulher. Com a formação de professora e em sala de aula, atuando na alfabetização, ela reconhece que precisa aprender para ser professora. Busca nova formação, e a garotinha do passado ressurge, com ela o desejo do mestrado. Ninguém disse que seria fácil! Se fosse, que graça teria! Logo ao iniciar os estudos, o vocabulário vai gradativamente mudando. Orientadora, grupo de estudos, professores, todos estão ali para ajudar, para ser

[28] Data da Defesa: 20/04/2024. Título da Dissertação: Cenas alfabetizadoras. Orientadora: Sônia Regina da Luz Matos. Linha de pesquisa: História, Filosofia e Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Projeto Pesquisa da Diferença. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/2101f2e8-983d-43dc-8a95-a5f2caf3f8ce

parceria. E o que era indecifrável vai se transformando em palavras ouvidas diariamente; seus significados se tornam compreensíveis. Aquela menina, que tinha vergonha até em responder a chamada, estava apresentando suas escritas em eventos até para pessoas de outros estados.

Estava escrevendo, em conjunto com a orientadora e com os colegas de linha de pesquisa, artigos, gerando mais um fio na teia da diferença. O caminho do mestrado foi permeado pelo sentimento de aprender: na organização para as aulas, para estudar, para escrever, em meio ao caos de vida de professora (Corazza, 2005), de mãe, de filha, de perda. Hoje, a mestra entra na sala de aula de alfabetização carregando bagagens dessas aprendizagens e constrói com os alunos e com aqueles ao seu redor mais conhecimento; ela é diferente como professora, ela é diferente como pessoa. Mas não para por aí, pois o mutável acontece, ainda a escrita flui, acontece mais lenta, acontece junto da orientadora, a Professora Sônia, com o artigo da Coletânea da *Educatio* (UCS), que está no prelo (2024), com o Congresso da Universidade de Caxias do Sul e com o vislumbrar de parcerias, de projetos, de unir ainda mais forças às alfabetizadoras do município e da região, buscando movimentar parcerias na diferença.

Referência

CORAZZA, Sandra Mara. *Uma vida de professora*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2005.

De mestranda a mestra em educação

Melina Sauer Giacomin[29]

Olá! Sou Melina Sauer Giacomin, pedagoga e mestra em Educação pelo PPGEdu da Universidade de Caxias do Sul (UCS), e gostaria de contar um pouco sobre minha trajetória pós mestrado, que aconteceu entre 2021 e 2022.

Desde que me tornei mestra em educação, sou sincera em relatar que não se abriram muitas portas profissionais no sentido de convites para trabalho ou aumento de remuneração. Atualmente sou concursada no setor público municipal de Caxias do Sul e atuo como professora. Infelizmente não há plano de carreira no município no sentido de aumento de remuneração com pós-graduação de mestrado ou doutorado, o que nos faz refletir que poderia haver uma luta para que profissionais de educação, com maiores níveis de formação, pudessem ter esse reconhecimento financeiro. Por outro lado, sim, há um pequeno prestígio pela titulação obtida.

Como professora pesquisadora, busco levar um pouco desse processo de pesquisa para a sala de aula. Mesmo

[29] Data da Defesa: 24/11/2022. Título da Dissertação: Cata-ventos de poesia: vivências poéticas com crianças na pré-escola. Orientadora): Flávia Brocchetto Ramos. Linha de pesquisa: Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Leitura na contemporaneidade: práticas educativas. Financiamento: Prosuc-Capes. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/f05ab627-4286-47dc-951a-76f6753397cf

atuando com os pequenos da Educação Infantil, levo a experiência da iniciação científica para o mundo deles, é claro, de forma lúdica e menos complexa. Sinto que projetos de pesquisa dão autonomia e voz às crianças, fazem com que se expressem nas múltiplas linguagens e que aprendam de forma significativa. Também incentivo colegas professores a se desafiarem a trabalhar nesse viés em sala de aula.

Gosto de estudar, e foi importante o processo de me tornar pesquisadora desde a Iniciação Científica, na graduação e, depois, no programa de mestrado da UCS. Era uma vontade que tinha e que consegui realizar. A escrita é uma facilidade que tenho. A leitura é um pouco mais desafiadora, mas é com ela que refletimos, e é por meio dela que podemos transformar e criar um novo jeito de ver, de olhar e de propor pesquisas ou novas práticas.

Durante o mestrado, participei do grupo de pesquisa OLLI (Observatório de Leitura e Literatura), coordenado pela Professora Dra. Flávia Brocchetto Ramos, no qual partilhávamos leituras e estudos e realizamos algumas publicações. Tal grupo é cadastrado no CNPq.[30] Atualmente, por motivos de força maior, não venho acompanhando o grupo de forma direta, mas auxilio na escrita de artigos ou relatos com alguns membros. Penso que as pesquisas realizadas, bem como as publicações geradas, impactam a sociedade como um todo na medida em que trazem aspectos para se pensar os rumos da educação em nosso país. Construímos nossos estudos e pesquisas visando a formação, a emancipação, a garantia de direitos e a liberdade da sociedade. Nosso movimento é acadêmico, mas também atinge as diferentes camadas da

[30] Ver: http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/5599580925972346

educação, uma vez que divulgamos nossos resultados por meio de publicações, palestras, *lives*, fóruns, comentários na mídia, *podcasts*, eventos da área, entre outros. Portanto, nossos estudos não são fechados em si, buscam divulgação para contribuir não somente com demais estudos da academia mundial, mas também com a reflexão e a formação de professores e mediadores de leitura e literatura. Algumas das minhas publicações específicas podem ser encontradas no meu currículo lattes.

Eis algumas das minhas publicações mais relevantes:

Dissertação de mestrado:

GIACOMIN, M. S. *Cataventos de poesia*: vivências poéticas com crianças na pré-escola. Dissertação. 2022. Universidade de Caxias do Sul, 2022. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/11543.

Artigos completos:

1. GIACOMIN, M.S.; MACIEL, R. R. A.; RAMOS, F. B. Notas sobre mostra pedagógica na educação infantil. *Olhares* - Revista eletrônica do departamento de educação da UNIFESP, v. 12, p. 1-14, 2024.
2. MACIEL, R. R. A.; GIACOMIN, M.S.; CORSO, D. O brincar na escola durante a pandemia de 2020: um relato de experiência. *Revista Cocar (Online)*, v. 15, p. 1-21, 2021.
3. Artigo enviado para revista em 2024, ainda não publicado, de título "Pesquisar com: pelo respeito a todas as 'crianças e crianços'", junto a Ms. Lilibth Wilsen, a Dra. Flávia Broccheto Ramos e a Dra. Carla Valentini.

Capítulos de livros:

1. MUNHOZ, F. F.; GIACOMIN, M.S. Diálogos com educadores: partilhas do cotidiano da escola. *In*: RELA, R.; ROSA, G. A. da; STECANELA, N. (org.). *Educação e Pandemia(s)/?Pós-Pandemia(s)?*: Territorialidades nos saberes e produção de sentidos. 1. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2023. p. 61-65.
2. GIACOMIN, M.S.; RAMOS, F. B.; MARANGONI, M. C. T. Vivências poéticas na pré-escola. *In*: SANTOS, R. C. S.; SILVA, E. M.; CUNHA, M. Z. da. (org.). *Literatura infantojuvenil*: saberes e fazeres literários. 1. ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 207-222.

Organização de eventos:

1. MACIEL, R. R. A.; GIACOMIN, M.S. Mediadora no Minicurso GT3: Diálogos e Práticas Docentes em Leitura na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - II Congresso Educar na(s) Infância(s). 2022. (Congresso).
2. ZUCCO, A. K. S.; WILMSEN, L.; PESCADOR, C. M.; GIACOMIN, M.S.; KLOHN, P. B. A.; MUNHOZ, F. F. Comissão organizadora do VI COLÓQUIO DE EDUCAÇÃO DISCENTE - VI CEDU 2021. 2021.
3. POZZO, D. D.; GIACOMIN, M.S. Coordenador(a) de GT no VI COLÓQUIO DE EDUCAÇÃO DISCENTE - VI CEDU 2021. 2021.
4. SCHWARZ, A.; ZUCCO, A. K. S.; PESCADOR, C. M.; WILMSEN, L.; POZZO, D. D.; PEZZI, M. F. V.; GIACOMIN, M.S. Comissão Científica do VI COLÓQUIO DE EDUCAÇÃO DISCENTE - VI CEDU 2021. 2021.

Em alguns momentos pós-defesa da dissertação, fui convidada pela Prof. Dra. Flávia B. Ramos a participar de aulas para os novos colegas do mestrado, levando um pouco da minha experiência vivida e apresentando meu trabalho da dissertação, seus detalhes, sua metodologia etc., o que é uma troca muito importante e faz com que os mestrandos se sentam acolhidos e mais confiantes diante do PPGEdu. Acredito que essa aproximação entre egressos e novos mestrandos deve permanecer como prática pedagógica nas aulas do mestrado em educação.

Olhando para o caminho feito, eu acredito ter alcançado os objetivos do estudo proposto pelo projeto matriz, bem como no projeto pessoal de pesquisa "Cata-ventos de poesia: vivências poéticas com crianças na pré-escola". Também penso ter contribuído com a escrita de materiais para publicações relevantes do grupo de pesquisa OLLI. O que me move é acreditar que nossos estudos contribuem para a educação brasileira, sobretudo no que diz respeito à leitura e à literatura como direito e forma de emancipação de crianças e jovens leitores, além de fortaleceram a mediação e evidenciaram a figura do professor nas práticas educativas.

Mestrado em educação: um movimento de transformação

Patrícia Marchesini[31]

Trago ao longo desta escrita meus "Balanços da (auto) transformação em pesquisa", considerando o período de formação durante o mestrado. Trata-se de um instrumento inspirado nos *Balanços de Saber* que Bernard Charlot formulou em sua pesquisa com jovens franceses desenvolvida nos anos 90 do século passado. Partilho meus desafios e minhas conquistas ao longo do curso, o qual, durante minha trajetória como pesquisadora e docente, me proporcionou um amadurecimento significativo.

O ser humano nasce com uma incompletude muito grande, característica de que se precisa do outro da mesma espécie para ser inserido na cultura, bem como para compreender o mundo. Desde muito pequenos, iniciamos nossos processos cognitivos e motores realizando inúmeras sinapses cerebrais, que resultam em novas aprendizagens. Ainda crianças, somos ensinados a conviver em sociedade e, ainda nesse contexto, a sermos independentes. Muito do que aprendemos é por

[31] Data da Defesa: 09/11/2021. Título da Dissertação: Práticas e ambiências de leitura: reflexões a partir de escola de educação infantil em Nova Prata. Orientador(a): Flávia Brocchetto Ramos. Coorientadora Rochele Rita Andreazza Maciel. Linha de pesquisa: Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Práticas educativas: leitura em perspectiva plural. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/0fad8c1b-19c4-41d0-9ee4-647fc0067736

necessidade de sobrevivência e porque precisamos, resultado da cultura de cada povo.

Minha mãe, no ambiente familiar, me ensinou valores como: respeito, honestidade, empatia, responsabilidade, tolerância e humildade. Memo sempre trabalhando fora de casa como professora, encontrava tempo para a família e filhas. Sempre lembro desses ensinamentos, os quais carrego até hoje. Tenho certeza de que muito do que conquistei são frutos desses valores e de que são eles que constituem a pessoa que sou hoje. Tive muito presente em minha infância também minha irmã mais velha, a qual me dava dicas de culinária. Hoje, também é minha colega de trabalho.

Fazer o mestrado em Educação não passava pela minha mente, nem era o meu sonho. Eu estava acomodada com pós-graduações *lato-sensu* e com os cursos de formação continuada em áreas de meu interesse. Ao mesmo tempo, não havia tido essa oportunidade em meu município. Para quem quisesse cursar, era necessário se dirigir a outra cidade. Diante disso, como o curso de mestrado exige tempo e muita disponibilidade, eu, que sempre trabalhei o dia todo como professora, pensava ser inviável essa formação. Entretanto, quando Nova Prata aderiu ao Programa de Pós-Graduação, fiquei balançada pela ideia e pensei em agarrar a oportunidade. Fui incentivada pela minha mãe e pela minha irmã, e, mesmo com medo, fiz a inscrição, passei pelas etapas e hoje sou mestra em educação.

A pesquisa realizada que gerou a dissertação *Práticas e ambiências de leitura: reflexões a partir de escola de educação infantil em Nova Prata*, e me proporcionou grandes reflexões, além de ter colocado uma sementinha nas educa-

doras que participaram dos grupos focais e das entrevistas. Por vezes, esquecemos de proporcionar momentos de leitura para os pequenos da creche, pois os bebês são tidos como dependentes, que não sabem ler. Pelo senso comum, muitas vezes eles são vistos como frágeis, percebidos pela incapacidade de andar, falar ou apresentar autonomia em face das necessidades biológicas. A pesquisa deu voz às professoras e atendentes que atuavam na creche e valorizou a primeiríssima infância. A escolha da faixa etária justificou-se pelo fato de existirem poucas pesquisas científicas junto a essa faixa etária.

Realizar a pesquisa de campo no município em que resido e trabalho e na escola em que eu atuava na época me encheu de orgulho pelo fato de poder colocar em cena a Escola Municipal de Educação Infantil que até hoje lembro com muito carinho. Pude contribuir com a pesquisa científica para minha rede de ensino e, mais especificamente, para a escola de Educação Infantil. Na época do curso, eu era atendente de creche da rede municipal; hoje, escrevendo essa reflexão, sou docente de uma turma de pré-escola e orientadora educacional. Esses avanços são frutos de muito estudo, pesquisa e dedicação que o mestrado me proporcionou.

Ressalto foi um ano atípico o que cursei no Programa de Pós-Graduação em Educação: foi quando se deu a pandemia. Dessa forma, tivemos apenas alguns encontros presenciais em fevereiro e no início de março, todo o restante foi *on-line* síncrono, via Google Meet. Infelizmente não tivemos muitas oportunidades de ver colegas e professores presencialmente, mas precisamos nos adaptar. Foi um momento de desafios, de medo e de insegurança, visto que as pessoas precisaram

se moldar à nova realidade e se aliar às tecnologias para que a vida pudesse continuar, apesar da situação crítica.

Desde que iniciei o curso de mestrado, em 2020, me transformei. Inicio essa escrita de transformação pelos seminários cursados, os quais foram ministrados por professores engajados na educação. As discussões que tínhamos contribuíram para a compreensão crítica da realidade educacional e para a reflexão sobre as minhas práticas. Também, de forma mais ampla, sobre práticas de educação no Brasil. As indicações de leituras e as falas até hoje permeiam na minha vida profissional.

Durante o mestrado, realizei inúmeras leituras necessárias, tanto para os seminários quanto para a escrita da dissertação. Tal atividade exigia muita disponibilidade de tempo e um local adequado, pois as leituras precisavam ser reflexivas. Eu sempre gostei muito de ler, porém meu gosto era pela literatura. Hoje, contudo, tenho uma lista de livros, indicados pelos professores, que quero ler, e percebo a importância e a necessidade de estar sempre nesse movimento de leitura; o quanto essa atividade nos mantém no contexto da educação, ampliando argumentos e ampliando a nossa visão como professores.

Os encontros de orientação eram de muita expectativa e de muito aprendizado, uma vez que era exclusivo entre mim e a minha orientadora. Era o momento em que combinávamos, a partir de um cronograma, até que data o material precisaria estar escrito e quando aconteceria o retorno da orientadora. Eu ficava sempre muito ansiosa, visto que as graduações não nos preparam para cursar um mestrado, de maneira que tudo era muito novo para mim, então, eu

estava ciente do quanto precisava me esforçar para realizar um trabalho de qualidade. Apesar da minha insegurança, o processo de orientação foi muito positivo, e contribuiu para meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional, sobretudo nas questões relativas à ética e à pesquisa.

Sem dúvida alguma, a área que mais me transformou foi a escrita. Escrita para os seminários, escrita de artigos e, mais ainda, a escrita da dissertação. Sempre tive consciência da minha dificuldade de escrita, pois sou muito mais oral. Foi muito desafiador colocar as ideias no papel, articular a ideia dos autores à minha escrita. Talvez pela falta de preparo, ou pela falta de oportunidades que tive, ou, ainda, talvez por ser uma dificuldade característica minha. Nesse ponto, tive muito apoio de minha orientadora, que, com muita paciência, me auxiliou com orientações e com dicas de escrita. Percebo que avancei nesse ponto; a melhora, portanto, vem com a prática constante.

Tive imensas alegrias e prestígios em participar das apresentações públicas. Como elas eram realizadas em formato *on-line* síncrono, facilitava a participação, pois não era preciso fazer deslocamento. Para mim, foram momentos de superação e de aprendizado, nos quais, a cada participação, eu podia expor a pesquisa que estava realizando. Eram momentos trocas valiosas, com pesquisadores do país inteiro, cada um diante da sua realidade e de sua cultura. Nessas apresentações públicas, perdi um pouco da vergonha em me expor e me sentia orgulhosa do meu trabalho de pesquisa.

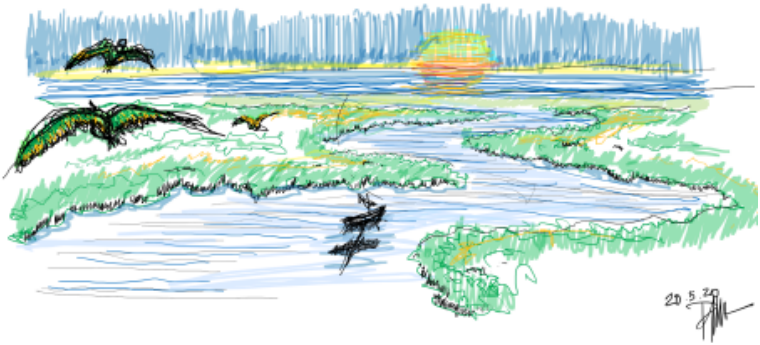
O mestrado trouxe experiências únicas, me colocou diante de desafios que consegui superar com sucesso. O processo não foi fácil, mas com dedicação, paciência e muito

estudo, concretizou-se a pesquisa. Hoje, além de trabalhar na rede do município de Nova Prata, estou formadora do LEEI – Leitura e Escrita na Educação Infantil –, programa do governo federal. Nas formações com as docentes, minha dissertação vem à tona, compartilho com elas os frutos da minha pesquisa. Muitas das leituras realizadas para a escrita estão nos cadernos do LEEI.

Hoje, posso afirmar que cursar o mestrado foi um aprendizado muito relevante para mim, incluindo a questão de como ocorre a pesquisa na área de Educação. Por vezes, tem-se uma concepção simplória de que a pesquisa serve apenas para testar hipóteses por meio de experimentos. Agora, entendo que ela está muito mais relacionada à produção de conhecimento, pressupostos, referenciais teóricos e modelos do que à descoberta baseada em observações neutras. O fato de ela fazer parte da cultura humana a torna ainda mais importante de ser estudada.

Balanços da jornada: arfadas e adernamentos

Pedro Augusto Alves de Inda[32]



Arfadas e adernamentos: o balanço do percurso

Este balanço traz uma série de reflexões que foram sendo feitas ao longo dos quatro anos em que estive no Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS para obtenção de meu título de doutorado. Assim, é um texto que mescla partes que escrevi faz alguns anos, ao longo da construção da tese, costuradas por reflexões atuais.

[32] Data da Defesa: 11/12/2023. Título da Tese: A arquitetura da experiência acadêmica: um estudo de caso em uma universidade comunitária. Orientadora: Nilda Stecanela. Coorientador: Mateus Panizzon. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: O cotidiano da educação superior e o fenômeno da desagregação em uma IES comunitária. Financiamento: Subsídio financeiro da Universidade de Caxias do Sul (desconto de funcionário/professor). Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/a4591a6e-e17a-4513-a610-b2b7772953d7

No doutorado, fui orientado pela Professora Nilda Stecanela e coorientado pelo Professor Mateus Panizzon, a quem agradeço eternamente a paciência, as orientações e os aprendizados.

Este balanço é, ao mesmo tempo, um documento fácil e difícil de elaborar. É fácil pois o conteúdo está todo com quem escreve: a maior fonte de pesquisa está nele mesmo, está na sua trajetória, mas é difícil porque nesse percurso estão suas escolhas, seus erros e seus acertos, além das aprendizagens que vêm deles.

Os acertos trazem momentos felizes, boas lembranças. Já nos erros repousam os dias difíceis, memórias de tempos em que os dias eram longos, o mundo, enorme, e a jornada diária, infinita. O balanço te obriga a reviver as coisas que te fizeram feliz, mas também as que te fizeram forte.

Enxergo o percurso formativo como uma jornada infinita, como quem navega pelos oceanos toda uma vida. Assim, os tempos bons são o adernamento na nau, que é aquele balanço gostoso lateral, que inspira a seguir em frente com o vento favorável. Já os tempos difíceis são quando, para enfrentar as ondas de frente, num mar revolto, começa a arfagem e a embarcação oscila de popa a proa, dando a impressão de que não conseguirá vencer a próxima crista e mergulhará fundo no mar.

Retorna, contudo, à superfície e segue assim até a calmaria chegar e ventos favoráveis voltarem a soprar. São nesses momentos que se aprende superar os limites que às vezes nós, ou nosso entorno, impúnhamos. Ciclos se encerram e o horizonte parece nascer novamente para ser explorado.



Então, entre arfadas e adernamentos, nesse balanço às vezes gostoso, às vezes assustador, foi se constituindo o meu percurso formativo, aqui brevemente contado como uma história de marinheiro.

Desenho melhor do que escrevo, construo melhor do que pesquiso.

Essa frase me acompanha desde que a Profa. Nilda me provocou a ingressar no programa de doutorado, e ela descreve de modo muito correto o *eu*. Eu desenho coisas e o mundo a minha volta; eu construo coisas e o mundo a nossa volta, desde pequeno. Não lembro de aprender a ler e a escrever, mas lembro de aprender a desenhar.

Assim, escrever meu percurso formativo seria melhor na forma de um desenho, possivelmente do desenho de uma longa estrada que toma caminhos muito improváveis e tortuosos, ou de um barco à deriva, que aguarda o vento para ver que direção irá tomar, e por isso descobre coisas

que não esperava, conhece lugares improváveis e se encanta com cada nascer e com casa pôr do sol, como o viajante de Nietzsche, em seu necessário *Humano, Demasiado Humano*.

Digo isso porque creio que a formação não se restrinja a certificados e diplomas conquistados; ela é também o que a vida de um modo geral nos ensina, pois, em última instância, o objetivo do ensino é construir uma sociedade melhor, e uma sociedade melhor pressupõe pessoas melhores, como nos faz refletir o pensamento de Paulo Freire, que felizmente repetimos incansavelmente na esperança que um dia se torne real.

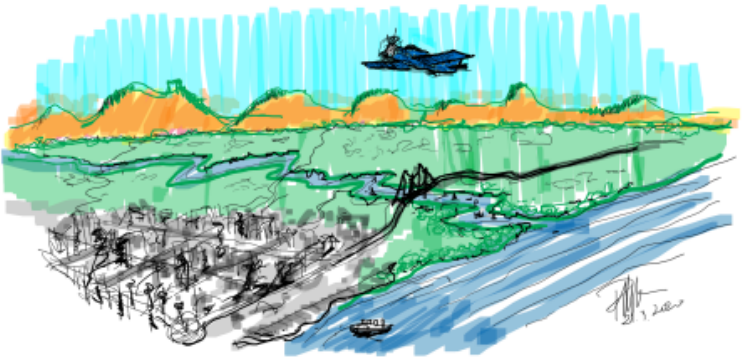
As primeiras navegações ou a construção dos alicerces

Nasci em Porto Alegre, mas com seis meses de vida já estava na Serra Fluminense, onde morei até os dez anos. Passava as férias dividido entre voltar a Porto Alegre para ver minhas avós, primos e tios ou ir a Salvador ficar com meu pai. Dava um jeito de fazer os dois graça aos esforços imensuráveis da minha mãe e do meu pai, que, muito antes de divórcio ser algo corriqueiro, criaram seus três filhos enfrentando o preconceito como se ele não existisse, cada um deles do seu jeito: ela lecionando e ensinando outra centena de filhos que teve ao longo da sua vida como professora do primário e do ginásio, e ele desbravando novos caminhos para a ciência e para geologia no nosso país. Ambos tinham em comum sempre a fé na construção de uma sociedade melhor.

Assim, minha primeira formação veio de ver minha mãe, seja de como ela nos criava, meu irmão, minha irmã e eu, com autonomia, responsabilidade, ética, muita ciência e filo-

sofia, seja de como eu a via ensinar a centena de irmãos que tive no Colégio Estadual Edmundo Bittencourt, porque ela me levava junto para as aulas, já que respeitava meu desejo de não ficar numa pré-escola. Então, até chegar aos sete anos e ir para a primeira série, eu já tinha assistido muitas vezes às aulas de ciências e de filosofia da quinta, da sexta, da sétima e oitava série sentado junto a uma classe ao lado da dela, desenhando o tempo todo.

E do meu pai não vinha essa formação do cotidiano, ele era o farol, mostrava os caminhos a serem percorridos, os desafios a serem enfrentados, e ensinava principalmente como enfrentar as dificuldades. Acompanhar minha mãe era o barco adernando; tentar seguir meu pai era enfrentar a nau arfando.



Assim, desde cedo compreendi o sentido de escolha, consequência, distância, espera, respeito, convívio, diferença e paciência, um tipo de força que hoje se associa a resiliência, mas talvez não seja esse o termo, pois não se trata apenas de conseguir voltar ao estado original após ser submetido a uma deformação plástica, se na definição da Física, ou de suportar adversidades, adaptar-se com facilidade, no sentido

figurado, mas de aprender com esse processo e voltar a um estado melhor que o anterior.

Deixando a navegação de cabotagem e se arriscando no mar aberto

Depois dessa primeira formação, retornei a Porto Alegre com meus irmãos para morar com minha avó materna, pois estávamos crescendo, e, para vencermos a adolescência, minha mãe achou mais adequado estarmos perto dos primos, já que iríamos, naturalmente, começar a explorar nossos destinos e teríamos mais companheiros na jornada, mesmo que para isso ela tivesse que ficar no Rio de Janeiro, pois não conseguiu a transferência imediata para o Rio Grande do Sul e, por um longo tempo, tinha que percorrer de ônibus quatro mil quilômetros, quinzenalmente, Rio – Porto Alegre – Rio, para nos ver.

Morar com minha avó foi uma segunda formação. Minha avó, diferente de minha mãe, não estudou. Quando nova não gostava do colégio e como na época dela mulheres não tinham quase nenhum direito e deveriam ser apenas esposas, não deve ter percebido que o ensino poderia lhe dar outras possibilidades, então deixou a escola na terceira série do primário. Chegando à vida adulta, percebeu rapidamente o equívoco, e, mesmo com enormes restrições, sozinha por conta do falecimento do meu avô, conseguiu que seus cinco filhos concluíssem um curso superior e tivessem as possibilidades que ela não teve.

E enquanto viveu criou seus netos e bisnetos do mesmo modo, e, se hoje estou onde estou, é pela formação que tive com essas duas mulheres. Agora as duas devem estar

brigando lá no céu, pois como gostavam de brigar uma com a outra, por qualquer coisa! Isso me ensinou que brigar também é dar atenção e se preocupar com o outro. Assim, às vezes, mesmo que eu não tenha herdado esse jeito, dou umas brigadas com minha filha e com meu filho, para que eles se lembrem, no futuro, que eu sempre me preocupei com eles.

Enfim, em Porto Alegre completei minha formação tradicional. Na Escola Técnica Parobé cursei Técnico em Edificações, pois desenhar era simples para mim, então ali aprendi a construir, também. No Centro de Formação de Oficiais da Reserva, onde cumpri meu serviço militar obrigatório (por mais incrível que pareça que um quartel também possa ser um local de ensino, ele o é...), e ali muitas coisas além da doutrina militar são ensinadas de um modo extremamente eficaz, como fazer com que pessoas diferentes trabalhem juntas, como uma equipe, não um grupo.

Ali aprendi isso, só tomei o cuidado de mudar o propósito do trabalho. Cheguei ao ensino superior, e, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, me graduei Arquiteto e Urbanista e iniciei minha vida profissional, abrindo meu escritório, que me ensinou como é o mundo do trabalho e da competição.

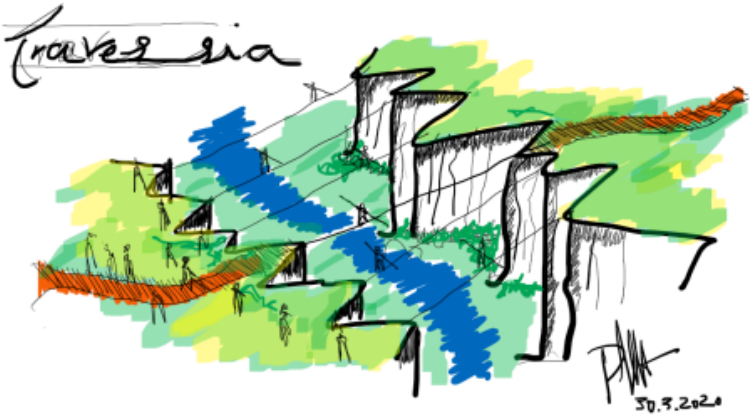


Atravessando os oceanos

Ficar longe de ambientes de ensino me fez perceber que eles me faziam falta, muita falta, então voltei à UFRGS e fiz meu mestrado em Arquitetura com o objetivo de tentar ingressar na vida acadêmica. Ali mesmo iniciei como professor substituto até ser aprovado num concurso para a UCS, onde estou até hoje, e, como quando criança, estava eu na serra novamente, mas dessa vez a Serra Gaúcha, para mais um ciclo formativo, e, na UCS, aprendi, desde o NPU até o Cinted, a ser um professor universitário, não apenas um profissional que leciona.

A cada ano fui me envolvendo mais com nossa instituição e assumi a coordenação do curso, que me levou a construir dois currículos e a conhecer outro aspecto da educação superior: a gestão. Ela me estimulou a voltar a estudar, e fiz o MBA de Gestão do Ensino Superior. Isso me levou a novos caminhos, e esses caminhos me trouxeram ao seminário do Cotidiano do Ensino Superior, com a Professora Nilda Stecanela; e, ao final desse seminário, assumi um compro-

misso de seguir minha formação, e ingressei no programa de doutorado do PPGEdu-UCS.



Até o outro lado do mundo e de volta ao porto

No doutorado, então, tive que, em definitivo, me enxergar como um pesquisador. Admito que tentei ao máximo evitar isso, mas dentro do programa, à medida que as disciplinas iam sendo cumpridas, a tese sendo construída, cada vez mais não sobrava espaço para eu me esconder de, finalmente, admitir que eu era um pesquisador.

Pode parecer uma bobagem, mas para mim não era. Pesquisadores, para mim, eram as pessoas como a minha irmã e meus colegas da universidade, tanto da UCS como da UFRGS, e eu não parecia em nada com eles. Eu construía coisas e pesquisava o necessário para construí-las, e, por alguma razão, para mim essas eram pessoas que em nada se interessavam pelas coisas fúteis do mundo, como empilhar tijolos ou ir a um jogo de futebol. E mesmo lecionar: na minha

concepção, pesquisador não poderia gostar de despender seu tempo lecionando.

Mas não é bem assim, e ao longo dos quatro anos no doutorado conheci pesquisadores como eu, pessoas que veem valor em coisas simples e pesquisam temas que aparecem no seu cotidiano para melhorar a vida de quem está a sua volta, começando pela minha orientadora, passando por vários professores do programa e por alguns colegas. E no meio disso, em algum momento nas aulas do doutorado, eu finalmente me enxerguei como um pesquisador em educação. Finalizo com um trecho da minha conclusão, que explica bem.

E foram todos esses ventos que me trouxeram até aqui. Quando zarpei não sabia ao certo aonde iria chegar, sabia que existia algo além do horizonte, mas não necessariamente o que iria encontrar. Consegui atravessar o oceano, chegar ao outro lado, foi uma jornada muito rica e interessante e repleta de surpresas, e espero ter voltado com o suficiente para que aqueles que aqui esperavam vejam algum valor nesses conhecimentos que não apenas uma aventura. A Figura 25 sintetiza o percurso realizado, como se demonstra a seguir.

Então, como aquele navegador do século XV, não saí para descobertas com toda segurança possível, uma vez que navegar pode ser preciso, mas viver não o é, já dizia Camões. Tinha evidências de que iria encontrar muito conhecimento novo do outro lado, entre eles, o de que a Terra era redonda e que existia de um continente do outro lado do Atlântico.

Então, precisei ir juntando fragmentos, vivenciando-os para, no espaço adequado e ao longo do tempo necessário, começar períodos de continuidade e interação entre o

que estudava nos livros e o que pesquisava à minha volta, construindo meus instrumentos de pesquisa, alguns mais robustos, por terem conhecimento prévio, bem estruturados, alguns mais experimentais, tendo ciência do risco ao construí-los: do mesmo modo que aqueles navegadores desenvolveram suas naus, pequenas o suficiente para serem facilmente manobradas em enseadas fechadas, mas grandes o suficiente para uma exploração longa em mar aberto, com velas capazes de navegar em bolina contra o vento e instrumentos para medir a latitude com boa precisão e a longitude com muita imprecisão, mas não a ponto de impedir o ímpeto de navegar rumo ao desconhecido.

E, da mesma forma, em algum momento me pus a investigar o que ainda não se tinha certeza, como esses navegadores, a navegar rumo ao pôr do sol e chegar ao outro lado, confirmar a existência desse continente e trazer as suas primeiras, ainda que não tão robustas ou completas, evidências da sua existência, para que, vencido o oceano, outros pudessem seguir com mais segurança e explorar com mais cuidado, detalhando cada enseada, praia ou baía que ali encontrassem.

Alguém tem que se arriscar, e atravessar sem saber ao certo se vai conseguir, ou naufragar, ou se de fato vai encontrar algo do outro lado. Então, ao longo desses anos, os ventos me levaram ao outro lado e de volta, e algum conhecimento novo sobre o que me propunha pesquisar voltou junto, e agora já existe algum caminho um pouco mais seguro para ir a esse novo continente e pesquisá-lo com mais precisão. Já se mapeou a rota até lá e já se tem ideia da sua extensão.


24.8.2023

Uma fase de muitas descobertas, reflexões e um crescimento imensurável

Priscila Ghellere[33]

Desde que iniciei o curso de mestrado, me (trans)formei: por meio dos seminários, pude ampliar meu conhecimento sobre a educação, de maneira geral. Além disso, fui lapidando meu olhar sobre o educar, sobre a história e sobre a filosofia educacional.

Nos encontros com a minha querida orientadora, Terciane Ângela Luchese, a quem, carinhosamente, me reporto como Profe Terci, aprendi muito com seu vasto conhecimento e experiência como docente; pude ser ouvida e compreendida. Foi além de orientação: foram momentos os em que me senti à vontade para desabafar e para me inspirar a continuar na minha caminhada como pesquisadora.

Por meio do Grupo de Estudos e Pesquisa, aprendi muito com a contribuição dos colegas, bem como com a experiência, com as vivências e com os conhecimentos passados pelos outros orientadores que também faziam parte do

[33] Data da Defesa: 08/12/2023. Título da Dissertação: uma instituição de educação infantil e sua história, a *nostri bambini* (Vila Flores-RS, 1999-2019). Orientadora: Terciane Ângela Luchese. Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: História das culturas escolares em perspectiva transnacional: sujeitos, saberes, materialidades e práticas educativas entre Brasil e Itália (1875 - 1945). Financiamento: CNPq. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/2e61b9db-12f4-40d7-b8eb-7630b00c5006

referido grupo. Todos, com seu vasto conhecimento, contribuíram de maneira considerável para a minha caminhada como pesquisadora.

Participei de eventos durante o período de realização do mestrado, os quais enriqueceram ainda mais minha caminhada como acadêmica e como pesquisadora. Recordo de uma bela visita à Bienal de Porto Alegre, onde pudemos ampliar nosso olhar sobre a história da arte e sobre sua relação com a educação. Também promovemos uma exposição com memórias da educação no município de Nova Prata. Essa, assim como as demais, foi uma experiência riquíssima, na qual eu, juntamente de outras colegas, fomos agentes no processo de montagem da exposição de objetos antigos que narraram diferentes épocas da educação e das escolas, propriamente, na nossa região.

Durante o período em que cursei o mestrado, pude ampliar muito o meu conhecimento mediante leituras. Algumas delas fui em busca de maneira autônoma, ao passo que outras foram sugeridas pelos professores. Todas elas foram pertinentes e somaram-se ao meu conhecimento. Devo ressaltar o papel fundamental da Professora Terciane na sugestão das leituras. Todas elas vieram ao encontro do nosso processo de pesquisa e foram fundamentais para inspirar a produção e fundamentar minha Dissertação.

Outra experiência maravilhosa que o Mestrado em Educação me proporcionou foi o estágio em docência. Essa experiência me transformou! Pude vivenciar e experenciar a docência no Ensino Superior. Isso me instigou ainda mais a seguir no caminho de pesquisadora. Pretendo seguir para

o Doutorado e, quem sabe um dia, realizar meu sonho de ser professora universitária.

Nem tudo são flores. Essa expressão é propícia! Por vezes pensei em desistir, achei que não conseguiria concluir com êxito. Afinal, precisei sacrificar finais de semana, feriados, noites de sono e momentos de lazer com a minha família, em especial com a minha filha, que, quando iniciei o referido percurso acadêmico, tinha dois anos de idade. Foram momentos desafiadores. Por vezes chorei sozinha, mas também ia me consolando. Superei!

Foi uma fase de muitas descobertas, reflexões e um crescimento imensurável! Tanto na vida pessoal quanto na profissional. Recordo-me de ouvir de uma professora muito querida, no primeiro dia de aula do mestrado, em Nova Prata, a seguinte frase: "Já conclui o Pós-doutorado, mas nada se compara ao mestrado. O mestrado foi um divisor de águas na minha vida. Eu era uma pessoa antes e me tornei outra depois. Um dia vocês vão entender o que eu estou dizendo".

Hoje eu entendo perfeitamente o que aquela professora estava dizendo, pois posso afirmar que o mestrado é transformador. Hoje sou muito mais reflexiva, crítica, cautelosa e cuidadosa com minhas palavras e ações. E tenho certeza que me tornei essa pessoa no decorrer do tempo em que estive pesquisando. Assim, afirmo que me (trans)formei de maneira integral.

São muitos ensinamentos. Muitas lições. E um aprendizado gigantesco. Quando iniciei na pesquisa, meu objetivo era realização profissional, hoje percebo que fui muito além, pois a experiência me transformou como pessoa. Muitas

coisas ressignifiquei, e as experiências que não foram tão benéficas, encaro como aprendizado.

Durante o período do curso, houve muitos encontros e desencontros. Carrego comigo muitas amizades que conquistei, afinal éramos um grupo unido, no qual tínhamos momentos de escuta, desabafo, desencontros, mas sempre um apoiando o outro, e, juntos, iniciamos e terminamos o percurso. Uns mais cedo; outros depois de mim. Mas o importante é que não deixamos nenhum colega pelo caminho. Todos vencemos!

Por fim, reflito sobre o que me move, sobre minhas pretensões e sobre meu futuro. Confesso que ainda não sei exatamente quando, mas sinto que está cada vez mais próximo o meu ingresso no doutorado. Já sinto saudades daquela rotina intensa de estudos e de aprendizado. Estou tomando fôlego para dar mais um passo acadêmico. Por hora, agradeço pela pessoa que me tornei, pelas pessoas maravilhosas que cruzaram meu caminho. Espero sinceramente ter ajudado de alguma forma meus colegas, assim como eles me ajudaram. Levo um pouquinho de cada um em mim, sem nunca mudar a minha essência. À querida profe Terci, minha admiração e gratidão.

Um processo profundo de transformação pessoal e acadêmica

Rejane Maria Nascimento Kravetz[34]

Desde que iniciei o mestrado em Educação, passei por um processo profundo de transformação pessoal e acadêmica. Nos seminários, aprendi a valorizar a troca de ideias e a respeitar diferentes perspectivas. As sessões de orientação me proporcionaram um espaço seguro para discutir minhas angústias e incertezas, permitindo que eu me fortalecesse e encontrasse clareza em meio aos desafios.

Os grupos de estudos e de pesquisa foram fundamentais para o meu crescimento. Neles, compartilhei e recebi conhecimentos que ampliaram minha visão sobre a Educação, instigando reflexões que eu não havia considerado antes. A convivência com colegas e professores nos eventos acadêmicos também foi enriquecedora; as discussões acaloradas e as trocas sinceras ficaram gravadas em minha memória e me impulsionaram a explorar novas áreas.

[34] Data da Defesa da Dissertação: 27/08/2021. Título da Dissertação: Letramento Digital na formação inicial do pedagogo: o olhar dos discentes. Orientadora: Carla Beatris Valentini. Linha de pesquisa: Educação, Linguagem e Tecnologias. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Tecnologia e educação: perspectivas para transformação e potencialização dos processos de ensino e de aprendizagem. Financiamento: Subsídio financeiro da Universidade de Caxias do Sul (desconto de funcionário/professor). Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/695a3259-2b0b-4ae6-a556-608b884455eb

As leituras me levaram a confrontar teorias e práticas, levando a um amadurecimento crítico. As apresentações públicas, inicialmente desafiadoras, tornaram-se oportunidades de expressão e de autoconfiança. Nos encontros e desencontros, aprendi que o processo de aprendizagem nem sempre é linear; às vezes, é cheio de nuances e revelações.

As dificuldades, sem dúvida, me marcaram. Cada obstáculo enfrentado trouxe lições valiosas, e as superações me ensinaram a importância da resiliência. Os diálogos com minha orientadora, Profa. Carla Beatriz Valentini, com minha coorientadora, Profa. Adriana Boeira, e com os colegas me ajudaram a ver o valor da escuta atenta e do olhar empático, habilidades que pretendo cultivar em minha prática futura.

Agora, ao refletir sobre o que me atravessa e sobre o permanece, percebo que a busca pela compreensão do outro e a paixão por transformar a Educação continuam a ser meus pilares. A expectativa de contribuir para uma prática educacional mais inclusiva e crítica me move. Estou ansiosa para aplicar o que aprendi e para continuar aprendendo com todos aqueles que encontrarei no meu caminho.

A tese como processo: saberes, encontros, criações e transformações

Samanta Vanz[35]

Neste início do mês de outubro, pego-me olhando pela janela enquanto penso sobre os caminhos que me trouxeram até este momento, no processo que se revelou uma experiência de transformação pessoal e intelectual, refletindo as complexidades da pesquisa e as múltiplas aprendizagens vivenciadas. Sou uma egressa do programa – uma recém-egressa! –, mas considero que há muito em mim daquilo que forma o PPGEdu: as pessoas.

Durante o processo de doutoramento, pude experienciar diferentes momentos, sejam de diálogos intensos, sejam de escutas atentas, sejam também de silêncios cheios de significado, nos quais as incertezas e os dilemas acadêmicos pediam espaço. Mas, em todos esses cenários, os sujeitos sempre se fizeram presentes. Não como meros coadjuvantes numa intrincada narrativa, mas como meus correlatos, outros

[35] Data da Defesa da Tese: 05/08/2024. Título da Tese: Grupos Escolares Municipais de Caxias do Sul (1943-1951): espaço, tempo e culturas escolares. Orientador: José Edimar de Souza. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Grupo Escolar no Vale do Sinos e na Serra Gaúcha no Século XX: Histórias, Culturas e Práticas; Grupo Escolar no Rio Grande do Sul no Século XX: Culturas e Práticas em perspectiva regional. Financiamento: CAPES. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/dff63a28-c76e-4e7a-b9de-1a552873e94f

protagonistas, que me ajudaram no percurso de pesquisa enquanto realizavam seus próprios movimentos.

Durante o período de estudos, optei por investigar a temática dos grupos escolares municipais de Caxias do Sul. A história das instituições, as memórias daqueles que se estabeleceram nos espaços destas escolas primárias. Como todo "objeto de pesquisa", em um primeiro momento, esse foi tratado com o distanciamento que o processo historiográfico exige, com o olhar atento do pesquisador que, por meio das fontes e documentos, procura os vestígios de possíveis narrativas.

Porém, esse distanciamento logo deu espaço a um outro sentimento – o de pertencimento. Como pontuei na escrita final de minha tese: "ao mesmo tempo em que olhei para estes grupos escolares com as lentes de uma pesquisadora (que investiga, que questiona, que procura), também usei as lentes da designer, que projeta, que monta, que cria"[36]. Apropriei-me não apenas de conceitos e autores, mas também de um *saber fazer*, da pesquisa que se constitui na prática, na troca e na experiência.

E essa escolha não foi apenas sobre um objeto de pesquisa; foi sobre uma forma de enxergar o mundo: por meio da pesquisa, fui costurando narrativas, tecendo ideias, recortando dados e colando fragmentos históricos que deram vida à minha tese. No percurso da pesquisa e da escrita, também percebi que investigar é um processo criativo – criamos a partir de nós e de nossa intersecção com os outros. Foi o

[36] VANZ, Samanta. Grupos escolares municipais de Caxias do Sul (1943-1951): espaço, tempo e culturas escolares. 2024. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2024. Disponível em: https://repositorio.ucs.br

diálogo entre os pares, as fontes e as diferentes perspectivas que me permitiu adentrar um processo criativo, em que pesquisar era não apenas buscar respostas, mas formular novas questões, refletir sobre as práticas e os sujeitos envolvidos e projetar novas formas de compreensão.

Foi nesse processo que encontrei um significado mais profundo na criação, conforme descrito por Fayga Ostrower[37]: "criar significa um processo vivencial que abrange uma ampliação da consciência; tanto enrique espiritualmente o indivíduo que cria, como também o indivíduo que recebe a criação e recria para si". Ao longo da pesquisa, essa ampliação da consciência se fez presente, não só por meio da produção do conhecimento, mas também mediante o impacto que cada nova descoberta teve sobre mim, como pesquisadora e indivíduo. E, ouso dizer, em como isso ecoou nas demais pessoas que compartilharam espaços e momentos comigo.

Estando aberta ao processo e aos sujeitos que por ele passaram, também me permiti estar aberta à experiência da pesquisa e da escrita. Encontrei um lugar de fala na História da Educação de Caxias do Sul ao compreender que é preciso ressoar as vozes que fazem parte desse contexto. Encontrei minha forma de escrita ouvindo as pessoas que fazem parte do PPGEdu. Há, na beleza de um relato histórico, o entendimento de que ali estão os resultados de nossas escolhas e da forma como interpretamos um espaço e um tempo do qual não fazemos parte. Nas diversas possibilidades que se fazem existentes entre as escolhas que temos, confortou-me utilizar as colagens como um recurso que projetou uma

[37] OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 2014.

ponte entre a pesquisadora e a *designer*. Há algo de lúdico na investigação histórica que é fácil de se perder entre tantos manifestos de seriedade que a academia convenciona, e usar as colagens foi minha forma de estabelecer um diálogo de paz entre estes dois mundos.

Confesso que não foi um processo fácil (convido aqui a se manifestarem aqueles que dizem o contrário!); mas, assim como qualquer percurso que nos muda, aquilo que vivenciamos faz parte de nosso amadurecimento. Experienciar a vida acadêmica é produzir conhecimento, e ser transformada por ele reverbera em nossas práticas diárias, em nossas interações com o mundo e, principalmente, na forma como nos posicionamos como pensadores e criadores. Nas trocas com colegas e com os professores se cria um espaço de acolhimento, de reconhecimento mútuo. Por mais que a escrita seja um processo individual, ela nunca é solitária, porque carregamos os ecos de nossas interações ao digitar no teclado do computador.

No PPGEdu aprendi muito mais do que estava explícito nas leituras e debates que fazem parte de um currículo acadêmico; nos corredores, nas salas de aula (sejam elas presenciais ou virtuais), nos grupos de discussões, nos eventos, nas pausas para o café – nesses espaços, tempos e momentos informais, sempre houve oportunidade de aprender com as experiências dos outros, suas histórias, suas próprias trajetórias. Permito-me soar piegas e afirmar que, ao finalizar o processo de doutorado e os movimentos realizados para a escrita da tese, reconheço os reflexos desses momentos na maneira como se materializou minha percepção acerca das culturas escolares.

Ao olhar para o meu percurso, enxergo a transformação que se deu em diferentes esferas. O doutorado foi o despertar de novas inquietações, uma ampliação da minha percepção sobre o que significa investigar, ensinar e, sobretudo, aprender. Essa caminhada, que começou com o desafio de defender uma tese, agora se desdobra em um compromisso contínuo de diálogo com o conhecimento e com as práticas que moldaram minha jornada acadêmica.

Convido os futuros egressos a se permitirem viver esse processo de transformação e criação, porque, assim como foi para mim, acredito que ele enriquece não apenas o pesquisador, mas também todos aqueles que tocam o conhecimento produzido ao longo desse caminho.

Saudações.

Nas fases da lua, a transformação de uma professora

Schayla Letyelle Costa Pissetti[38]

Em minha tese de Doutorado, fiz uma analogia de minha trajetória na Educação com os movimentos e as fases da lua. Assim como a lua passa por diferentes fases, minha vida, especialmente em se tratando da trajetória profissional na Educação, passou, e ainda passa, por diferentes fases e transformações.

Iniciei minha carreira na docência sendo uma professora "lua cheia", acreditando, inocentemente, e talvez até de forma pretensiosa, que sabia tudo, e que aquilo que eu havia vivido lecionando em escolas particulares era suficiente para me dar embasamento teórico e prático na área da Educação. Mas, assim como na sequência de fases da lua, após a lua cheia, vem a lua minguante. Ingressar no ensino público, ver e viver realidades contrastantes, me fez enxergar que eu não fazia ideia de tudo aquilo que compunha, de fato, a Educação. Nesse movimento de equívocos, descobertas, incertezas e desencontros, entrei em minha segunda fase,

[38] Data da Defesa: 12/05/2022. Título da Tese: Ecos e ressonâncias de movimentos cartográficos em cotidianos profissionais: a Etnomatemática inspirando práticas educativas para o ensino da Matemática. Orientadora: Eliana Maria do Sacramento Soares. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Cartografando o fluir da ação educativa no contexto da cultura digital e híbrida contemporânea. Financiamento: Apoio Secretaria Estadual de Educação/SC. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/8db9e90f-2359-4703-ad7e-e97d217bc499

a "minguante". Me sentia desanimada, retraída, desmotivada e perdida naquele contexto que me parecia tão distante de tudo o que eu já havia visto. Perdi as contas de quantas vezes pensei em desistir, e percebi que era hora de me transformar ou de tomar novos rumos.

Para que eu pudesse superar a dicotomia vivida entre o que eu já conhecia e aquilo que eu precisava conhecer, mas que ainda me parecia muito distante, precisei entrar em uma nova fase, a "Crescente". Assim como a lua não tem brilho próprio, e precisa do sol para brilhar, também contei com muita gente para iluminar minha trajetória e me permitir crescer. Retomar os estudos me auxiliou a entrar nessa nova fase e a enxergar além do que meus olhos, em minha visão limitada, permitiam que eu visse. Ingressar no *stricto sensu* me resgatou, impediu que eu me sabotasse e que eu desistisse da carreira na docência. Hoje, só consigo pensar "que bom que não desisti!".

Desde minhas memórias mais remotas, embarcando em minhas lembranças mais primitivas, recordo ser uma pessoa curiosa que tentava compreender aquilo que as camadas mais superficiais das circunstâncias não desvelavam. A cada descoberta e a cada entendimento, uma nova perspectiva e novas ideias em que pensar. Ingressar no curso de doutorado, para mim, foi avançar mais um degrau de transformação daquilo que sei, daquilo que sinto e daquilo que penso, de forma que as leituras, as escutas, os gestos do que não foi dito, os encontros e os desencontros me permitissem alcançar essa compreensão, especialmente porque pude pesquisar exatamente aquilo que eu queria compreender, tendo alicerce teórico e orientação para encontrar o caminho.

Participar de seminários, de orientações, fazer leituras que provocam, que fazem sentir e inquietar, procurar compreender outros pontos de vista, composições de mundo diversas, permite que possamos praticar a aceitação e o acolhimento do legítimo outro, tão imprescindível à docência. Como me questionou D'Ambrosio (2020), "Você está preparada para ser aluna do seu aluno? Para escutá-lo? Para aceitá-lo como um legítimo outro?" (Ubiratan D'Ambrosio, em conversa comigo, 28 out. 2020).

Ao longo de minha pesquisa de doutorado, busquei, na trajetória de vida de três pessoas com pouco estudo formal, compreender como eles utilizavam ideias matemáticas enquanto desenvolviam suas atividades profissionais. Como a matemática utilizada e desenvolvida por essas pessoas é um saber que foi sendo elaborado em suas atividades diárias, sem a formalidade do saber institucionalizado, ela é um conhecimento etnomatemático, visto que nenhum deles contava com estudos aprofundados que fossem suficientes para embasar suas práticas profissionais, especialmente aquelas relacionadas à matemática. Por meio do acompanhamento das experiências vividas por esses sujeitos, procurei inspirações da Etnomatemática para propor práticas educativas escolares que fossem capazes de valorizar o contexto educacional, bem como o cotidiano discente.

No decorrer do meu estudo, procurei trazer diferentes perspectivas que a Etnomatemática é capaz de assumir e as diferentes abordagens pedagógicas utilizadas. Busquei ideias, textos, artigos e autores que pudessem me fazer expandir minhas visões de mundo, ampliando os horizontes que eu enxergava, me desconstruindo enquanto me refazia. Aprendi

muito vivendo as experiências de cartografar em diferentes contextos, acompanhando as tramas e os movimentos que compõem a vida dos sujeitos pesquisados, os responsáveis pelas maiores reflexões acerca da construção das ideias matemáticas no desenvolvimento de suas atividades profissionais.

Eu tinha conhecimento da Matemática desenvolvida na escola, mas ver a sua construção autônoma, além dos muros escolares, é fascinante. Escrevi sobre a importância de valorizar as experiências, as vivências e o contexto de nossos alunos. Salientei a importância de conseguir me comunicar com o meu aluno, de ser e estar acessível às suas necessidades. Falei sobre a ideia da enculturação e da alfabetização científica como facilitadores da leitura do mundo. Entendi que o aluno precisa pertencer, precisa se sentir parte, ou a aprendizagem se resumirá à mera reprodução de ideias prontas. Entretanto, acima de tudo, finalizei o doutoramento muito mais consciente do meu papel como professora e do reflexo das minhas ações, da minha dinâmica em sala de aula e das escolhas que faço ao ensinar.

Acredito que esse seja o principal objetivo de eu procurar ser uma eterna pesquisadora: o desvelar, a retirada das vendas que eu mesma havia me colocado, restringida pelos muros da escola e pelas minhas crenças limitantes. Ao cartografar, aprendi que não preciso criar uma situação de aprendizagem, pois ela está acontecendo a todo o momento, em todos os lugares, basta que meu olhar atento esteja disposto a acompanhar os movimentos que a constituem. Como menciona D'Ambrosio (2009, p. 46):

> Vejo como a nossa grande missão, enquanto educadores, a preparação de um futuro feliz. E, como educadores matemáticos, temos que estar em sintonia

> com a grande missão do educador. Está pelo menos equivocado o educador matemático que não percebe que há muito mais na sua missão de educador do que ensinar a fazer continhas ou a resolver equações e problemas absolutamente artificiais, mesmo que, muitas vezes, tenha a aparência de estar se referindo a fatos reais.

Ao longo do desenvolvimento do curso, as dificuldades também se fizeram presentes. Em meio a uma pandemia, mais do que um período de adaptações e de aprendizagem relacionada ao uso de novos recursos, a insegurança e a incerteza se fizeram presentes. Precisei repensar minhas práticas, em como aprendo e em como ensino. Além disso, precisei tomar decisões relacionadas a minha pesquisa e a minha escrita. Foi necessário trabalhar com autoconfiança, tomando iniciativas que endossavam a minha autonomia discente.

Entre a liberdade e a responsabilidade da autonomia que se construía em um período pandêmico, de forma exploratória, crítica, com criatividade e com o uso de recursos tecnológicos, escrevi a minha tese. Ainda que as dificuldades estivessem presentes, a alegria de conseguir alcançar meus objetivos foi a grande motivadora desse processo. Analisando tudo o que vivi, percebo que cada movimento vivido e cada fase desfrutada me tornaram a pessoa, a pesquisadora e a professora que sou. Assim como a lua está em constante mudança, também precisamos aprender sobre flexibilidade, adaptação e resiliência.

Além de todo o conhecimento e de toda a experiência adquirida, cursar o Doutorado em Educação me abriu portas e propiciou que eu vivesse experiências sem precedentes: Participei de diversos eventos, lancei livros, fui premiada

nacionalmente com um projeto integrador na área da Matemática, publiquei artigos, palestrei, organizei capacitações, e agora, finalmente, me encaminho para o estágio de pós-doutoramento, na UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina).

Estudar de maneira mais profunda me permitiu "crescer" de uma forma que eu pudesse ver além dos horizontes que eu já havia vislumbrado. Certa de minhas incompletudes e fragilidades, mas buscando aprender, crescer e fazer a diferença. Hoje eu me considero uma "lua nova", não por me achar completa ou autossuficiente, nem por achar que aprendi tudo o que preciso, mas por entender que sou feita de ciclos, de caminhos e de movimentos.

Ademais, finalizo essa escrita com um desejo – escrito no plural –, pensando na responsabilidade que temos como profissionais da educação, especialmente daqueles que escolheram seguir pesquisando, refletindo e procurando ser melhores a cada dia. O que nos move? Espero que sejamos uma referência, um guia, assim como a lua foi, durante muito tempo, para os navegadores. Que saibamos influenciar positivamente, assim como a lua influencia as marés e as plantações. E, mais do isso, que possamos aceitar cada fase e movimento como parte daquilo que somos. A professora Schayla que finalizou o curso de doutorado não é a mesma que iniciou. Certamente é uma nova professora.

Referências

D'AMBROSIO, U. *Etnomatemática*: elo entre as tradições e a modernidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

O que me move...

Simone Maria Spanhol[39]

Desde que iniciei meu curso de Mestrado em Educação, percebo que aconteceu uma transformação profunda em minha experiência, por meio dos seminários, dos congressos, das aulas e dos demais meios de discussão em que estive presente e participei ativamente. Estes espaços de troca acadêmica se tornaram fundamentais para o meu processo de aprendizagem e reflexão. Mediante escutas atenciosas e diálogos intensos, fui, aos poucos, assimilando ideias, conceitos e sensibilidades que, de alguma forma, passaram a compor quem sou hoje. O que mais me atravessa e permanece é a ênfase na arte. Ela não apenas molda o meu olhar sobre o mundo, mas também é o meio pelo qual me relaciono com as questões que surgem em meu dia a dia de sala de aula. A arte, para mim, é um filtro e uma lente, uma forma de traduzir e de expressar o que os outros deixaram em mim. As contribuições dos colegas e dos textos discutidos me modificam, me impulsionam a pensar mais profundamente, a me desafiar. O que eu espero desse processo, mais do que alcançar um resultado acadêmico, é continuar me movendo pela busca do conhecimento, pelo desejo de entender mais sobre o que me afeta e o que me

[39] Data da Defesa: 20/03/2024. Título da Dissertação: A desenhografia de um movimento. Orientadora: Sônia Regina da Luz Matos. Linha de pesquisa: História, Filosofia e Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Pedagogia da diferença. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/items/586eba01-9c22-4bed-87b5-8f18052f2c85

fascina. É o desejo de investigar como a arte pode continuar sendo essa via de conexão entre as subjetividades que encontro e a minha própria. O que me move, portanto, é essa curiosidade incansável, essa vontade de transformar as discussões e as escutas em algo que ultrapassa o debate acadêmico e se torna uma parte essencial da minha própria trajetória pessoal e profissional.

O que encanta na arte é a sua capacidade de expressar o indizível, de trazer à tona emoções, experiências e perspectivas que, muitas vezes, escapam à linguagem comum. A arte é, para mim, um espaço de liberdade no qual posso explorar minhas inquietações e percepções mais profundas. Ela me proporciona não apenas um meio de criação, mas também uma forma de compreensão e de interpretação – um campo em que o sensível e o intelectual se encontram e se complementam. Não há nada mais belo que contemplar ou poder criar uma obra de arte...

Além disso, a arte me move por sua habilidade de conectar pessoas e ideias. Ela cria pontes entre o íntimo e o coletivo, entre o particular e o universal. Por meio da arte, posso dialogar com diferentes tempos, culturas e visões de mundo, absorvendo o que é dos outros e transformando em algo novo dentro de mim. Esse movimento de troca e de transformação constante é o que alimenta minha prática e minha reflexão. A busca por entender como essas conexões se formam e de que maneira a arte pode traduzir realidades complexas é o que me instiga a continuar. A arte, para mim, é uma viagem contínua de autodescoberta e de descoberta do outro, em que cada obra, cada gesto criativo, é uma nova

oportunidade de explorar o que nos move internamente e o que nos conecta externamente.

Entre leituras e escritas: fragmentos de uma trans-formação em

Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju[40]

Trata-se de ter sido atravessada – frente e verso – pelas leituras e pelas escritas que habitaram os Seminários do PPGEdu pela linha de pesquisa História e Filosofia da Educação. Esse atravessamento, por sua vez, estabeleceu vizinhança tanto com a Literatura quanto com a Filosofia e pôde disseminar junto ao grupo de pesquisa Pedagogia da Diferença uma multiplicidade de tensionamentos no modo pelo qual, ora sim, ora não, se lê e se escreve em educação.

Trata-se de ter sido amalgamada – sem dúvida ou hesitação – pelas leituras e pelas irrompidas entre professores (as) – pesquisadores (as), que lendo e escrevendo a si, escrevem também uma outra educação. Para tanto, escrever a leitura (Barthes, 2012) instaura uma certa recusa a apenas compreender; na medida que se mostra viva diante das palavras de agonia, diante dos prazos poentes, diante dos índices de produtividade e das bacias de água. Tudo isso erigiu um território coletivo e solar para enfrentar os desafios de ler, de escrever e pesquisar que, por sua vez, não está apartado do publicar, publicar, publicar.

[40] Data da Defesa: 14/11/2023. Título da Tese: Literaturar: uma escrita pelo ato. Orientadora: Sônia Regina da Luz Matos. Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação. Projeto de pesquisa ao qual a investigação está vinculada: Pedagogia da Diferença. Financiamento: CNPq. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/13153

Trata-se de ter sido filigranada – em desespero de cartilagem – pelos riscos dos instantes lustrosos de indecisão, ou seja, pela relutância misturada a um certo tipo de veemência capaz de obliterar, minimamente, os anseios de servidão e a secura da utilidade que tomam a escrita acadêmica em educação, enclausurando-a entre a compreensão e a submissão às normas.

Trata-se de ter sido conduzida – isenta da verborragia explicativa – pelas Mãos de Jorge (2019). Mãos que se mostraram livres de empecilhos e de mágoas. Elas transbordaram a escrita em gesto; a fim de fazer desenrolar uma genealogia junto às matérias da tradição histórica e da filosófica. Logo, deixei-me conduzir por um amor-amém liso e estriado, isto é, deixei-me hifenizar por essas duas tradições, que, ao estabeleceram um diálogo com miríade de autores, pôde manejar uma diversidade de fontes e, assim, fez irromper minuciosos exercícios de leitura e escrita (Maruju, 2023) junto à escrita acadêmica em educação.

Trata-se, nesse momento, de reiterar essas trans-formações; para ler e escrever como um ato político, ético e estético junto ao PPGEdu da UCS. Este ensaio é disparado pelo convite do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul a UCS para escrever os "Balanços da (auto)transformação em pesquisa". Trata-se, portanto, de uma escrita que busca expressar o quanto a leitura e a escrita de adjetivância acadêmica constitui-se como elemento principal de uma formação que começa já na Iniciação Científica.

Referências

BARTHES, R. Escrever a leitura. *In*: BARTHES, R. *O rumor da língua*. Trad. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 26-29.

Ó, J. R. *Fazer à mão*: por uma escrita inventiva na universidade. Lisboa: Editora do Saguão, 2019.

MARUJU, V. C. P. S. *Literaturar*: uma escrita pelo ato. 2023. 258 f. Tese (Doutorado) – Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2023. Disponível em: https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/13153. Acesso em: 8 out. 2024.

UCS
UNIVERSIDADE
DE CAXIAS DO SUL

UCS | EDUCS
EDITORA

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

- **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
- **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
- **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
- **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
- **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
- **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
- **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
- **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
- **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
- **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.

EDUCS

Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.

UCS | EDUCS EDITORA 50 ANOS